This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

Sir Thomas Gage Bar.t
Hengrave Hall, Suffolk.

275 b. 32

CARAMURÚ.

POEMA EPICO
DO
DESCUBRIMENTO
DA
BAHIA,
COMPOSTO
POR

Fr. JOSÉ DE SANTA RITA
DURÃO,
Da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural da Cata-Preta nas Minas Geraes.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M. DCC. LXXXI.
Com licença da Real Meza Censoria.

Sir Tho.^s Gage Bar.^t
Hengrave.

Et quoniam Deus ora movet; sequar ora moventem.
Rite Deum.

Ovid. Metamorph. XV.

LIBRARY OF THE TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
21 JAN 1936
OF OXFORD

REFLEXÕES PREVIAS,

E

ARGUMENTO.

OS ſucceſſos do Brazil não merecião menos hum Poema, que os da India. Incitou-me a eſcrever eſte o amor da Patria. Sei que a minha Profiſſão exigiria de mim outros eſtudos; mas eſtes não são indignos de hum Religioſo, porque o não forão de Biſpos, e Biſpos Santos; e o que mais he, de Santos Padres, como S. Gregorio Nazianzeno, São Paulino, e outros; maiormente, ſendo eſte Poema ordenado a pôr diante dos olhos aos Libertinos o que a natureza inſpirou a homens, que vivião tão remotos das que elles chamão *preoccupações de eſpiritos debeis*. Opportunamente o inſinuamos em algumas Notas: uſamos ſem eſcrupulo de nomes tão barbaros: os Alemães, Inglezes, e ſimilhantes não parecem menos duros aos noſſos ouvidos; e os noſſos aos ſeus. Não faço mais apologias da

A ii Obra,

Obra, porque eſpero as reprehensões, para, ſe for poſſivel, emendar os defeitos, que me envergonho menos de commetter, que de deſculpar.

A acção do Poema he o deſcubrimento da Bahia, feito quaſi no meio do Seculo XVI. por Diogo Alvares Correa, nobre Vianez, comprehendendo em varios epiſodios a Hiſtoria do Brazil, os Ritos, Tradições, Milicias dos ſeus Indigenas, como tambem a Natural, e Politica das Colonias.

Diogo Alvares paſſava ao novo deſcubrimento da Capitanía de S. Vicente, quando naufragou nos baixos de Boipebá, vizinhos á Bahia. Salvárão-ſe com elle ſeis dos ſeus companheiros, e forão devorados pelos Gentios Antropofagos, e elle eſperado, por vir enfermo, para melhor nutrido ſervir-lhes de mais goſtoſo paſto. Encalhada a náo, deixárão-no tirar della polvora, bala, armas, e outras eſpecies, de que ignoravão o uſo. Com huma eſpingarda matou elle caçando certa ave, de que eſpantados os Barbaros o acclamárão *Filho do trovão*, e *Caramurú*, iſto he, *Dragão do mar*. Combatendo com

os

os Gentios do Sertão, venceo-os, e fez-se dar obediencia daquellas Nações barbaras. Offerecêrão-lhe os Principaes do Brazil as suas filhas por mulheres; mas de todas escolheo Paraguaçú, que depois conduzio comsigo á França; occasião, em que outras sinco Brazilianas seguírão a náo Franceza a nado, por acompanhallo, até que huma se affogou; e intimidadas as outras, se retirárão.

Salvou hum navio de Hespanhoes, que naufragárão, com o que mereceo, que lho agradecesse o Imperador Carlos V. com huma honrosa carta. Passou á França em náo, que alli abordou daquelle Reino; e foi ouvido com admiração de Henrique II.; que o convidava para em seu nome fazer aquella Conquista. Repugnou elle, dando aviso ao Senhor D. João III. por meio de Pero Fernandes Sardinha, primeiro Bispo da Bahia. Commetteo o Monarca a empreza a Francisco Pereira Coutinho, fazendo-o Donatario daquella Capitanía. Mas este não podendo amançar os Tupinambás, que habitavão o Reconcavo, retirou-se á Capitanía dos Ilheos; e pacificado depois com os

Tu-

Tupinambás, tornava á Bahia, quando alli infaustamente pereceo em hum naufragio. Em tanto Diogo Alvares assistio em París ao Baptismo de Paraguaçú sua esposa, nomeada nelle Catharina, por Catharina de Medicis, Rainha Christianissima, que lhe foi Madrinha, e tornou com ella para a Bahia; onde foi reconhecida dos Tupinambás, como herdeira do seu Principal, e Diogo recebido com o antigo respeito. Teve Catharina Alvares huma visão famosa, em que a Virgem Santissima manifestando-se-lhe cheia de gloria, lhe disse, que fizesse restituir huma Imagem sua roubada por hum Salvagem. Achou-se esta nas mãos de hum Barbaro; e Catharina Alvares com exclamações de júbilo se lançou a abraçalla, clamando ser aquella a Imagem mesma, que lhe apparecêra: foi collocada com o titulo de Virgem Santissima da Graça em huma Igreja, que he hoje Mosteiro de S. Bento; célebre por esta tradição. Chegou em tanto de Portugal Thomé de Sousa com algumas náos, familias, e tropas para povoar a Bahia. Sebastião da Rócha Pitta, Author da Historia Brazilica, e natural

da

da meſma Cidade, aſſevera que Catharina Alvares renunciára no Senhor D. João III. os direitos, que tinha ſobre os Tupinambás, como herdeira dos ſeus maiores Principaes: elle meſmo atteſta, que aquelle Monarca mandára aos ſeus Governadores, que honraſſem, e attendeſſem Diogo Alvares Correa Caramurú pelos referidos ſerviços; e foi com effeito elle o tronco da Nobiliſſima Caſa da Torre na Bahia; e Catharina Alvares *ſua mulher foi honrada* por aquel*la Metropole* com hum ſeu Retrato ſobre a porta da caſa da polvora ao lado das Armas Reaes. Lea-ſe Vaſconcellos na Hiſtoria do Brazil, Franciſco de Brito Freire, e Sebaſtião da Rócha Pitta.

CA-

O capital não era denominado
Bahia do nome do Crioe –
Ouvero do filho di Frevão

CARAMURÚ.

POEMA EPICO.

CANTO I.

I.

De hum Varão em mil casos agitado,
Que as praias discorrendo do Occidente,
Descubrio o Reconcavo affamado
Da Capital Brazilica potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube á fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço Heróe quem nella he forte.

II.

Santo Esplendor, que do grão Padre manas
Ao seio intacto de huma Virgem bella;
Se da enchente de luzes Soberanas
Tudo dispensas pela Mãi Donzella;
Rompendo as sombras de illusões humanas,
Tu do grão caso a pura luz revéla;
Faze que em ti comece, e em ti conclua
Esta grande Obra, que por fim foi tua.

III.

III.

E vós, Principe excelſo, do Ceo dado
Para baſe immortal do Luſo Throno;
Vós, que do áureo Brazil no Principado
Da Real ſucceſsão ſois alto abono;
Em quanto o Imperio tendes deſcançado
Sobre o ſeio da paz com doce ſonno,
Não queirais dedignar-vos no meu metro
De pôr os olhos, e admitillo ao ſcetro.

IV.

Nelle vereis Nações deſconhecidas,
Que em meio dos Sertões a Fé não doma;
E que puderão ſer-vos convertidas
Maior Imperio, q̃ houve em Grecia, ou Roma;
Gentes vereis, e Terras eſcondidas,
Onde ſe hum raio da verdade aſſoma,
Amanſando-as, tereis na turba immenſa
Outro Reino maior que a Europa extenſa.

V.

Devora-ſe a infeliz miſera Gente,
E ſempre reduzida a menos terra,
Virá toda a extinguir-ſe infelizmente;
Sendo em campo menor maior a guerra.
Olhai, Senhor, com reflexão clemente
Para tantos Mortaes, que a brenha encerra;
E que, livrando deſſe abyſmo fundo,
Vireis a ſer Monarca de outro Mundo.

VI.

Principe do Brazil, futuro dono,
A' Mái da Patria, que administra o mando,
Ponde, excelso Senhor, aos pés do Throno
As desgraças do Povo miserando:
Para tanta esperança he o justo abono,
Vosso titulo, e nome, que invocando,
Chamará, como a outro o Egypcio Povo,
D. José Salvador de hum Mundo novo.

VII.

Nem podereis temer, que ao santo intento
Não se nutrão Heróes no Luso povo,
Que o antigo Portugal vos apresento
No Brazil renascido, como em novo.
Vereis do domador do Indico assento
Nas guerras do Brazil alto renovo,
E que os seguem nas bellicas idéas
Os Vieiras, Barretos, e os Correas.

VIII.

Dai por tanto, Senhor, potente impulso,
Com que possa entoar sonoro o metro
Da Brazilica gente o invicto pulso,
Que augmenta tanto Imperio ao vosso Sceptro:
E em quanto o Povo do Brazil convulso (1)
Em nova lyra canto, em novo pletro;
Fazei que fidelissimo se veja
O vosso Throno em propagar-se a Igreja.

IX.

IX.

Da nova Lusitánia o vasto espaço
Hia a povoar Diogo, a quem bisonho
Chama o Brazil, temendo o forte braço,
Horrivel filho do trovão medonho:
Quando do abysmo por cortar-lhe o passo
Essa Furia sahio, como supponho,
A quem do Inferno o Paganismo aluno,
Dando o Imperio das aguas, fez Neptuno.

X.

O grão Tridente, com que o mar commove,
Cravou dos Orgãos na montanha horréda, (2)
E na escura caverna, adonde Jove
(Outro espirito) espalha a luz tremenda,
Relampagos mil faz, coriscos chove;
Bate-se o vento em horrida contenda:
Arde o Ceo, zune o ar, treme a montanha,
E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

XI.

O Filho do trovão, que em baixel hia
Por passadas tormentas ruinoso,
Vê que do grosso mar na travessia
Se sorve o lenho pelo pégo undoso;
Bem que constante, a morte não temia,
Invoca no perigo o Ceo piedoso;
Ao ver que a furia horrivel da procélla
Rompe a náo, quebra o leme, e arranca a véla.

XII.

XII.

Lança-ſe ao fundo o ignivomo inſtrumento,
Todo o pezo ſe alija; o paſſageiro,
Para nadar no tumido Elemento,
A taboa abraça, que encontrou primeiro:
Quem ſe arroja no mar temendo o vento;
Qual ſe fia a hum batel; quem a hũ madeiro,
Até que ſobre a penha, que a embaraça,
A quilha bate, e a não ſe deſpedaça.

XIII.

Sete ſómente do batel perdido
Vem á praia cruel, luctando a nado;
Offerece-lhe hum ſoccorro fementido
Barbara multidão, que acode ao brado:
E ao ver na praia o Bemfeitor fingido,
Rende-lhe as mãos o naufrago enganado:
Triſtes! que a ver algum, qual fim o eſpera
Com quanta ſede a morte não bebêra!

XIV.

Já eſtava em terra o infauſto naufragante,
Rodeado da turba Americana;
Vem-ſe com paſmo ao pôrem-ſe diante,
E huns aos outros não crem da eſpecie huma-
Os cabellos, a côr, barba, e ſemblante (na:
Fazião crer aquella Gente inſana,
Que alguma eſpecie de animal ſeria
Deſſes, que no ſeu ſeio o mar trazia.

XV.

XV.

Algum chegando aos miseros, que a arêa
O mar arroja extinctos, nota o vulto;
Ora o tenta despir, e ora recea
Não seja astucia, com que o assalte occulto.
Outros do Jacaré tomando a idéa (3)
Temem que acorde com violento insulto;
Ou que o somno fingindo os arrebate,
E entre as prezas crueis no fundo os mate.

XVI.

Mas vendo a Sancho, hum naufrago que espira,
Rota a cabeça n'huma penha aguda,
Que hia tremulo a erguer-se, e que cahíra,
Que com voz lastimosa implora ajuda:
E vendo os olhos, que elle em branco víra;
Cadaverica a face, a boca muda,
Pela experiencia da commua sorte
Reconhecem tambem que aquillo he morte.

XVII.

Correm depois de crello ao pasto horrendo;
E retalhando o corpo em mil pedaços,
Vai cada hum famelico trazendo,
Qual hum pé, qual a mão, qual outro os bra-
Outros da crua carne hião comendo; (ços:
Tanto na infame gula erão devassos:
Taes ha, que as assão nos ardentes fossos,
Alguns torrando estão na chamma os ossos.

XVIII,

XVIII.

Que horror da Humanidade! ver tragada
Da propria efpecie a carne já corrupta!
Quanto não deve a Europa abençoada
A' Fé do Redemptor, que humilde efcuta?
Não era aquella infamia praticada
Só deffa gente miferanda, e bruta;
Roma, e Carthago o fabe no nocturno
Horrivel facrificio de Saturno. (4)

XIX.

Os fete em tanto, que do mar com vida
Chegárão a tocar na infame arêa,
Pafmão de ver na turba recrefcida
A brutal caradura, horrida, e fea:
A côr vermelha em fi, moftrão tingida
De outra côr differente, que os affêa:
Pedras, e páos de embiras enfiados, (5)
Que na face, e nariz trazem furados.

XX.

Na boca em carne humana enfanguentada
Anda o beiço inferior todo cahido;
Porque a tem toda em roda esburacada,
E o labro de vís pedras embutido:
Os dentes (que he belleza que lhe agrada)
Hum fobre outro defponta recrefcido:
Nem fe lhe vê nafcer na barba o pello,
Chata a cara, e nariz, rijo o cabello.

XXI.

XXI.

Vê-ſe no ſexo recatado o péjo,
Sem mais que a antiga gala que Eva uſava,
Quando por pena de hum voraz deſejo
Da fêa a deſnudez ſe envergonhava:
Vão ſem pudor com barbaro deſpejo
Os homens, como Adão ſem culpa andava;
Mas vê-ſe, alma Natura, o que lhe ordenas;
Porque no Sacrificio usão de penas.

XXII.

Qual das bellas Araras traz viſtoſas
Louras, brancas, purpureas, verdes plumas:
Outros põem, como tunicas luſtroſas,
Hum verníz de balſamicas eſcumas:
Nem temem nelle as chuvas procelloſas,
Nem o frio rigor de aſperas brumas;
Nem ſe receão do mordaz biſouro,
Qual Anta, ou qual Tatú dentro em ſeu cou-
(ro. (6)

XXIII.

Por armas, fréchas, arcos, pedras, béſtas;
A eſpada do pão ferro, e por eſcudo
As redes de algodão nada moleſtas,
Onde a ponta ſe embace ao dardo agudo:
Por capacete nas guerreiras teſtas
Cintos de pennas com galhardo eſtudo;
Mas o vulgo no belico ameaço (braço.
Não tem mais q̃ unha ou dente, ou punho ou

XXIV.

XXIV.

Desta arte armada a multidão confusa
Investe o naufragante enfraquecido,
Que ao ver-se despojar, nada recusa;
Porque se enxugue o madido vestido:
Tanto mais pelo mimo, que se lhe usa,
Quando a barbara gente o vê rendido:
Trouxerão-lhe a batata, o coco, o inhame; (7)
Mas o que crem piedade he gula infame.

XXV.

Cevavão desta fôrma os desditosos
Das fadigas maritimas desfeitos;
Por pingues ter os pastos horrorosos,
Sendo nas carnes miseras refeitos:
Feras! mas feras não; que mais monstruosos
São da nossa alma os barbaros effeitos;
E em corrupta razão mais furor cabe,
Que tanto hum bruto imaginar não sabe.

XXVI.

Não mui longe do mar na penha dura
A boca está de hum antro mal aberta,
Que horrivel dentro pela sombra escura,
Toda he fóra de ramas encuberta:
Alli com guarda á vista se clausura
A infeliz companhia, estando alerta;
E por cevallos mais, dão-lhe o recreio
De ir pela praia em placido passeio.

XXVII.

Diogo então, que á gente miseranda,
  Por ser de nobre sangue precedia,
  Vendo que nada entende a turba infanda,
  Nem do ferreo mosquete usar sabia;
Da rota náo, que se descobre á banda,
  Polvora, e bala em copia recolhia;
  E como enfermo, que no passo tarda,
  Servio-se por bastão de huma espingarda.

XXVIII.

Forte sim, mas de tempra delicada,
  Aguda febre traz desde a tormenta;
  Pállido o rosto, e a côr toda mudada;
  A carne sobre os ossos macilenta:
Mas foi-lhe aquella doença affortunada,
  Porque a gente cruel guardallo intenta;
  Até que sendo assi restituido,
  Como os mais vão comer, seja comido.

XXIX.

Barbarie foi (se crê) da antiga idade
  A propria prole devorar nascida;
  Desde que essa cruel voracidade
  Fora ao velho Saturno attribuida:
Fingimento por fim, mas he em verdade
  Invenção do diabolico homicida,
  Que huns ea se matão, e outros lá se comem:
  Tanto aborrece aquella furia ao homem.

XXX.

Mas já tres vezes tinha a Lua enchido
 Do vasto globo o luminoso aspecto,
 Quando o Chefe dos barbaros temido
 Fulmina contra os seis o atroz decreto:
Ordena que no altar seja offrecido
 O brutal sacrificio em sangue infecto, (8)
 Sendo a cabeça ás victimas quebrada,
 E a gula infanda de os comer saciada.

XXXI.

Em tanto que se ordena a brutal festa,
 Nada sabião na marinha gruta
 Os habitantes da prizão funesta;
 Que ardilosa lho esconde a gente bruta:
E em quanto a feral pompa já se apresta,
 Toda a pena em favor se lhe commuta;
 Nem parecem ter dado a menor ordem,
 Senão que comão, e comendo engordem.

XXXII.

Mimosas carnes mandão, doces frutas
 O araças, o cajú, coco, e mangaba;
 Do bom maracujá lhe enchem as grutas
 Sobre rimas, e rimas de Guaiaba:
Vasilhas põem de vinho nunca enxutas,
 E a immunda carimpoeira, que da baba (9)
 Fazer costuma a barbara patrulha,
 Que só de ouvillo o estomago se embrulha.

XXXIII.

Hum dia pois que á sombra desejada
  Se repousão, passando a calma ardente;
  Por dar allivio á dor reconcentrada,
  De ver-se escravos de tão fera gente;
Fernando, hum delles, diz, que aos mais agrada
  Por cantigas, que entoa docemente,
  Que em cithara, que o mar na terra lança,
  Se divirtão da funebre lembrança.

XXXIV.

Mancebo era Fernando mui polido,
  Douto em Letras, e em prendas celebrado,
  Que nas Ilhas do Atlantico nascido,
  Tinha muito co'as Musas conversado:
Tinha elle os rumos do Brazil seguido,
  Por ver o monumento celebrado
  De huma Estatua famosa, q̃ n'hum pico (10)
  Aponta do Brazil ao Paiz rico.

XXXV.

Pedíra-lhe Luiz, que isto escutára,
  Da profetica Estatua o conto inteiro,
  Se foi verdade, se invenção foi clara
  De gente rude, ou povo noveleiro:
Fernando então, que em metro já cantára
  O successo, que attesta verdadeiro,
  Toma nas mãos a cithara suave,
  E entoando, começa em canto grave.

XXXVI.

XXXVI.

Occulto o tempo foi, incerta a éra,
Em que o grão caso contão succedido;
Mas em parte he sem dúvida sincera
A bella Historia, que a escutar convido;
Felis foi o ditoso, e feliz hera,
Quem tanto foi do Ceo favorecido,
Pois em meio ao corrupto Gentilismo
Merecer soube a Deos o seu Baptismo.

XXXVII.

Incerto pelas brenhas caminhava
Hum Varão santo, que perdêra a via;
Quando pelos cabellos o elevava
O Anjo, adonde o Sol já se escondia;
E hum salvagem lhe mostra, q̃ se achava, (1 D)
Quasi luctando em ultima agonia:
Ouve (lhe diz) o justo agonizante,
E huma estrada de luz tomou brilhante.

XXXVIII.

Auréo (que assim se chama o Sacro Enviado)
Encostando-se ao Velho titubante,
Por ignorar-lhe o idioma não fallado,
No seu diz, de que o enfermo era ignorante:
E ouve-so responder (caso admirado!)
N'huma lingua de todo estravagante,
Que sendo em tudo extraordinaria, e bruta,
Faz-se entender, e entende o no que escuta.

XXXIX.

XXXIX.

Do grande Creador por mensageiro
 A benção (diz) te offreço, homem ditoſo;
 Neſte Mundo ignorado em o primeiro,
 Quer que o ſeu Nome escutes glorioſo:
Do Eterno Pai, de hum Filho verdadeiro,
 Do Eſpirito tambem, laço amoroſo,
 Quer que o Myſterio ſaibas da Verdade:
 São tres Peſſoas n'huma ſó Unidade.

XL.

Hum ſó Senhor, que todo o ſer governa,
 Que ſó com dizer *ſeja* o fez do nada;
 Que á Natureza desde a idade eterna,
 Certa época fixou de ſer creada:
Que abrindo liberal a mão paterna,
 Toda a couſa abençoa, que he animada:
 Que ſua imagem nos fez; e ſem ſegundo,
 Quer q̃ o homem reine ſobre o vaſto Mundo.

XLI.

Que havendo em mil delicias collocado
 Noſſos primeiros Pais n'hum Paraiſo,
 Por homenagem deſſe Imperio dado,
 Privou de hum pomo com ſevero aviſo:
Que vendo o ſeu reſpeito profanado,
 E igual ſatisfação ſendo preciſo,
 No duro lenho a poz, no ferreo cravo,
 E deo o Filho por ſalvar o eſcravo.

XLII.

XLII.

Este do seio pois de Virgem pura,
Invocada no nome de Maria;
Redemptor, Mestre, e Luz da Creatura,
Nasceo, prégou, morreo na Cruz impia:
Rompeo do abysmo a immovel fechadura;
Depois resurge no terceiro dia;
E ao Ceo subindo em fim, donde commanda,
Aos fins da Terra os mensageiros manda.

XLIII.

Hum destes venho a ti, lavar-te intento,
Se queres aceitar meu Catecismo;
E servindo de porta o Sacramento,
Incorporar-te ao santo Christianismo.
Purga o teu coração, teu pensamento,
Por chegar puro ás aguas do Baptismo,
Onde se lavas com dor do mal primeiro,
De Jesus Christo morto és coherdeiro.

XLIV.

Aos primeiros accentos, que escutára,
Guaçú (q este he seu nome) a frente empena;
Attenta ao que ouve a orelha, e fixa a cara,
Senão que co'a cabeça a tudo acena:
Dos olhos mal se serve, que cegára,
Bem que a vista pareça ter serena;
As mãos de quando em quando estende, e to-
E pede o alento da Sagrada boca. (ca,

XLV.

XLV.

Bom Miniſtro (reſponde) do Piedoſo
Excelſo grão Tupá, que o Ceo modera; (12)
Não me vens novo, não: que tive o goſo
De ouvir-te em ſonho já; quem ver pudera!
Se a imagem tens, que o ſono fabuloſo
Ha muito, que de ti na mente gera!
Serás, diſſe, (e na barba o vai tocando)
Homem com barbas, brando, e venerando.

XLVI.

Louvores a Tupá, que em fim chegaſte;
Que o caminho me enſinas, donde elejo
Buſcar logo o Grão Deos, que m'annunciaſte,
Que deſde a infancia com ardor deſejo:
Nunca ſoube, aſſim he, quanto contaſte;
Mas não ſei como o que ouço, e quaſi vejo
Sentia, como em ſombra mal formada;
Não que o creſſe ainda aſſim, mas por toada.

XLVII.

Vendo deſſe Univerſo a mole immenſa,
Sem ſer de ainda maior entendimento
Fabricada a não cri; que elle o diſpenſa,
Tem, rege, e guarda, infere o penſamento:
Que repugna á creatura eſtar ſuſpenſa,
Sem ultimo fim ter notava attento:
E eſte Ente, que me fez hum Deos ſegundo,
He o grão Tupá, fabricador do Mundo.

XLVIII.

XLVIII.

Vi as chagas da propria Natureza,
A ignorancia, a malicia, a variedade,
E bem reconheci, que eſta torpeza
Naſcer não pode da eternal bondade.
Onde, ſem o ſaber, cri, que era acceza
Neſte incendio commum da humanidade
Antiga chamma, donde o mal nos veio;
Crer que taes nos fez Deos, eu tal não creio.

XLIX.

Tambem vi, q̃ o Grão Deos, q̃ o Mundo cria,
Deixar nunca quizera em tanto eſtrago
A humana Natureza; e que a mão pia
De taes miſerias ao profundo lago
Havia de eſtender; como o faria?
Suſpenſo fiquei ſempre incerto, e vago;
Mas nunca duvidei que alguem ſe viſſe,
Que de tantas miſerias nos remiſſe.

L.

E como era a maior, que exprimentava,
O ver que livremente o mal ſeguia,
Que a Suprema Bondade ſe aggravava,
Donde hum homem de bem ſe aggravaria:
Vendo que a affronta, que eſta acção cauſava,
Só ſe houvera outro Deos, ſe pagaria;
E impoſſivel mais de hum reconhecendo,
Daqui não paſſo, e cego me ſuſpendo. (13)

LI.

LI.

Agora sim, que entendo a grão verdade,
Que hum só Deos se fez homem sem defeito;
E sendo tres Pessoas na Unidade,
Do Filho ao Pai podia haver respeito:
A Pessoa segunda da Trindade,
Novo homem, como nós, de terra feito,
A paz do homem com Deos fundar procura;
Redemptor pio da mortal creatura.

LII.

Isto creio, isto adoro, isto confesso;
E esta santa mensagem venerando,
Por meu Deos, e Senhor firme o conheço,
A quem da Terra, e Ceo pertence o mando:
Deste o Baptismo santo hoje te peço,
Onde na porta Celestial entrando,
Suba o espirito á gloria, que deseja,
E com estes meus olhos ainda o veja.

LIII.

Disse o ditoso Velho; e acompanhando
Com devoto suspiro a voz que exprime,
Bem mostra que no peito o está tocando
A occulta unção do Espirito sublime:
As mãos ao Ceo levanta lagrimando;
E tanto ardor na face se lhe imprime,
Que acompanhar parece o humilde rogo
Hum diluvio de agoa, e outro de fogo.

LIV.

.LIV.

Então o bom Ministro: He justo, amigo,
Que chores (lhe dizia) o teu peccado;
Por não amar a Deos; ser-lhe inimigo,
Se o blasfemaste, de o não ter honrado;
De não servir teus Pais; de hum odio antigo;
E senão foste honesto, ou tens roubado;
Se em mulher, bens, ou fama em caso feio
Fizeste damno, ou cubiçaste o alheio.

.LV.

Esta a Lei santa he, que em nós impressa
Ninguem offende, que mereça escusa;
Onde no que faltaste a Deos confessa,
Que tanto deve quem peccando abusa:
Quer-se a satisfação com a promessa
De melhor vida, no que a Lei te accusa:
Pois quem qualq peccou, se assim não faça,
Recebe o Sacramento, mas não graça.

.LVI.

Eu, disse o Americano, antes de tudo
Amei do coração quem ser-me dera;
Seu nome ignoro, mas honralho estudo;
E com fé o adorei sempre sincera:
Em certos dias recolhido, e mudo
Cuidava em venerar quem tudo impera,
Matar não quiz, nem morto algum comia,
Pois que a mim mo fizessem não queria.

LVII.

Mulher tive, mas huma, persuadido
Que com huma se póde; acção impura
Metteo-me sempre horror; tendo entendido,
Que só no Matrimonio está segura:
Qualquer outro prazer fóra prohibido,
Porque se em tanto abuso se conjura;
Quem seguindo esse instincto do Demonio,
Se pudera lembrar do Matrimonio?

LVIII.

Nunca roubei, temendo ser roubado:
Por conservar a fama, honrei a alhea:
Não me lembra de ter calumniado,
Nem de outrem disse mal, que he cousa fea;
E quem houvesse de outros murmurado,
Que outro tanto lhe fação certo crêa;
Não tive inveja do que alguem consiga,
Por ver que quem a tem, seu mal castiga.

LIX.

Em fim, cobri meus annos desde a infancia
Sem offender (que eu saiba) esta Lei justa,
Sem ter á cousa boa repugnancia,
Tudo mercê da mão de Deos augusta.
Nos meus males sómente a tolerancia
Mos fazia passar a menor custa:
Esta a minha ansia foi, este o meu zêlo,
Saber quem era Deos; amallo, e vello.

LX.

Dizendo o Velho assim, tanto se accende,
Como se n'alma se lhe ateára hum fogo:
Reclina a humilde fronte, e a voz suspende;
E cahindo em deliquio neste affogo,
Corre o Ministro, que ao successo attende,
E buscando agoa, que o baptize logo;
Apenas Felis diz, eu te baptizo,
Partio feliz d'hum voo ao Paraizo.

LXI.

Cuidáva em sepultallo Auréo saudoso;
Porém de espessa nevoa, que o ar condensa,
Ouve hum coro entoando harmonioso
Louvor eterno á Magestade immensa:
E na athmosfera alli do ar nebuloso,
Luz arraiando, que a allumia intensa;
Vio Felis, que na gloria, que o vestia,
A Graça Baptismal lhe agradecia.

LXII.

Que te conceda Deos, Ministro justo,
(Diz-lhe a Alma venturosa) o premio eterno;
Pois vens do antigo Mundo a tanto custo
A libertar-me do poder do Inferno.
Dos Ceos em tanto o Dominante augusto,
Que tornes manda ao ninho teu Paterno;
E sobre a nevoa em nuvem levantada
Vás navegando pela aeria estrada.

LXIII.

LXIII.

E quer na nuvem propria, que te indico,
Que esse cadaver meu vá transportado;
E na Ilha do Corvo, de alto pico
O vejão n'huma ponta collocado;
Onde acene ao paiz do metal rico,
Que o ambicioso Europeo vendo indicado,
Dará lugar, que ouvida nelle seja
A doutrina do Ceo, e a voz da Igreja.

LXIV.

Disse; e cessando a voz, e a visão bella,
Vio da nuvem Auréo, que o rodeava,
Trásformar-se a bella Alma em clara estrella,
E vio que a nuvem sobre o mar voava:
O cadaver tambem sublime nella,
Ao cume do grão pico já chegava;
Onde a nevoa, que no alto se sublima,
Depõe como huma Estatua o corpo em sima.

LXV.

Alli batido do nevado vento,
De Sol, de gelo, e chuva penetrado,
Effeito natural, e não portento
He vello, qual se vê, petrificado.
Hum arco tem por bellico instrumento; (14)
De pluma hum cinto sobre a frente ornado:
Outro onde era decente: em côr vermelho,
Sem pello a barba tem; no aspecto he velho.

LXVI.

LXVI.

Voltado eſtava ás partes do Occidente,
 Donde o aureo Brazil moſtrava a dedo;
 Como enſinando a Luſitana Gente,
 Que alli devia navegar bem cedo:
Deſtino foi do Ceo Omnipotente,
 A fim que ſem receio, ou torpe medo
 A' piedoſa empreza o povo corra;
 E que quem morrer nella, alegre morra.

LXVII.

Calou então Fernando, mas não cala
 Na cithara dourada outra harmonia,
 Onde parece a mão, que tambem falla,
 E que quanto a voz diſſe, repetia:
Sahíra em tanto hum barbaro a eſcutalla,
 Que encantado da doce melodia,
 Toma nas mãos o Muſico Inſtrumento,
 Toca-o ſem arte, e ſalta de contento.

LXVIII.

Não póde ver dos noſſos o congreſſo
 Tanta rudeza ſem tentar-ſe a riſo;
 Que por mais q̃ hum pezar ſe tenha impreſſo,
 Não dá lugar a prevenção ao ſiſo:
E ſendo inopinado algum ſucceſſo,
 Onde he nos homens quaſi o rir preciſo,
 Tal peſſoa ha que chora apaixonada,
 E paſſa do gemido a huma riſada.

LXIX.

LXIX.

Diogo então que dentro em si media
Da cruel Gente a condição damnosa,
Não socega de noite, nem de dia,
Antevendo a desgraça lastimosa:
E vendo rir os mais com alegria,
Pela acção do salvagem graciosa;
Estranhou-lhe o prazer mal concebido,
Arrancando do peito este gemido.

LXX.

Oh triste condição da humana vida!
Que tanto em breve do seu mal se esquece;
Pois vendo a liberdade em fim perdida,
Sentimos menos, quando a dor mais crece:
Vemos desd'a agoa ás praias despedida
A infeliz gente, que no mar perece;
E que o brutal Gentio na mesm' hora,
Ainda bem os não vê, logo os devora.

LXXI.

Quem sabe, se o cuidado, que destina
Pôr-nos assim mimosos de sustento,
Não he por ter de nós grata chacina
Nesse horrivel barbarico alimento?
Tanta attenção que tem, mal se combina;
Sem mostrar-se o maligno pensamento;
Que quem os proprios mortos brutal come,
Como he crivel que aos vivos mate a fome?

LXXII.

LXXII.

Tempo fora, affligidos companheiros,
De levantar dos Ceos ao Rei Supremo
Humildes vozes, votos verdadeiros,
Como quem lucta no perigo extremo:
Mas vós, que agora rides prasenteiros,
Oh quanto, amigos meus, oh quanto temo,
Que essa gente cruel só nos namore,
Por cevar mais a preza, que devore!

LXXIII.

Voltemos antes com fervor piedoso
Os tristes olhos ao ethereo espaço;
Esperando de Deos hum fim ditoso,
Onde a morte se avista a cada passo.
Contrito o peito, o coração choroso,
Implore a protecção do excelso braço;
Que o coração me diz, que por desdita
O cruel sacrificio se medita.

LXXIV.

Em quanto assim dizia o Heróe prudente,
Commovido qualquer do temor justo,
Levanta humilde as mãos ao Ceo clemente,
Vendo o futuro com presago susto:
Já cuida a cruel morte ver presente;
Já vê sobre a cabeça o golpe injusto;
Batem no peito; e levantando as palmas,
Fazem victima a Deos das proprias almas.

LXXV.

Já numerosa turba ás praias vinha,
E os seis levão ao corro miserando,
Onde a plebe cruel formada tinha
A pompa do espectaculo execrando:
E mal a gente bruta se continha,
Que emquanto as tristes mãos lhe vão ligando
No humano corpo pelo susto exsangue
Não vão vivo sorvendo o infeliz sangue.

LXXVI.

Qual se da Libya pelo campo estende
O Mouro caçador hum leão vasto,
Em longa nuvem devorallo emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto:
Negro parece o chão; negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a preza, e em chusma voa,
Nem deixa parte, que voraz não rôa.

LXXVII.

Tal do Caboclo foi a furia infanda,
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se que em mil voltas anda
O effeito matador, como quem prega
A brados, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

LXXVIII.

LXXVIII.

A' roda á roda a multidáo fremente
  Com gritos corresponde á infame idéa;
  Em quanto o fero em gesto de valente
  Bate o pé, fere o ar, e hum páo menea:
Ergue-se hum; e outro lenho, onde o paciente
  Entre prizões d'embira se encadea;
  Fogo se accende nos profundos fossos,
  Em que se torrem com a carne os ossos.

LXXIX.

Dentro de huma estacada extensa, e vasta,
  Que a numerosa plebe em torno borda,
  Entráo os Principaes de cada casta
  Com bellas plumas, onde a côr discorda:
Outros, que a grenha tem com feral pasta
  Do sangue humano, que ao matar trasborda;
  Os Nigromantes sáo; que em váo conjuro
  Chamáo as Sombras desde o Averno escuro.

LXXX.

Companheiras de officio táo nefando
  Seguem de hũ cabo a turma; e de outro cabo
  Seis turpissimas velhas, aparando
  O sangue sem hum leve menoscabo:
Táo feas sáo, que a face está pintando
  A imagem propriissima do Diabo;
  Tinto o corpo em vernix todo amarello,
  Rosto tal, que a Medusa o faz ver bello.

LXXXI.

Tem no collo as crueis Sacerdotisas,
Por conta dos funestos sacrificios,
Fios de dentes, que lhe são divisas
De mais, ou menos tempo em taes officios:
Gratas ao Ceo se crem, de que indivisas
Se inculcão por Tartareos maleficios;
E em testemunho do mister nefando,
Nos seus cocos com facas vem tocando.

LXXXII.

Quem póde reputar, que dor traspassa
A miseranda infausta companhia,
Vendo taes feras rodear a praça,
Que o sangue com os olhos lhe bebia?
Ver que os dentes lhe range por negaça,
Senão he que os agita a fome impia,
E disser lá comsigo: *Em poucas horas*
Sou pasto destas féras tragadoras.

LXXXIII.

Mas põe-lhe a vista o Padre Omnipotente,
Da desgraça cruel compadecido;
E envia hum Anjo desde o Ceo clemente,
Que deixe tanto horror desvanecido;
E faça que o espectaculo presente
Venha por fim a ser sonho fingido;
Que quem recorre ao Ceo no mal que geme,
Logo que teme a Deos, nada mais teme.

LXXXIV.

TAYLOR INSTITUTION UNIVERSITY OF OXFORD

LXXXIV.

Seis então dos infames Nigromantes
Lançárão mão das victimas pacientes,
E a seis lenhos fataes, que erguêrão dantes,
Atáo crueis as mãos dos innocentes:
Póstos no Ceo os olhos lagrimantes
Com lembrar-se das penas vehementes,
Que soffreo Deos na Cruz, nelle fiados
Pediáo-lhe o perdão dos seus peccados.

LXXXV.

Fernando alli, que em discrição precede;
Com voz sonora a companhia anima:
Cheio de viva fé soccorro pede;
E quanto a dor permitte, que se exprima:
Grá Senhor (diz) de quem tudo procede
A gloria, a pena, a confusão, e a estima,
Que justo dás as graças, e os castigos,
Na dor allivio, amparo nos perigos.

LXXXVI.

Vida não peço aqui, morte não temo,
Nem menos chóro o caso desgraçado:
O que me doe, que sinto, o que só gemo
He, piedoso Deos, o meu peccado:
Feliz serei, Grão Padre, se no extremo
For da tua bondade perdoado;
Pelo Calis amargo, que aqui bebo,
Pela morte cruel, que hoje recebo.

LXXXVII.

LXXXVII.

Mas, grande Deos, que vês nossa fraqueza
No duro transe desta cruel hora,
Não soffras que essas féras com crueza
Hajão de devorar a quem te adora:
Porque estremece a fragil natureza,
Vendo a gula brutal, que emprende agora
Sacrificio fazer ao torpe abysmo
Destas carnes ungidas no Baptismo.

LXXXVIII.

Ouvio o Ceo piedoso a infeliz gente;
E quando o fero a maça já levanta,
Que esmague a fronte ao misero paciente,
Trovão se ouve fatal, que tudo espanta:
Treme a montanha, e cahe a roca ingente,
E na ruina as arvores quebranta;
Mas o que mais os brutos confundia,
Era o rumor Marcial, que então se ouvía.

LXXXIX.

Pedras, fréchas, e dardos de arremesso
Cubrião todo o ar; porque o inimigo,
Que atrás se poz de hum proximo cabeço,
Aguarda expressamente aquelle artigo:
De hum lado, e outro desce hum muro espesso
Ameaça o furor, cérta o perigo;
E a gente crua transformada a sorte,
Quando cuidou matar, padece a morte.

XC.

Era Sergipe o Principe valente
Na esquadra valerosa, que atacava;
Varão entre os seus bom, manso, e prudente,
Que com Justiça os póvos commandava:
Armava o forte Chefe de presente
Contra Gupeva, que cruel reinava,
Sobre as aldêas, que em tal tempo havia
No reconcavo ameno da Bahia.

XCI.

Por toda a parte o Bahiense he prezo;
He trucidado o bruto Nigromante,
Muitos lançados são no fogo accezo,
Rendem-se os mais ao Vencedor possante:
Ficára em vida, todavia illeso
O misero Europeo, que alli em fragante
Faz desatar o bom Sergipe, e manda
A escravidão no seu Paiz mais branda.

XCII.

Mas a gente infeliz no Sertão vasto
Por matos, e montanhas dividida,
He fama, que huns de tigres forão pasto;
Outra parte dos barbaros comida:
Nem mais houve noticia, ou leve rasto
Como houvessem perdido a amada vida;
Mas ha boa suspeita, e firme indicio,
Que evadírão o infame sacrificio.

Po-

(1) *Povo convulso.* Epitheto, que dá Isaias aos Americanos, como conjecturão os melhores Interpretes.

(2) *Serra dos orgãos.* Ramo da célebre Cordilheira, que discorre pelo Brazil, sahindo das suas cavernas nevoas tempestuosas.

(3) *Jacaré.* Huma especie de Cocodrilo Brazilico.

(4) *Saturno.* Os antigos Italianos forão, como se collige de Homero, Antropofagos; taes erão os Lestrigões, e os Liparitanos. Os Fenicios, e os Carthaginezes usárão de Victimas humanas, e Roma propria nos seus maiores apertos. São especies vulgares na Historia.

(5) *Embiras.* Especie de cordão feito da casca interior de algumas arvores.

(6) *Tatú.* Especie de animal cuberto de huma concha durissima, e impenetravel. Os Salvagens tingem-se com varias resinas, senão com o fim, ao menos com o effeito de os livrar das mordeduras dos Insectos; ainda que alguns se tinjão com hervas inuteis para esse uso.

(7) *Batata, Coco, Inhame.* Frutos bem conhecidos ainda na nossa Europa.

(8) *Sacrificio.* He certo que os Brazilienses não tinhão fórma alguma expressa de Sacrificio; mas a solemne função, e ritos, com que matavão os seus prizioneiros, parece com razão ao Padre Simão de Vasconcellos na sua Historia do Brazil, que erão hum vestigio dos antigos Sacrificios usados dos Fenicios, de que assima fallámos em outra Nota.

(9) *Vinho.* Vem da America debaixo deste nome

me varios extractos de cajú, côco, e de outros frutos conhecidos, que podem competir com os nossos vinhos.

Catimpoeira. Immunda bebida dos Salvagens, que mastigando o milho, fazem da saliva, e do succo mesmo do grão huma potagem abominavel.

(10) *Estatua.* He estimada por prodigiosa a Estatua, que se vê ainda na Ilha do Corvo, huma das Açores, achada no descubrimento daquella Ilha sobre hum pico, apontando para America. Foi achada sem vestigios, de que já mais alli habitasse pessoa humana. Devo a hum Grande do nosso Reino, Fidalgo eruditissimo, a especie, de que se conserva huma Historia desta Estatua manuscripta, obra do nosso immortal João de Barros.

(11) *Salvagem.* Não suppomos unico o Salvagem, que o Padre Anxieta achou em o Estado, que aqui se descreve. Muitos Theologos se persuadem, que Deos por meios extraordinarios instruira a quem vivesse na observancia da Lei Natural.

(12) *Tupá.* Os Salvagens do Brazil tem expressa noção de Deos na palavra *Tupá*, que vale entre elles *excellencia superior*, *cousa grande que nos domina.*

(13) *Suspendo.* Até aqui são os limites do Lume natural, e com elle sómente o alcança a Filosofia; porém o remedio da Natureza humana, ferida pela culpa, não póde constar-nos senão pela Revelação.

(14) *Hum arco.* As memorias desta Estatua concordão em ser o seu traje desconhecido: toma daqui occasião o Poeta pára o representar arbitrariamente.

CAN-

CANTO II.

I.

ERa a hora, em que o Sol na grã carreira
Do torrido Zenith vibra igualmente,
E que a sombra dos corpos companheira
Na terra extingue, com o raio ardente;
Quando ao partir a turba carniceira,
Se vio Diogo só na praia ingente,
Entre mil pensamentos, mil terrores,
Que a dor faz grandes, e o temor maiores.

II.

Parecia-lhe ver da gente insana
O barbaro furor, a fome crua,
A agonia dos seus na acção tyranna;
E temendo a dos mais, presume a sua:
Quizera oppôr-se á empreza deshumana;
Pensa em arbitrios mil, com que o conclua:
Se fugirá? mas donde? se os invada?
Porém enfermo, e só não vale a nada.

III.

III.

Oh! mil vezes (dizia) affortunados,
Os que entregues á furia do elemento
Acabárão seus dias socegados,
Nem vírão tanta dor, como exprimento!
Que estavão finalmente a mim guardados
Este espanto, este horror, este tormento!
Que escapei (Santos Ceos!) desse mar vasto
Para a féras servir de horrivel pasto!

IV.

E hei de agora (infeliz!) ver fracos e inermes,
Que dos meus vá fazer hum pasto horrendo
Essa patrulha vil! que agora enferme
Que me veja sem força em febre ardendo!
Ah! se pudéra em meu vigor já ver-me!
Que ardor sinto em meu peito de ir rompendo,
E a turba vil fazendo em mil pedaços,
Truncar pescoços, mãos, cabeças, braços.

V.

Não póde (he certo) a debil natureza;
Porém que esperas mais, misero Diogo?
Que póde resultar da forte empreza?
Será mal morrer já, se ha de ser logo?
Faltão-me as forças sim; sinto a fraqueza;
Mas o espirito a suppre, e neste affogo
Tira forças occultas da nossa alma,
Que ella não mostra ter, vivendo em calma.

VI.

VI.

E como quer em fim que o mande a sorte;
Morra-se, que talvez se não defuna
O successo feliz, de huma acção forte;
Que acaso hum temerario achou fortuna;
E quando irado o Ceo me envie a morte,
E que a Mão do Senhor meus erros puna,
Recebo o golpe, que me for mandado;
Morrerei; assim he, porém vingado.

VII.

Nem deixo de esperar que a gente bruta,
Vendo o estrago da espada, e do mosquete,
Não se encha de pavor na estranha luta,
E força maior creia que a accommette:
Se tomo as armas, que salvei na gruta,
Escudo, cota, malha, e capacete,
Posso esperar que hum só me não resista;
E antes que o ferro, nos sometta a vista.

VIII.

Disse; e entrando na solita caverna,
Cobre de ferro a valerosa fronte;
Hum peito d'aço de firmeza eterna,
E o escudo, onde a frécha se desponte.
Dispõe de modo, e em fórma tal governa,
Que nada teme já, que em campo o affronte:
Nas mãos de ferro tinha huma alabarda,
A espada á cinta, aos hombros a espingarda.

IX.

Sahia assim da gruta, quando o monte
Cuberto vê da barbara caterva;
E no que infere da turbada fronte,
Sinaes de fuga, e de derrota observa:
A algum obriga o medo, a que trasmonte;
Outros se escondem pelo mato, ou herva;
Muitos fugindo vem com medo á morte,
Crendo achar na caverna hum lugar forte.

X.

Mas o prudente Diogo, que entendia
Não pouca parte do Idioma escuro,
Por alguns mezes, em que attento o ouvia,
Elege hum posto a combater seguro:
Attento a toda a voz, que ouvir podia,
Por escutar dos seus o caso duro,
Entre esperanças, e receio intenso
Sem susto estava sim, porém suspenso.

XI.

Gupeva então, que aos mais se adiantava,
Vendo das armas o medonho vulto,
Incerto do que vê, suspenso estava,
Nem mais se lembra do inimigo insulto;
Algum dos Anhangás imaginava, (1)
Que dentro ao grão fantasma vinha occulto,
E á vista do espectaculo estupendo
Cahio por terra o misero tremendo.

XII.

XII.

Cahio com elle junta a brutal gente,
  Nem sabe o que imagine da figura,
  Vendo-a brandir com a alabarda ingente,
  E olhando ao morrião, que o transfigura:
Ouve-se hum rouco som de voz fremente,
  Com que espantallos mais o Herói procura;
  E porque temão de maior ruina,
  Faz-lhes a voz mais horrenda huma bosina.

XIII.

Em tanto a gente barbara prostrada,
  Tão fóra de si está por cobardia,
  Que sem sentido estúpida, assombrada,
  Só mostra viva estar, porque tremia:
Quaes verdes varas de arvore copada,
  Se assopra a viração do meio dia,
  De huma parte à outra parte se manеão;
  Assim de medo os vís no chão perneão.

XIV.

Mas Diogo naquelles intervallos,
  Suspendendo o furor do duro Marte,
  Esperança concebe de amansallos,
  Huma vez com terror, outra com arte:
A viseira levanta, e vai buscallos,
  Mostrando-se risonho em toda a parte:
  Levantai-vos (lhe diz) e assim dizendo,
  Hia-os co'a propria mão da terra erguendo.

XV.

XV.

Gupeva, que no traje mais diſtincto
Parecia na turba do ſeu Povo,
O Principal no mando, meio extincto,
Pelo horror de eſpectaculo tão novo;
Tremendo em pé ficou, ſem voz, e inſtincto,
E cahíra ſem dúvida de novo,
Se nos braços Diogo o não tomára,
E d'agua alli corrente o borrifára.

XVI.

Não temas (diſſe affavel) cobra alento;
E ſupprindo-lhe acenos o idioma,
Dá-lhe a entender, que todo eſſe armamento
Protege amigos; ſe inimigos doma:
Que os não offende o bellico inſtrumento,
Quando de humana carne algum não coma;
Que ſe a comerdes, tudo em cinza ponho.
E iſto dizendo, bate o pé, medonho.

XVII.

Toma nas mãos (lhe diz) verás que nada
Te hão de fazer de mal; e aſſim fallando,
Põe-lhe na mão a partaſana, e eſpada,
E vai-lhe á fronte o morrião lançando.
Diminue-ſe o horror na alma aſſombrada,
E vai-ſe pouco a pouco recobrando,
Até que a ſi tornando reconhece
Donde eſtá, com quê falla, e o q̃ lhe offrece.

XVIII.

XVIII.

Se d'além das montanhas cá t'envia (2)
O Gráo Tupá (lhe diz) que em nuvem negra
Escurece com sombra o claro dia,
E manda o claro Sol, que o Mundo alegra;
Se vens d'onde o Sol dorme, e se á Bahia
De alguma nova Lei trazes a regra;
Acharás, se gostares, na cabana,
Mulheres, caça, peixe, e carne humana.

XIX.

A carne humana! (replicou Diogo,
E como pode, explica em voz, e aceno)
Se vir que come algum, botarei fogo;
Farei que inunde em sangue esse terreno.
Pois se os bichos nos devem comer logo,
(O Barbaro lhe oppóe com desempeno)
A nós faz-nos horror, se elles nos comem;
E he menos triste q̃ nos trague hum homem.

XX.

O corpo humano (disse o Heróe prudente). (3)
Como o brutal não he: desde que naçe,
He morada do Espirito eminente,
Em quem do Gráo Tupá se imita a face.
Sepulta-se na terra, qual semente,
Que senáo apodrece, não renace;
Tempo virá, que aos corpos reunida,
Torne a noss' alma a respirar com vida.

XXI.

XXI.

O Lume da razaõ condemna a empreza,
Pois se o infando appetite o gosto adula,
Para extinguir a humana Natureza,
Sem mais contrarios, bastaria a gula.
Que se a malicia em vós, ou se a rudeza,
O instincto universal de todo annula,
He com tudo entre os mais cousa temida,
Que outrem por vós comer, vos tire a vida.

XXII.

Disse Diogo, e conduzia à gruta,
O Principal da barbara caterva;
Que alli, seguido pela gente bruta,
O lugar conhecido attento observa:
Gupeva a tudo attende, e tudo escuta;
Mas sempre o horror, q̃ concebeo, conserva;
E olhando as armas, sem q̃ a mais se arroje,
Chega com mão furtiva, apalpa, e foge.

XXIII.

Vinha a noite já então seu negro manto
Despregando na lucida Athmosféra,
Quando buscão socego ao seu quebranto
No ninho as aves, e na toca a féra:
E quando o Somno com suave encanto
Aos miseros mortaes a dor modera;
Mas não modera em Diogo a mordaz cura
De amansar o furor da Gente dura.

D XXIV.

XXIV.

Por dissipar na grota a sombra fria,
Toma o ferreo fuzil, que o fogo atêa;
E vendo a rude gente, que o accendia,
E brilhar de improviso huma candêa;
Notando a promptá luz, que no oleo ardia,
Não acaba de o crer de assombro chea;
Crem por tanto que o fogo do Ceo nasça,
Ou que Diogo nas mãos nascello faça.

XXV.

Era costume do Selvagem rude
Rossar hum lenho n'outro com tal geito,
Que vinha por eletrica virtude
A accender lume; mas com tardo effeito.
Mas observando, sem que o lenho o ajude,
Em menos de hum momento o fogo feito;
O mesmo imaginou, que a Grecia creo,
Quando vio ferir fogo a Prometheo.

XXVI.

Acceza luz na lôbrega caverna,
Vê-se o que Diogo alli da não levára;
Roupas, armas, e em parte mais interna,
A polvora em barriz, que transportára:
Tudo vão vendo á luz de huma lanterna,
Sem que o appeteça a gente nada avara,
Ouro, e prata, que a inveja não lhe atiça:
Nação feliz! que ignora o que he cubiça.

XXVII.

Mas entre objectos varios, a que attende,
Nota Gupeva extatico a Pintura,
Que n'hum precioso quadro, que alli pende,
Representava a Mãi da formosura.
Se seja cousa viva, não entende;
Mas suspeitava bem pela figura,
Digna a pessoa, de que a Imagem era,
De ser mãi de Tupá, se elle a tivera.

XXVIII.

Esta (pergunta o Barbaro) tão bella,
Tão linda face, acaso representa
Alguma formosissima Donzella,
Que Esposa o Grão Tupá fazer intenta?
Ou por ventura que nascesse della
Esse, que sobre os Ceos no Sol se assenta?
Quem póde geração saber tão alta?
Mas se ha Mãi, q̃ o gerasse, esta he sem falta.

XXIX.

Encantado está o pio Lusitano
De ouvir em rude boca tal verdade;
E adorando o Mysterio soberano,
Mãi ter não póde (disse) a Divindade.
Mas sendo Deos eterno, fez-se humano;
E sem lesão da propria Virgindade,
A Donzella o gerou, que piza a Lua;
Digna Mãi de Tupá, Mãi minha, e tua.

XXX.

Peçamos pois, que he Mãi, que nos defenda;
 Que te dê para ouvir docil orelha;
 E comigo o teu Povo recommenda,
 Dizendo o Heróe assim, devoto ajoelha.
Gupeva o mesmo faz com fé estupenda;
 E pendente de Diogo, que o aconselha,
 Levanta as mãos, como elle levantava;
 E vendo o lagrimar, tambem chorava.

XXXI.

Mas crendo rude, como então vivia,
 Que fosse cousa viva a Imagem Santa;
 Que por mãi de Tupá tudo sabia,
 Tendo poder conforme a gloria tanta;
Repete o que houve a Diogo com voz pia,
 E á Mãi de Deos o coração levanta:
 E encostando entre os rogos a cabeça,
 Faz a noite, e o desvelo que adormeça.

XXXII.

Já no purpureo, e tremulo Horizonte,
 Rosas parece que espalhava a Aurora;
 E o Sol que nasce sobre o opposto monte,
 A bella luz derrama creadora:
Ouvem-se as avezinhas junto á fonte,
 Saudando a manhã com voz sonora;
 E os mortaes já do somno desatados
 Tornavão novamente aos seus cuidados.

XXXIII.

XXXIII.

Quando Gupeva manso, e differente,
Do que antes fora na fereza bruta,
Convoca a concilio a multidão fremente,
Que á roda estava da profunda gruta;
Posto no meio da confusa gente,
Que toda delle pende, e attenta escuta:
Valentes Paiaiás (diz desta sorte) (4)
Que herdais o brio da prosapia forte.

XXXIV.

Se hontem do vil Sergipe surprendidos,
Vimos o grão terreiro posto a saco;
Fomos cercados sim, mas não vencidos;
Não foi victoria, foi traição de hum fraco.
Sabia bem por golpes repetidos,
Com quanto esforço na peleija ataco;
E como sem traição faria nada,
Não tendo eu armas, vem com mão armada.

XXXV.

Sombra do Grão Tatú, de quem me ferve
Nestas veias o sangue, de quem trago
A invicta geração, que em guerra serve
De espanto a todos, de terror, de estrago:
Porque a gloria a teu nome se conserve,
E porque a gente da Bahia o Jago,
Mandas de lá de donde o Mundo acaba
Para o nosso soccorro este *Emboaba*. (5)

XXXVI.

XXXVI.

Tu lhe mudaste em ferro a carne branda;
  Tu fazes que na mão se accenda, e lhe arda
  A viva chamma, que Tupá nos manda;
  Tupá, que rege o Ceo, que o Mundo guarda.
Com elle hei de vencer por qualquer banda;
  Com elle em campo armado, já me tarda
  O cobarde inimigo, que a encontrallo,
  Vivo, vivo me animo a devorallo.

XXXVII.

Sabeis, Tapuias meus, como morrendo
  Nossos Irmãos, e Pais, que elles matavão,
  Postos debaixo já do golpe horrendo,
  Vosso nome aos vingar tristes chamavão.
Tambem vistes na guerra combatendo,
  Que estrago nelles estas mãos causavão;
  E as vezes que vos dei no campo vasto,
  Mil e mil delles por sabroso pasto.

XXXVIII.

Mas não come o Estrangeiro, nem consente
  Comer-se carne humana; e só teria
  Outra carne qualquer por innocente,
  Aves, féras, Tatús, Paca, ou Cotia;
Receba pois de nós grato presente,
  De quanto houver nos matos da Bahia;
  Sahia-se á caça; e como lhe compete,
  Prepare-se á hospedagem hum banquete.

XXXIX.

Separa-se o Congresso em breve espaço,
Dispõe-se em alas numerosa Tropa:
Quem com taquáras donde pende o laço,
Onde a avezinha cahe, se incauta o topa:
Quem dos hombros suspende, e quem do braço
Armadilhas diffrentes; outro ensopa
Em visgo as longas ramas do palmito,
Onde improvido caia o Periquito.

XL.

Os mais com frécha vão, que a hum tempo seja
Tiro, que offenda a fugitiva caça;
Ou armas, (se occorresse) na peleija,
Quando o inimigo de emboscada a faça:
E porque aos mais presida, e tudo veja,
A' frente do Esquadrão Gupeva passa;
Nem fica Diogo só, que tudo via,
Mas segue armado a forte companhia.

XLI.

Mais arma não levou, que huma espingarda;
E posto ao lado de Gupeva amigo,
Prompto a todo o accidente, e posto em guarda,
Trás na cautela o escudo ao seu perigo.
Em tanto a destra gente a caça aguarda,
E algum se affouta a penetrar no abrigo,
Onde esconde a Panthera os seus cachorros,
Outro a segue por brenhas, e por morros.

XLII.

XLII.

Até que de Gupeva commandada,
Em circulo ſe fórma a linha unido,
Onde quanto ha de caça já eſpantada,
Fique no meio de hum cordão cingido:
A rez alli do eſtrondo amedrentada,
N'hum centro eſtá de eſpaço reduzido:
A' mão meſmo ſe colhe: couſa bella!
Que dá mais goſto ver, do que comella.

XLIII.

Não era aſſim nas aves fugitivas,
Que humas fréchava no ar, e outras em laços
Com arte o Caçador tomava vivas:
Huma porém nos liquidos eſpaços
Faz com a pluma as ſettas pouco activas,
Deixando a liza penna os golpes laços.
Toma-a de mira Diogo, e o ponto aguarda:
Dá-lhe hum tiro, e derriba-a co'a eſpingarda.

XLIV.

Eſtando a turba longe de cuidálo,
Fica o barbaro ao golpe eſtremecido,
E cahe por terra no tremendo abalo
Da chamma, do fracaço, e do eſtampido:
Qual do horrido trovão com raio, e eſtalo
Algum junto àquem cahe, fica aturdido:
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabuz de Diogo huma trovoada.

XLV.

XLV.

Toda em terra proſtrada exclama, e grita
A turba rude em miſero deſmaio,
E faz o horror, que eſtupida repita
Tupá, *Caramurú*, temendo hum raio.
Pertendem ter por Deos, quando o permitta,
O que eſtão vendo em pavoroſo enſaio,
Entre horriveis trovões do Marcio jogo,
Vomitar chammas, e abrazar com fogo.

XLVI.

Deſde eſſe dia he fama, que por nome
Do Grão Caramurú foi celebrado
O forte Diogo; e que eſcutado dome
Eſte appellido o Barbaro eſpantado:
Indicava o Brazil no ſobrenome,
Que era hum dragão dos mares vomitado:
Nem d'outra arte entre nós a antiga idade
Tem Jove, Apollo, e Marte por Deidade.

XLVII.

Forão qual hoje o rude Americano,
O valente Romano, o ſabio Argivo;
Nẽ foi de Salmoneo mais torpe o engano, (6)
Do que outro Rei fizera em Creta altivo.
Nós que zombamos deſte Povo inſano,
Se bem cavarmos no folar nativo,
Dos antigos Herões dentro ás imagens,
Não acharemos mais, o que outros Salvagens.

XLVIII.

XLVIII.

He facil propensão na brutal gente,
Quando em vida ferina admira huma arte,
Chamar hum fabro o Deos da forja ingente;
Dar ao guerreiro a fama de hum Deos Marte:
Ou talvez por sulfureo fogo ardente,
Tanto Jove se ouvio por toda a parte:
Hercules, e Theseos, Jasões no Ponto (7)
Serião cousas taes, como as que eu conto.

XLIX.

Quanto merece mais, que em douta Lyra
Se cante por Heróe, quem pio, e justo,
Onde a céga Nação tanto delira,
Reduz á humanidade hum Povo injusto?
Se por Heróe no Mundo só se admira,
Quem tyranno ganhava hum nome Augusto;
Quanto o será maior, que o vil tyranno,
Quem nas féras infunde hum peito humano?

L.

Tal pensamento então n'alma volvia
O Grão Caramurú, vendo prostrada
A rude multidão, que Deos o cria,
E que espera d'esta arte achar domada;
Politica infeliz da Idolatria,
Donde a antiga cegueira foi causada; (8)
Mas Diogo, que abomina o feio insulto,
Quando augmenta o terror, recusa o culto.

LI.

LI.

De Tupá sou (lhe disse) Omnipotente
Humilde escravo, e como vós me humilho;
Mas do horrendo trovão, que arrojo ardente,
Este raio vos mostra, que eu sou filho.
(Disse, e outra vez dispara em continente):
Do meio do relampago, em que brilho,
Abrazarei qualquer, que ainda se atreva
A negar a obediencia ao Grão Gupeva.

LII.

Deo logo a amiga mão com grato aspecto
Ao misero Gupeva, que convulso
No horror daquelle ignivomo prospecto,
Jazia sem sentido, e já sem pulso:
Não temas (diz-lhe) amigo, que eu prometto,
Que do meu braço se não mova impulso,
Senão contra quem for tão temerario,
Que sendo-te eu amigo, he teu contrario.

LIII.

Recobra o bom Gupeva hum novo alento,
Sentindo a grata mão, que a vida o chama;
Nem póde duvidar pelo exprimento
De quanto Diogo com fineza o ama;
Mas sempre com receio do instrumento
Teme q̃ outra vez lance a horrivel chamma;
E deixa-o no erro Diogo, a fim que incerto,
Nenhum pelo pavor se chegue ao perto.

LIV.

LIV.

Mas por deixar incerta a gente infida,
Dá-lhe astuto o arcabuz, que não tem carga;
E quem (diz) he fiel, póde com vida
Tello na mão sem horrida descarga;
Porém se algum faltasse á fé devida,
Sentirá da traição por pena amarga,
Com proprio damno seu, com mortal risco,
Relampago, e trovão, fogo, e corisco.

LV.

Que eu acordado esteja, ou que adormeça,
Vigia em guarda minha o fogo occulto,
E a traição pagará com a cabeça,
Quem tentasse fazer-me hum leve insulto.
Porém se eu mal não quero, que aconteça,
Póde hum menino, como póde o adulto,
E o mais fraco, que houver na vossa gente,
Ter o trovão nas mãos, sem que arrebente.

LVI.

Porém guardai-vos vós, que só no peito,
Só n'alma, que tenhais tenção malina,
Vereis que trovão faz por meu respeito,
E que vem no estampido a vossa ruina.
Treme Gupeva, ouvindo este conceito,
E humilde a fronte ao Grão Diogo inclina:
Certo de não faltar na fé que rende,
Donde o raio, e trovão crê que depende.

LVII.

LVII.

Convoca em tanto o Principal temido
As esquadras da turba, então dispersa;
E ao Grão Caramurú pede rendido
Que eleja casa no Paiz diversa:
E que a gruta deixando, suba unido
Onde em vasta cabana o Povo versa;
Nem duvide que a gente fera, e brava
O sirva humilde, e se sujeite escrava.

LVIII.

No Reconcavo ameno hum posto havia
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetrallo, a entrada toda:
Hum plano vasto no seu centro abria,
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, varas, ramos, vimes, canas
Formárão, como em quadro, oito cabanas.

LIX.

Qualquer dellas com mole volumosa
Corre direita em linhas parallelas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes, ou columnas bellas:
Hum angulo no cume a faz vistosa,
E cuberta de palmas amarellas,
Sobre arvores se estriba, altas, e boas,
De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

LX.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animáes próvido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita:
Tal o rude Tapuia, na grand' arca;
Alli dorme, alli come, alli medita;
Alli se faz humano, e de amor molle,
Alimenta a mulher, e affaga a prole.

LXI.

Dentro da grã choupana a cada passo (10)
Pende de lenho a lenho a rede extensa:
Alli descanço toma o corpo laço;
Alli se esconde a marital licença:
Repousa a filha no materno abraço
Em rede especial, que tem suspensa:
Nenhum se vê (que he raro) em tal vivenda,
Que a mulher de outrem, nem q̃ a filha offen-
(da.

LXII.

Alli chegando a Esposa fecundada
A termo já feliz, nunca se omite
De pôr na rede o Pai a prole amada,
Onde o amigo, e parente o felicite:
E como se a mulher soffrêra nada,
Tudo ao Pai reclinado então se admite,
Qual fora, tendo sido em modo serio
Seu proprio, e não das Mãis o puerperio.

LXIII.

LXIII.

Quando na rede encosta o tenro infante,
Pinta-o de negro todo, e de vermelho;
Hum pequeno arco põe, frécha volante,
E hum bom cutelo ao lado; e em tom de ve-
Com discurso patetico, e zelante, (lho
Vai-lhe inspirando o paternal conselho;
Que seja forte diz, (como se o ouvisse)
Que se saiba vingar, que não fugisse.

LXIV.

Dá-lhe depois o nome, que apropría
Por similhança que ao Infante iguala,
Ou com que o espera célebre algum dia;
Senão he por defeito que o assinala:
A algum na fronte o nome se imprimia,
Ou pintão no verniz, que tem por gala;
E segundo a figura se lhe observa,
Dão-lhe o nome de féra, fruto, ou herva.

LXV.

Trabalha em tanto a Mãi sem nova cura,
Quando o parto conclue, e em tempo breve,
Sem mais arte que a próvida natura,
Sente-se lesta, e sã, robusta, e leve:
Feliz gente, se unisse com fé pura
A sóbria educação, que simples teve!
Que o q̃ a nós nos faz fracos, sempre estimo,
Qũ he mais q̃ pena, ou dor, melindre, e mimo.

LXVI.

LXVI.

Vai com o adulto filho á caça, ou pesca
O solicito Pai, pelo alimento;
O peixe á mulher traz, e a carne fresca,
E á tenra prole a fruta por sustento:
A nova provisão sempre refresca,
E dá nesta fadiga hum documento,
Que quem nega o sustento a quem deo vida,
Quiz ser Pai, por fazer-se hum parricida.

LXVII.

Que se acontece que a enfermar se venha,
Concorre com piedade a turba amiga;
E por dar-lhe hum remedio, que convenha,
Consultão-no entre si com gente antiga:
Buscão quem de herva saiba, ou cura tenha,
Que possa dar allivio ao que periga,
Ou talvez sangrão n'huma febre ardente,
Servindo de lanceta hum fino dente.

LXVIII.

Mas vendo-se o mortal já na agonia,
Sem ter para o remedio outra esperança,
Estima a bruta gente; acção mui pia,
Tirar-lhe a vida com a maça, ou lança:
Se morre o tenro filho, a Mái sería
Estimada cruel, quando a criança,
Que pouco antes ao Mundo della veio,
Não torna ao seu lugar no proprio seio.

LXIX.

LXIX.

Tal era o Povo rude, e tal usança
Se lhe vê praticar no vicio illuso:
Tudo nota Diogo, na esperança
De corrigir por fim tão cego abuso.
No lugar da cabana, em que descança
Menos da gente, e multidão confuso,
Põe-lhe a rede Gupeva, que o convida
De rica, e mole pluma entre tecida.

LXX.

Mas eis-que hum grande número o rodea
De emplumados feissimos Salvagens:
Ouve-se a casa de clamores chea;
Costume antigo seu nas hospedagens.
Qualquer chegar-se a Diogo ainda recea,
Por ter visto as horrificas passagens;
Mas *mair ma apadu* de longe explicão, (11)
E *bem vindo o estrangeiro* significão.

LXXI.

Por costumado obsequio os mais luzidos
Tomão Diogo nos braços; e no peito
A frente lhe apertavão comedidos:
Sinal entr'elles do hospital respeito.
Tirão-lhe em pressa as roupas, e vestidos;
E pondo-o sobre a rede, como em leito,
Sem mais dizer-lhe nada, e sem ouvillo,
Tudo se affasta, e deixão-no tranquillo.

E LXXII.

LXXII.

Com maior ceremonia outra vifita
Feftiva celebrava o feu cortejô;
Feminea turba, que o coftume incita
A offerecer-fe honefta ao feu defejo;
Senta-fe fobre os pés, e felicita,
Cobrindo o rofto a máo, como por pejo;
Veftidas vem de folhas táo brilhantes,
Que o que falta ao valor, tem de galantes.

LXXIII.

Parece fer da meza o difpenfeiro
Hum Salvagem, que o nome lhe pergunta:
Se tem fome, lhe diz; ou fe primeiro
Quereria beber? e logo ajunta,
Sem mais refpofta ouvir, fobre o terreiro
A comida que trouxe em cópia munta:
Póe-fe-lhe Uiçu de peixe, e carne crua, (12)
E o mimofo Cauin, que he paixáo fua.

LXXIV.

Todos com gula comem furiofa,
Sem olhar, fem fallar, nem diftrahir-fe:
Tanto fe abforbem na paixáo gulofa,
Que mal pudéra ao vellos diftinguir-fe,
Se sáo féras, ou homens. Vergonhofa,
Trifte miferia humana! confundir-fe
Hum peito racional c'hum bruto feio
No horrendo vicio, donde o mal nos veio.

LXXV.

LXXV.

Acabada a comida, a turba bruta
O estrangeiro bem vindo outra vez grita;
E a tropa feminina, que isto escuta,
Cobre a face co-as mãos, e o pranto imita:
Gupeva pois que o hospede reputa,
Causa do seu prazer, e author da dita;
O Sacro fogo a roda lhe ateava,
Ceremonia hospital, que o povo usava. (13)

LXXVI.

Bem presumia Diogo, no que explora,
Que algum mysterio se occultava interno;
Lembra-lhe a chamma, que o Caldeo adora;
O fogo das Vestaes recorda eterno;
Nem duvidava que de origem fora
Costume da Nação, rito paterno;
Trazido, se he possivel que se crêa,
Na dispersão das gentes, da Caldêa.

LXXVII.

Perguntallo dos barbaros quizera;
Mas como o acceno, e lingua muito engana,
Acaso soube que á Gupeva viera
Certa Dama gentil Braziliana:
Que em Taparica hum dia comprendêra
Boa parte da lingua Lusitana;
Que Portuguez escravo alli tratára, (14)
De quem a lingua, pelo ouvir, tomára.

LXXVIII.

Paraguaçú gentil (tal nome teve)
Bem diverſa de gente tão nojoſa;
De cõr tão alva, como a branca neve;
E donde não he neve, era de roſa:
O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bella lũz, teſta eſpaçoſa:
De algodão tudo o mais, com manto eſpeſſo;
Quãto honeſta encobrio, fez ver-lhe o preço.

LXXIX.

Hum Principal das terras do contorno
A bella Americana tem por filha;
Nobre ſem faſto, amavel ſem adorno;
Sem gala encanta, e ſem concerto brilha:
Servia aos Carijós, que tinha em torno,
Mais que de amor, de objecto a maravilha:
De hum deſdem tão gentil, q̃ a quem olhava,
Se mirava immodeſto, horror cauſava.

LXXX.

Foi deſtinada de ſeus Pais valentes,
Eſpoſa de Gupeva; mas a Dama
Fugia de ſeus olhos impacientes,
Nem prenda lhe acceitou, porque o não ama:
Nada ſabem de amor barbaras gentes,
Nem arde em peito rude a amante chama;
Gupeva, que não ſente o ſeu deſpeito,
Tratava-a ſem amor; mas com reſpeito.

LXXXI.

LXXXI.

Deſeja vella o forte Luſitano;
Porque interprete a lingua, que entendía;
E toma por mercê do Ceo ſobrano
Ter como entenda o idioma da Bahia:
Mas quando eſſe prodigio aviſta humano,
Contempla no ſemblante a louçania:
Pára hum, vendo o outro; mudo, e quedo,
Qual junto de hum penedo outro penedo.

LXXXII.

Só tu, Tutelar Anjo, que o acompanhas,
Sabes quanto a virtude alli ſe arriſca,
E as furias da paixão, que accende eſtranhas
Eſſa de inſano amor doce faiſca:
Anſias no coração ſentio tamanhas,
(Anſias, que nem na morte o tempo riſca)
Que houvera de perder-ſe naquell' ora,
Senão fora Chriſtão, ſe Heroe não fora.

LXXXIII.

Mas deſde o Ceo a Santa Intelligencia
Com doce inſpiração mitiga a chamma;
Onde a amante paixão ceda á prudencia,
E a razão póde mais, que a ardente flamma:
Em Deos na natureza, e na conſciencia
Conhece, que quer mal quem aſſim ama;
E que fora ſacrilego epiſodio
Chamar á culpa amor, não chamar-lhe odio.

LXXXIV.

LXXXIV.

No raio deste heróico pensamento
Em tanto Diogo reflectio comsigo,
Ser para a lingua hum cómmodo instrumento
Do Ceo mandado na donzella amigo:
E por ser necessario ao Santo intento,
Estuda no remedio do perigo,
Que póde ser? sou fraco: ella he formosa...
Eu livre... ella donzella... será esposa.

LXXXV.

Bella (lhe disse então) gentil Menina,
(Tornando a si do pasmo, em que estivéra)
Sorte humana não he, mas he Divina,
Ver-me a mim; ver-te a ti na nova esféra:
Ella a frase, em que fallo, aqui te ensina;
Ella, senão me engana o que alma espera,
Hum fogo em nós accende, que de resto
Eterno haja de arder, se arder honesto.

LXXXVI.

Desde hoje se a meus olhos corresponde
O meigo olhar das lucidas pupilas;
Se amor he.. porq̃ amor quẽ he q̃ o esconde,
Se por elle essas lagrimas distillas:
Com que chammas meu peito te responde,
Com mão de Esposa poderás sentillas;
Disse; e estendendo a mão, offereceo-lha;
Ella que nada diz, sorrio-se, e deo-lha.

LXXXVII.

LXXXVII.

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixára;
E ou de amante, ou tambem de vergonhosa,
Hum tão bello rubor lhe tinge a cara,
Como quando entre os lirios nasce a rosa:
Tres vezes quiz fallar, tres se calára;
E ficou do soçobro tão formosa,
Quanto elle ficou cégo; e em tal porfia,
Nem hum, nem outro então de si sabia.

LXXXVIII. amor de frade

Mas reflectindo logo o Heróe prudente,
Fixou no coração com fé segura,
Não cumprir as promessas de presente,
Antes que lhe entre n'alma a formosura:
Rende-lhe o seu amor, mas innocente,
E faz-lhe prometter, que com fé pura,
Em quanto se não lava, e regenéra,
Em continencia viviráõ sincera.

LXXXIX.

E esta fé (diz-lhe) Esposa em Deos querida,
Guardar-te hoje prometto em laço eterno,
Até banhar-te n'agua promettida,
Por candida affeição de amor fraterno:
Amor, que sobreviva á propria vida;
Amor, que prezo em laço sempiterno,
Arda depois da morte em maior chamma;
Que assim trata de amor, quẽ por Deos ama.

XC.

Eſpoſo (a bella diz) teu nome ignoro;
Mas não teu coração, que no meu peito
Deſde o momento, em q̃ te vi, que o adoro:
Não ſei ſe era amor já, ſe era reſpeito:
Mas ſei do que então vi, do que hoje exploro,
Que de dous corações hum ſó foi feito.
Quero o Baptiſmo teu, quero a tua Igreja,
Meu Povo ſeja o teu, teu Deos meu ſeja.

XCI.

Terme-has, caro, terme-has ſempre a teu lado:
Vigia tua, ſe te occupa o ſomno;
Armada ſahirei, vendo-ſe armado;
Tão fiel nas prizões, como n'hum throno:
Outrem não temas, que me ſeja amado:
Tu ſó ſerás, Senhor, tu ſó meu dono:
Tanto lhe diz Diogo, e ambos jurárão;
E em fé do juramento, as mãos tocárão.

Aſsi

(1) *Anhangá.* Nome do Demonio, em lingua Brazilica, conhecido daquelles Barbaros pelo uso da Nigromancia.

(2) *Montanhas.* Persuadem-se os Brazilienses, que além das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, seja o Paraiso. Vide *Martiniere Diccionario Geografico* verb. *Brazil*, onde se lerá a maior parte da Historia dos ritos, e costumes do Brazil, que aqui, e na serie do Poema escrevemos.

(3) *O corpo humano.* Razão sufficiente, por que he illicito comer a carne humana por principios Theologicos na presente Oitava, e na seguinte pelos Naturaes.

(4) *Paiaiás.* Nome honorifico em lingua Brazilica, equivalente a *Nobres*, ou *Senhores*. O Poeta conforma-se ao costume destas gentes, entre as quaes os Principes fazem longas fallas aos seus Compatriotas, exhortando-os pelos principios, que aqui se tocão.

(5) *Imboába.* Voz, com que os Barbaros nomeão os Europeos.

(6) *Salmoneo.* Este Principe pertendia imitar o raio para espantar os Gregos, então barbaros, e similhantes aos nossos Brazilienses. Tanto se póde crer do Rei de Creta, que aquelles Insulares chamárão Jupiter.

(7) *Hercules.* Os Heróes dos tempos fabulares forão sem dúvida similhantes aos nossos primeiros Descubridores, feitos celebres pela rudeza, e ignorancia dos seus tempos. Observamos este parallelo para preoccupar a censura de quem acaso estimasse a materia, e objecto desta Epopeia, indigna de comparar-se á que escolhêrão os antigos Poetas Epicos.

Cau-

(8) *Cauſada.* He certo que a Idolatria dos Gregos teve grande occaſião nos Inventores das Artes: e vimos outro tanto nos Americanos, diſpoſtos a crer immortaes os Europêos.

(9) *Hum plano.* Deſcripção das Tabas, ou Aldêas Brazilicas.

(10) *Dentro.* O Padre Martiniere, célebre Crítico, e teſtemunha ocular, atteſta parte deſtes coſtumes; outros. Ozorio, Vaſconcellos, Pitta, que não citamos, por ſerem eſpecies vulgares.

(11) *Mas mair.* Nas hoſpedagens coſtumão aſſim os Brazilianos: e do Padre Martiniere copiámos as palavras, que então proferem, e a ſua interpretação.

(12) *Uiçu.* Farinha, a que reduzem a carne torrada, ou o peixe. *Cauin*, bebida ſimilhante á que já diſſemos da Catimpoeira.

(13) *Ceremonia.* Tinhão eſta ceremonia como Religioſa, perſuadidos que faz fugir o Demonio.

(14) *Portuguez eſcravo.* Ficção Poetica ſobre o veroſimil, não ſendo difficil que algum dos Portuguezes deixados por Cabral, ou por outros Capitães na coſta, para aprenderem a lingua, communicaſſem parte della aos habitantes.

CAN-

CANTO III.

I.

JA' nos confins extremos do Horizonte
Dourava o Sol no occaſo rubicundo
Com tibio raio aſſima do alto monte;
E as ſombras cahem ſobre o valle fundo;
Hia morrendo a côr no prado, e fonte;
E a noite, que voava ao novo Mundo,
Nas azas traz com viraçáo ſuave
O deſcanço aos mortaes no ſomno grave.

II.

Só com Gupeva a Dama, e com Diogo
Goſtoſa aos dous de interprete ſervia;
E perguntado ſobre o Sacro fogo,
A qual fim ſe inventára? a que ſervia?
Deo-lhe ſimples razáo Gupeva logo:
Suppre de noite (diſſe) a luz do dia;
E como Tupá ao Mundo a luz accende,
Tanto fazer-ſe aos hoſpedes emprende.

III.

Se peccando o máo espirito solevas,
Succede que talvez cruel se enoje;
E como he Pai da noite, e Author das trévas,
Tanto aborrece a luz, que em vendo-a foge:
Porém se á Luz eterna o peito elevas,
Não ha furia do Averno que se arroje;
Talvez por lhe excitar tristes idéas,
Das chammas, que tiverão por cadeas.

IV.

Admira o pio Heróe, que assim conheça
A Nação rude as legiões do Averno; (1)
Nem já duvída que do Ceo lhe desça
Clara luz de hum Principio sempiterno.
Disse-me, Hospede amigo, se professa
Este teu Povo, diz, com culto externo
Adorar algum Deos? qual he? onde ande?
Se seja hũ Deos sómente, ou q̃ outros mande?

V.

Hum Deos (diz) hũ Tupá, hũ ser possante (2)
Quem poderá negar que reja o Mundo,
Ou vendo a nuvem fulminar tonante;
Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?
Quem enche o Ceo de tanta Luz brilhante?
Quem borda a Terra de hum matiz fecundo?
E aquella sala azul, vasta, infinita,
Senão está lá Tupá, quem he que a habita?

VI.

VI.

A chuva, a neve, o vento, a tempestade
Quẽ a rege? a quẽ segue? ou quem a move?
Quem nos derrama a bella claridade?
Quem tantas trévas sobre o Mundo chove?
E este espirito amante da verdade,
Inimigo do mal, que o bem promove,
Cousa tão grande, como fora obrada,
Senão lhe dera o ser, quem vence o nada?

VII.

Quem seja este grande Ente, e qual seu nome,
(Feliz quem saber póde) eu cego o ignoro;
E sem que a empreza de sabello tome,
Sei que he quẽ tudo faz, e humilde o adoro:
Nem duvido que os Ceos, e Terra dome,
Quando nas nuvens com terror o exploro,
Deixando o mortal peito em vil desmaio,
Ameaçar no trovão, punir no raio.

VIII.

Só pasmo se nos fez, como não veio,
Devendo amar o que obra de mão sua,
Ao Mundo de Anhangás cercado, e cheio
A livrar o Homem dessa besta crua!
Como he possivel que não désse hum meio,
Com que a mente ignorante, enferma, e nua
Tratar com elle possa, quando he claro
Que o Pai não deixa o filho em desamparo?

IX.

IX.

Sinto bem remorder dentro em meu peito
Lembrança, que me accusa: por mim fica
Se mais bem do que faz, me não tem feito,
Que he nescio quem o ingrato benefica.
Outro Povo talvez mereça eleito
A assistencia dos Ceos de graças rica;
Nem contra Deos se justifica a queixa,
Que costume deixar, quem o não deixa.

X.

Mas se do Throno Celestial, e Eterno
A pezar da malicia nos visita;
Quem sabe se por zelo hoje paterno
A nosso bem mandar-te aqui medita.
Pois creio bem que contra o fogo Averno
Trazes a chamma, que a do raio imita,
Ou que vens como luz, do Ethereo assento,
Por levar-nos comtigo ao Firmamento.

XI.

Pasmava o Lusitano da eloquencia
Com tão alto pensar n'huma alma rude;
Notando como a Eterna Sapiencia
A face a todos mostra da virtude.
E reputava por maior clemencia,
Que a quê, se a fé conhece, ingrato a illude;
Negasse Deos a luz, que os outros vião;
Porque tendo-a maior, mais cegarião.

XII.

XII.

Não deixa nunca os ſeus o Ceo piedoſo
(Diogo reſpondeo) que á terra indigna
Manda o ſeu Unigenito glorioſo,
Que offreça, a quẽ o invoca, a mão benigna:
Mas ſe antevisse no Homem perniciofo (3)
Huma livre eleição ſempre maligna,
Por dar-lhe menos pena em menor falta
Em ſombra, como á voz, deixa tão alta.

XIII.

Tendes em tanto hum claro ſentimento,
Que eſpirito immortal ſe nos concede.. (4)
Sim, diz Gupeva, que o decide attento,
Quem tudo quanto ſente parte, ou mede:
Mas mirando ao ſeu proprio penſamento,
Vê que a medida ſempre intacto excede;
E ſendo indiviſivel deſta ſorte,
Como póde a razão ſoffrer a morte?

XIV.

Quantas vezes em mim, ſe ſer pudeſſe,
Hum penſamento d'alma eu dividíra;
Que todo o mal em fim que o homem padece,
Vem d'imagem cruel, que dentro gyra.
Mas a interna impreſsão tanto mais creſce,
Quanto o peito anſiado mais ſuſpira:
E vejo q̃ ha em mim meſmo occulto, e interno
Entre a mẽte, e a verdade hũ laço eterno. (5)

XV.

XV.

Sendo a mente mortal, tornára ao nada,
Ao apagar-se a luz no extremo dia;
E antes de ser punida, ou premiada,
Huma alma justa, ou ré pereceria;
Sempre em desejos, nunca saciada;
Má sem castigo; e sem fortuna pia;
Sem chegar ao seu fim perder a essencia...
Como he crivel, que Deos tem Providen-
(cia? (6)

XVI.

Se o fim do inerte bruto se inquirisse,
No contexto das obras respondêra,
Que fora feito, porque nos servisse,
E que eterno destino não tivera:
Onde era bem que a morte destruisse
Quem para immortal fim nunca nascêra;
Porque lhe dera, a tello, o Ceo Divino
Outro corpo, outra fórma, outro destino. (7)

XVII.

Que o bruto elege, pensa, que discorre
Do que o vemos obrar fica evidente;
Mas cada especie a hum curto fim concorre,
Sem orgãos, e aptidão com q̃ outro intente.
O homem tudo quer, por tudo corre,
Tem orgãos para tudo, e tudo sente;
Infinito em pensar, e no que vejo
Maior que no pensar no seu desejo.

XVIII.

XVIII.

Tudo domína só, tudo governa,
Sem que a outro animal servir costume;
Toda outra especie á sua he subalterna,
E se immortal nascêra, fora hum Nume: (8)
Arbitrio Universal, Razão Eterna,
Capaz de receber o immenso lume,
E fora mais, se a morte o dissipára,
Que se Ceo, Terra, e Inferno anniquilára.

XIX.

Pasmado Diogo do que attento escuta,
Não crê que a singular Filosofia
Possa ser da invenção da gente bruta;
Mas a interprete bella lhe advertia,
Que a antiga Tradição nunca interrupta
Em cantigas, que o Povo repetia,
Desde a idade infantil todos comprendem,
E que dos Pais, e Mãis cantando o aprendem.

XX.

Que erão pedaços das Canções, que entoão (9)
As que ouvia a Gupeva (e talvez tudo)
Que em Poetico estilo doces soão
Feitas por Sabios de sublime estudo:
Que alguns entre elles com tal estro voão,
Que involvendo-se o harmonico no agudo,
Parece que lhe inflamma a fantasia
Algum Nume, se o ha, da Poesia.

XXI.

Tendo Paraguaçú dito discreta,
Proſegue então Gupeva os ſeus aſſumptos:
Que ſe as almas morreſſem, que indiſcreta
A memoria ſería dos defuntos?
A que servíra a Lei, que nos decreta, (10)
Que no ſepulchro ſe lhe ponháo juntos
Comidas, arcos, frechas? quem reſiſte
A quem depois da morte não ſubſiſte?

XXII.

O inimigo Anhangá, logo que deixa
A noſſa alma eſta carne, em furia a invade,
E do mal, que cá fez, cruel ſe queixa,
Até que em ſombras entre, ou claridade:
O Rito do Sepulchro expreſſo deixa,
Que enterrando-ſe em pé, na Eternidade
O fim buſcamos, a que Deos nos cria;
E que antes de o alcançar, ſe ſegue a via.

XXIII.

Deſte principio naſce, que com prantos
(Noite, e dia ſe chora o ſeu deceſſo;
Louvão-ſe nos Congreſſos como Santos,
E põe-ſe no ſepulchro hum marco expreſſo:
Tantas memorias pois, officios santos
A que fim, ſe a alma acaba, eu não conheço:
A expiação e obſequio era fruſtrado,
Se ella não vive, ou purga algum peccado.

XXIV.

Costumes são da occulta Antiguidade,
Que o Grão Tamandaré desde alta origẽ (11)
A's gentes ensinou, com que á piedade
Todas no Mundo as almas se dirigem:
E quando algum conteste esta verdade,
Provão-na os Anhangás, que nos affligem,
Pedindo aos Nigromantes q̃ a alma vendão,
No q̃ huma alma immortal nos recommendão.

XXV.

Que he desde nossos Pais fama constante,
Que a onde o Sol se põe nessas mõtanhas (12)
Ha hum fundo lugar, de que he habitante
O perfido Anhangá com crueis sanhas:
Alli de enxofre a escuridão fumante
Com portas encerrou Tupá tamanhas,
Que as não póde forçar, nem todo o Inferno:
A morte he a chave; e o cadeado he eterno.

XXVI.

Dentro nada se vê na sombra escura;
Mas no vislumbre funebre, e tremendo
Distingue-se com vista mal segura,
Hum Antro vasto, tenebroso, e horrendo:
Ordem nenhuma tem: tudo conjura
Ao sempiterno horror, que alli comprendo:
Mutuamente mordendo-se de envolta,
Hum n'outro se agarra, se o primeiro o solta.

XXVII.

Se viste onda sobre onda procellosa,
Quando bate escumando a arêa funda,
Como esta aquella engole; e mais furiosa
Montanha d'agua vem, que ambas affunda:
Tal na caverna lobrega horrorosa
Onda, e onda de fogo os máos inunda:
Este sóbe; este desce; e hum cataclismo
Alaga as nuvens, e descobre o abysmo.

XXVIII.

Aqui o fero Anhangá cahio, (se conta)
Quando do Grão Tupá rompia o jugo;
E vem dos Astros, que soberbo monta,
A ser em pena vil, do homem verdugo:
Alli com mão cruel, com furia prompta
Pune da nossa especie o vil refugo;
E em vez de máos as miserandas gentes,
Enrosca em laços de crueis serpentes.

XXIX.

Alli do Grão Tupá por Lei severa,
No incendio está, que o tempo não apaga,
Quem torpe incesto faz; quem adultera;
Quem he réo da lascivia infame, e vaga:
Cada hum, como a culpa commettêra,
Tanto, e no proprio membro o crime paga:
Fere-se a quem ferio; mas o homicida
Só porque morra mais, não perde a vida.

XXX.

XXX.

Sentada em meio da morada horrenda,
 Branca de cans, e immovel na manobra,
 Immensa sombra faz, que a cauda prenda
 Dentro na boca horrivel huma cobra:
Com rouca voz, e intimação tremenda
 Ao tempo prezo na viperea dobra
 Diz, retumbando em eco a cavidade:
 Oh vida! oh tẽpo! oh morte! oh eternidade!

XXXI.

Além da grã montanha, em que se occulta (13)
 O carcere das sombras horroroso;
 De mil delicias n'hum terreno exulta
 Quem vive justo, ou quem morreo piedoso:
Não se acha imagem nesta terra inculta,
 Que seja sombra do Paiz ditoso:
 O Templo alli da Paz foi levantado,
 Sempre aberto ao prazer, e á dor fechado.

XXXII.

Ha do ameno jardim na vasta entrada
 Huma grã porta de safiras bellas,
 Onde da etherea Luz reverberada,
 Se pinta em vasto fundo hũ mar de estrellas;
Toda ella em torno, em torno decorada
 De floridas bellissimas capellas:
 Junto voragem ha de hum precipicio,
 Que sorve a quẽ se encosta infecto em vicio.

XXXIII.

XXXIII.

Vem-se dentro campinas deleitosas,
Geladas fontes, arvores copadas;
Outeiros de crystal, campos de rosas,
Mil fructiferas plantas delicadas:
Cuberto o chão das frutas mais mimosas,
Com mil formosas cores matizadas,
E á maneira, entre as flores, de serpentes
Vão volteando as liquidas correntes.

XXXIV.

Latadas de martyrios ha sombrias,
Que com a rama, e flor formão passeios;
Onde passão sem calma os claros dias,
Gozando sem temor de mil recreios:
Chuvas alli não ha, nem brumas frias,
Nem das procellas horridas receios;
Nem ha na Primavera, e verdes Maios
Quem receie o trovão, nem tema os raios.

XXXV.

Entre o susurro alli das fontezinhas,
Harmonica se escuta a voz sonora,
Com que mil innocentes avezinhas
Entoão a alvorada á fresca Aurora:
Muitas com vôos vão ao Ceo vizinhas;
Outra segue o Consorte, a quem namora,
E mil doces requebros gorgeando,
De raminho em raminho vai saltando.

XXXVI.

XXXVI.

Huma ave entre outras ha que se discorre, (14)
Ou fama certa seja, ou voz fingida,
Que do jardim a nós, de nós lá corre,
Como fiel correio da outra vida:
Dizem que vôa, quando algum cá morre,
E exprime no seu canto enternecida
O que alma passa nas eternidades,
E que nos leva, e traz doces saudades.

XXXVII.

Neste ameno jardim vivem contentes
As almas, que no Mundo valerosas
A Santa Lei guardárão diligentes,
Obrando acções na vida gloriosas:
Os que forão na guerra mais valentes,
E a Patria com acções guardão honrosas;
E os que em bellico horror com peito forte
Temem mais huma affronta, do que a morte.

XXXVIII.

Aqui do Grão Tupá no amado seio
Conversão, dançáo, jogão sem fastio;
Huns dos males passados sem receio
Contão da crua guerra o caso impio:
Outros da propria morte o golpe feio,
Recordão sem pavor, contão com brio;
Que o recordar hum mal, que he já passado,
Dá depois mais prazer, que então cuidado.

XXXIX.

XXXIX.

Alli dos Pais as almas venturoſas
  Unidas ſempre eſtão ao Filho amado;
  E o premio das fadigas laborioſas
  Gozão no ſeio hum d'outro ſem cuidado:
A Mãi abraça as filhas amoroſas;
  Como o Eſpoſo a Conſorte em puro agrado;
  Sem guerra, ſem contenda, ſem porfia
  Paſsão tranquilla a noite, e alegre o dia.

XL.

Mas o que he mais ſuave, o que he mais doce,
  He gozar-ſe entre tanta amenidade
  De todo o bom deſejo a inteira poſſe;
  Nem ter de couſa vã neceſſidade:
Oh quem de tanto bem poſſeſſor foſſe!
  Grato Paiz! amavel liberdade!
  Onde por graça de Tupá infinita
  Ninguem padece, teme, ou neceſſita.

XLI.

Dizendo aſſim, Gupeva enterneceo-ſe,
  Sentindo a força, que o mortal levanta
  A' Bemaventurança: commoveo-ſe
  Tambem Diogo, vendo que em luz tanta
Tão pouco de Deos ſabe: a todos deo-ſe
  O eterno lume, copia da Lei ſanta;
  Mas bem que de eſplendor inunde hũ pégo,
  Quem he indigno de Deos, fica mais cégo.

XLII.

XLII.

Que valem (disse ao barbaro ignorante)
Jardins, flores, delicias, e prazeres,
Faltando o Objecto em fim mais importante,
Que he a face de Tupá? pois de a não veres,
Todo outro bem, que gozes por brilhante,
Por bello, por maior, que o conceberes,
Para a nossa cubiça mal saciada,
He vil, he vão, he pouco, he fumo, he nada.

XLIII.

Finge que possa o Homem gozar junto
Destes bens cá da terra hum vasto rio;
Quanto Deos crear póde, tudo e munto;
Quem delle não gozar, fica vasio:
Se o Mundo a hũa alma basta, eu não pergunto;
Que ella goze infinitos, sempre eu fio;
Que qual hydropesia verdadeira,
Quantos mais possuir, tantos mais queira.

XLIV.

Toda essa gloria, que me tens pintado,
Sem mais q̃ hum bẽ do Mundo circumscrito,
Não he, Gupeva meu, mais q̃ hum bocado,
Para quem só se farta do infinito:
E quando tudo o mais se haja logrado,
Se he hum bem transitorio, se he finito,
Em breve has de sentir, e sem remedio
Do futuro ansia, e do passado tedio.

XLV.

XLV.

Deos, caro amigo meu, he Deos sómente
Quem póde saciar nossa vontade:
Chegar á parte a onde o ver contente,
E vello alli por toda a eternidade:
Todo o bem nelle está summo, e eminente,
Honra, gloria, grandeza, magestade:
Esta he, se discorreres em bom siso,
A idéa, que has de ter de hum Paraiso.

XLVI.

Porém narra-me em tanto o que se pensa
Entre vós dos principios deste Mundo:
Quando? como? por quem na idéa immensa
Se tomou a medida ao Ceo profundo?
Qual foi o Homem primeiro, e de qual crença?
Ou se noticia tens do Adáo segundo?
De qual origem sois, ou de qual gente?
Ou quem veio a povoar tal Continente?

XLVII.

Memoria nunca ouvi (Gupevà disse) (15)
Onde o Homem nascesse; mas comprendo,
Que houve principio em fim q̃ o produzisse,
Que sem fim, e principio eu nada entendo.
Como o creou náo sei: e bem que o visse,
Náo pudéra entendello; conhecendo
Que entre o nada, e o ser há tal distancia,
Que a ti te creio igual nesta ignorancia.

XLVIII.

XLVIII.

O primeiro Homem na geral lembrança,
 A Tradição dos velhos mais antigos,
 Antes do grão Diluvio não alcança:
 Sabemos só que huns homens inimigos,
Do forte braço na fallaz confiança,
 Enchêrão todo o Mundo de perigos,
 E derão causa, que o Diluvio extenso
 N'hum pégo sepultasse a terra immenso.

XLIX.

Do renovado Mundo o Patriarca
 Desde o alto monte, onde escapou, descendo,
 Depois que a grá canoa, e immensa barca,
 Em que ao alto subio, foi fundo tendo;
Na prole immensa dominou Monarca,
 E as varias Tribus dividido havendo
 Por Continentes, e Ilhas do mar fundo,
 De toda a gente he Pai, q̃ habita o Mundo.

L.

Predisse o Justo Velho o grão castigo,
 E os Homens exhortando á penitencia;
 Nem á vista do proximo perigo
 Chamallos pôde á justa obediencia:
Cançado então Tupá da paz amigo
 Do cruel latrocinio, e da violencia,
 Quiz por vingar-se o Padre Omnipotente
 Com aguas apagar a chamma ardente.

LI.

Faz que ſe abrão do Ceo, que aguas encerra;
As catadupas, como immenſos rios,
E que a face inundando-ſe da terra,
Se affoguem bons, e máos, juſtos, e ímpios:
Os elementos em desfeita guerra
Confundem-ſe em medonhos deſafios;
Cahe hũ mar deſde o Ceo, e na meſma hora
Manda a terra do centro outro mar fóra.

LII.

Jà rota a margem, que nas brancas praias
A's ondas poſto tinha o Grão Sobrano,
Paſsão as aguas das extremas raias,
Onde ſe ajunta com o monte o plano:
O peixe nadador nas altas faias
No ninho eſtá do aligero tucano:
E em ſeios as balêas ver puderas,
Covis dos Tigres, e antros de Pantheras.

LIII.

Hião em tanto os Homens miſerandos
De hum monte a outro por fugir das aguas,
E ſem deſtino algum bandos, e bandos
Correndo gritão com piedoſas magoas:
E os Ceos deprecão, que os eſcutem brandos;
Mas a ira de Tupá com juſtas fragoas
Fulminando ſentélhas, e coriſcos,
Faz maiores os damnos, do que os riſcos.

LIV.

LIV.

Via-se em longa taboa mal segura
Nadar sobr'agua a Mãi desventurada;
E tendo ao collo appensa a creatura,
Ora he n'agua abatida, ora elevada
Quem desde o alto das casas se pendura;
Quem fabrica de lenhos a jangada;
Qual da fome mortal horror concebe,
E crê que he menos mal, se a morte bebe.

LV.

Tamandaré porém de Tupá amigo,
Em quanto a grã procella horrivel soa,
Salva o naufrago Mundo pelo abrigo,
Que aos filhos procurou na grã canoa:
E a barca por memoria do castigo
Elevada deixou sobre a coroa
Das altas serras, que na fama claras,
Tem nome similhante ao das Araras. (16)

LVI.

Daqui por varias terras espalhados
Os Homens forão, que seus netos cremos;
Huns que a fronte de nós deixou queimados,
O claro Sol, q̃ nasce em seus extremos: (17)
Outros, que habitão climas apartados,
Dessa cor branca, que em teu rosto vemos;
Divididos do mar, por onde as proas
Endireitão a nós vossas canoas.

LVII.

LVII.

Se ſois de nós, ſe nós das voſſas gentes,
São couſas, que nós todos ignoramos;
Pois do paterno chão ſempre contentes,
D'outras terras, e tempos não cuidamos:
Mas vós, que os mares paſſeais ingentes,
Podereis inferir, ſe os que aqui eſtamos,
Depois que de hum Pai ſó todos naſcemos,
Com alguns entre vós nos parecemos.

LVIII.

Ou ſe em vós houve, ou ha quẽ aſſim trate; (18)
Quem ſe governe aſſim, quem edifique,
Ou quem com armas, como nos combate,
Quem todo á caça, como nós ſe applique:
Se ha quem devore os Homens, quando os mate;
A quem o feroz vulto imberbe fique,
Deſde Tamandaré, que he Pai das gentes,
Podemos crer que são noſſos Parentes.

LIX.

Conſerva-ſe n'hum Povo o antigo rito,
Se o não altera o rito do eſtrangeiro;
E ſempre algum veſtigio fica eſcrito
Por Tradição do ſeculo primeiro.
Vós ſabereis, ſe a Hiſtoria tenha dito,
Que houve tempo, em q̃ o Mũdo quaſi inteiro,
Sem ſabermos huns d'outros ſe habitaſſe;
E como nós erramos, tudo erraſſe.

LX.

LX.

Se os mares nunca d'antes navegados
Discorrestes por climas differentes;
Sabereis d'outros Homens separados,
Descubertos talvez das vossas gentes:
Que por estreitos, póde ser, gelados,
Transitárão nos nossos Continentes:
Vós direis, se Homens ha na roxa Aurora
Nús, e pintados, como nós agora?

LXI.

E porque saibas mais nosso costume,
Onde julgues melhor da antiga origem,
Dirte-hei como, seguindo o impresso lume,
As prudentes Nações cá se dirigem:
Nem do vicio de muitas se presume
Contra aquellas, que sabias se corrigem;
Que tambem entre vós creio se escuta,
Quem tendo boas leis, tem má conducta.

LXII.

De Tupá, que o trovão com fogo manda,
Trememos, como vês, espavoridos;
Mas quando vemos que a procella abranda,
Ficão os homens de Tupá esquecidos:
E bem suspeito que ness'outra banda
Succeda assim; se o horror vem dos sentidos;
E que entre vós tambem gente se veja,
Que não temem Tupá, senão troveja.

LXIII.

LXIII.

Quem o blasfeme, affronte, ou quem o chame
A ser-lhe testemunha, quando mente,
Nũca se ouve entre nós cõ furia infame, (19)
E só de o imaginar se assombra a gente.
He raro quem o adore, ou quem o ame;
Mas mais raro será quem insolente
Tenha do Summo Ser tão céga incuria,
Que trate o nome seu com tanta injuria.

LXIV.

De externo culto a Deos ha pouco indicio;
Senão he no que estimas bruto engano
De fazermos cruento sacrificio,
Não do sangue brutal, porém do humano. (20)
Vejo á luz da razão, que he feio vicio,
Que ao instincto repugna por tyranno;
Mas matar quem nos mais o crime atiça,
Não he victima digna da Justiça?

LXV.

A Justiça do Ceo reconhecemos
Contra quem delinquente a profanasse;
Pondo supplicios contra os máos extremos,
E em justo sacrificio a pena dá-se.
O malfeitor, o réo, quando o prendemos,
Com sacro rito a ceremonia faz-se:
Que quem no sangue impio a Deos vindica,
Este o aplaca sómente, e sacrifica. (21)

LXVI.

LXVI.

A fórma do governo por abuſo
  Anarquico entre nós ſem lei ſe offrece;
Mas nos que fazem da razão bom uſo,
  Juſta Legislação reinar parece:
Nem nos tomes por Povo tão confuſo,
  Que hum público poder não conheceſſe;
Ha Senado entre nós ſabio, e prudente, (22)
  A quem o Nobre cede, e a humilde gente.

LXVII.

Vagamos ſempre, e nunca hum firme aſſento
  Nos deixão ter da caça os exercicios:
Buſcamos nella os proprios alimentos,
  E habitamos onde a ha, ou della indicios:
E eſtes são de ordinario os fundamentos
  De occupar-nos em bellicos officios;
Verás as gentes em continuo choque,
  Sobre a quem o terreno, ou praia toque.

LXVIII.

Em varias caſtas, e Nações diverſas
  Dividido o Sertão vagar coſtuma;
E bem que vagabundas, e diſperſas,
  Confederão-ſe as Tabas de cada huma; (23)
Em guerra, e paz, e em ſedições perverſas
  Ao Patrio nome não ſe nega alguma;
E ſe o Senado o quer, por juſtos modos
  Põem-ſe todos em paz, e armão-ſe todos.

LXIX.

São nos Senados membros, e cabeças
 Os Velhos Sabios, Capitães valentes;
 Os que tem ſoccorrido em grandes preſſas
 Com conſelhos á Patria mais prudentes:
Deſtes as ordens dimanando expreſſas,
 Hum ſó ſe não verá nas noſſas gentes,
 Que rompa, não cedendo a Poteſtade,
 Eſte laço da humana ſociedade.

LXX.

Deſtes hum da Suprema Divindade
 Miniſtros são, que nos feſtivos dias, (24)
 Fazendo-ſe qualquer ſolemnidade,
 O Povo exhortão com lembranças pias:
Honrão cantando a eterna Mageſtade,
 Com ſons, que para nós são melodias:
 Couſas, que ſe Anhangá corrompeo tanto,
 Vê-ſe que naſcem de Principio Santo.

LXXI.

Eſtes Chefes do culto venerando
 Mantem-nos a oblação do Povo crente:
 São Meſtres ſantos, e por nós orando,
 (O lume da razão moſtra evidente,)
Que em tão ſublime officio miniſtrando,
 Tem direito a que o Publico os ſuſtente:
 Pois nelles he mais juſto que a lei valha
 De comer cada hum, donde trabalha.

LXXII.

Punimos o homicidio: quem mutila,
Quem bate, ou fere, não evita a pena:
A ſentença elle a dá. Deve ſubila (25)
Qual foi a culpa, com juſtiça plena:
Quem matou, morrer deve: aſſim ſe eſtila
Por Lei Sagrada, que a Equidade ordéna:
Quem cortou pé, ou mão, braço, ou cabeça,
No pé, no braço, e mão tanto padeça.

LXXIII.

A fé do matrimonio bem declara, (26)
Que o vago amor a Lei offenderia,
Se ſe pudera uſar ſem que hum caſara,
Quem he que neſte Mundo caſaria?
Deve morrer quem quer que adulteràra;
Sem iſſo quem ſeu Pai conheceria?
E o que extermina a Patria Poteſtade,
Quem não vê que repugna a Humanidade.

LXXIV.

Quem Pai, ou Mái conhece com inceſto,
Ou quem corrompe a Irmã, padece a morte:
Nos officios dos Pais he manifeſto, (27)
Que confusão naſcêra deſta ſorte:
Ser a filha mulher, não fora honeſto,
Dominando em ſeu Pai como conſorte:
Se o Irmão no Matrimonio a Irmã ſeguira,
Sempre o Genero Humano mal ſe unira.

LXXV.

Deve a humana geral sociedade,
Para gozar da paz com doce laço,
Vincular dos mortaes a variedade (28).
De hum consorcio feliz no caro abraço:
Deo-nos o Ceo por orgão da amizade,
Deo-nos como outra mão, como outro braço
A consorte, em que o amor com fé se excite;
Não por pasto brutal de hum appetite.

LXXVI.

E houvera sem prizão, que he tão suave,
Dominando entre os homens desde o Averno
A discordia cruel, e a inveja grave,
A conter-se o hymeneo no amor fraterno:
Nasce do amor a paz; o amor he a chave,
He o doce grilhão, vinculo eterno,
Que se o vil interesse algum desune,
Os peitos abre, e os corações nos une.

LXXVII.

Movidos deste fim por são costume
Julgárão nossos Pais na antiga idade,
(Que se offende no incesto o impresso lume,
Como contrario á paz da sociedade:)
E se do Ceo preside o Santo Nume
Ao socego da triste Humanidade;
Quem duvida que estime pouco honesto
Conhecer-se os Irmãos com feio incesto?

LXXVIII.

LXXVIII.

Entre nós quem elege a Esposa amada,
Pede ao Pai, ou Parente; e sem pedilla,
Não se julgára a femea desposada,
Por deixar a familia assim tranquilla:
Que se orfã fosse acaso abandonada,
Só pertence ao vizinho o permitilla;
E convindo ou seu Pai, ou seu Parente,
He sem mais matrimonio de presente.

LXXIX.

Furto entre nós não ha: de que ha de havello?
O que ha, come-se logo; e sem que o enfade,
Hum tira d'outro o que acha, por comello;
E anda ao pé da pobreza a caridade:
A calumnia, a traição, o amargo zelo
Tem por pena a commua inimizade:
Nem ha, se o entendo bem, maior castigo,
Que o Mundo todo ter por inimigo.

LXXX.

Outra Lei depois desta he fama antiga,
Que observada já foi das nossas gentes;
Mas ignoramos hoje a que ella obriga;
Porque os nossos Maiores pouco crentes,
Achando-a de seus vicios inimiga,
Recusárão guardalla, mal contentes:
Mas na memoria o tempo não acaba,
Que a prégára Sumé Santo Imboaba. (39)

LXXXI.

LXXXI.

Homem foi de semblante reverendo,
Branco de côr, e como tu, barbado,
Que desde donde o Sol nos vem nascendo,
De hum Filho de Tupá vinha mandado:
A pé sem se affundar (caso estupendo!)
Por esse vasto mar tinha chegado;
E na santa doutrina, que ensinava,
Ao caminho dos Ceos todos chamava.

LXXXII.

Com grande magoa ignora-se o que disse;
Mas não se ignora, que da santa boca
Hum conselho utilissimo se ouvisse
De plantar, e moer a mandioca:
Que havia de tornar, tambem predisse,
Desde o Ceo, a que amigo nos convoca,
E na Terra, ou no Ceo, que elle estivera,
Eu o iria a encontrar, se elle não viera.

LXXXIII.

Contão que quando aos nossos cá pregava,
Poder mostrára tal nos Elementos,
Que ás ondas punha lei, se o Mar se irava,
E de hum aceno só domava os ventos:
Os matos se lhe abrião, quando entrava,
E os Tigres feros a seus pés attentos
Parecião ouvir, como a outra gente,
Festejando-o c'a cauda brandamente.

LXXXIV.

As aguas donde quer, em rio, ou lago,
Se as chegava a tocar com pé ligeiro,
Não pareciáo do elemento vago,
Mas pedra dura, ou sólido terreiro:
Só com chamar seu nome, cessa o estrago,
Se o furacão com horrido choveiro,
Quando na nuvem negra se levanta,
Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

LXXXV.

Porém negando ás pregações o ouvido,
Vinha o Caboclo do Sertão mais bruto
Contra o justo Sumé de Deos querido
A matallo, e comello resoluto:
Pudéra elle fazer, sendo offendido,
Que elles colhessem da cegueira o fruto;
Mas pede só prostrado a Deos, que o croe,
E que a ignorancia aos miseros perdoe.

LXXXVI.

Os féros pois na furia contumazes
Tomão ás frécchas, e bramindo atirão;
(Mas quanto pelos teus, Tupá, não fazes!)
Contra quem atirou pelo ar se virão;
E nem assim se mostrão mais capazes
Dos annuncios de paz, que em tanto ouvírão,
Deixa-os Sumé, e hum rio aborda cheio,
E só com pôr-lhe hum pé, partio-o ao meio.

LXXXVII.

LXXXVII.

Contão (e a vista faz que a gente o creia)
Que onde as correntes d'agoa arrebatadas,
Se vão bordando com a branca arêa;
Ficárão de seus pés quatro pégadas:
Vem-se claras, patentes; sem que a vêa
As tenha d'agua no seu ser mudadas:
E enxerga-se mui bem sobre os penedos
Toda a forma do pé com planta, e dedos.

LXXXVIII.

Assim Gupeva concluio, dizendo,
Nem mais tempo ao discurso haver podia
Por aviso; que os campos vem batendo
Turba inimiga em vasta companhia:
A's armas, grita, ás armas, e o éco horrendo
Retumbando nas arvores sombrias
Fez que as mãis, escutando os murmurinhos,
Apertassem no peito os seus filhinhos.

LXXXIX.

Não te espantes, diz Diogo; não alteres
A paz dentro as cabanas bellicosas;
Em quanto novas certas não souberes,
Basta pôr guardas nos confins forçosas:
De noite não te empenhes, se temeres
Que te invadão com tropas numerosas;
Põe-te na defensiva; e bem que freme,
Quem te busca de noite, he quem te teme.

XC.

XC.

Quanto mais que o trovão nas mãos preparo
Contra teus inimigos neste affogo;
Nem duvides que logo que o disparo,
Tudo em chammas não vá, tudo arda em fogo:
Disse, e ao favor sahio de hum luar claro,
Disparando o mosquete em marcio jogo;
E em quanto atira, todo o bosque atroa
Pelo horror da bozina, com que soa.

XCI.

Qual dos monos talvez tropa nojosa
Sahio do intrior mato em negro bando;
E se a frecha hum derriba, vai medrosa
Em fuga pelas arvores saltando:
Tal ouvindo a bozina pavorosa,
E o arcabuz com trovão relampagueando,
Correm, cahem, despenhão-se na estima
De que o Ceo todo lhe cahia em sima.

(1) *Legiões do Averno.* He constante o conhecimento, que tem os Barbaros da America dos espiritos infernaes. De quem o aprendêrão? Quem lhes inspirou estes sentimentos? Respondão os Materialistas, e Libertinos: Como era possivel que concordassem com as outras gentes estas Nações ferinas, e sem algum commercio? Como era factivel que conservassem depois de tantos seculos tão clara noção de espiritos separados?

(2) *Hum Deos.* He injuria, que se faz por alguns Authores aos Brazilienses, suppondo-os sem conhecimento de Deos, Lei, e Rei. Elles tem a voz *Tupá* com especial significação de hum Ente Supremo, como sabemos dos Missionarios, e dos peritos dos seus Idiomas.

(3) *Mas se antevisse.* Não admittimos em Deos sciencia condicionada, e exploratoria; mas he certo que com determinado conhecimento conhece nos objectos as suas condições, e que na execução ao menos priva da sua Gráça alguns, que antevê que abusárão livremente della.

(4) *Espirito immortal.* Os Barbaros Americanos tem distincta idéa da Immortalidade da alma, do Paraiso, do Inferno, da Lei, &c. Veja-se o Martiniere, Ozorio *de rebus Emmanuelis*, e outros. Grande argumento contra os Libertinos, e Materialistas. Pois quem lhes transfundio estes conhecimentos, senão a antiga Tradição dos tempos Diluvianos, e a harmonia, que estas Tradições tem com a natureza?

(5) *Laço eterno.* A verdade, e indelevel impressão que della sentimos no espirito, he hum grande argumento da Immortalidade, a que recorrêrão maior-

men-

mente Platão, Santo Agostinho, &c. Convence-se dos costumes, e ritos dos Brazilienses a antiga persuasão, que tem da Immortalidade da alma.

(6) *Providencia.* O argumento da pena, e castigo, que se deve aos injustos, e do premio, que se concede aos bons, he prova innegavel da Immortalidade da alma, supposta a Divina Providencia, porque vemos morrer sem premio a piedade de muitos, e sem castigo a injustiça.

(7) *Destino.* He esta a invencivel, e universal prova de ser mortal a alma do bruto; porque por experiencia, e pela sua organização vemos que tem hum fim limitado, temporal, e ordenado a servir o Homem na vida mortal. Tudo ao contrario o Homem mesmo.

(8) *E se immortal nascêra.* A Immortalidade por natureza, e essencia he privilegio da Divindade. Adão nasceo immortal por graça.

(9) *Canções.* Sei que Martiniere affirma não ter ouvido nas Canções Brazilienses indicios de Religião. Mas supponho bem que não veria todas; e creio que seja impossivel terem elles conservado as Tradições, que o mesmo Author confessa, sem este, ou igual meio.

(10) *Que nos decreta.* Todos estes ritos, que subsistem nos Americanos; convencem que as almas sobrevivem aos corpos, e que são por tanto immortaes.

(11) *Tamandaré.* Noé, segundo as noções do Diluvio, que depois veremos.

(12) *Montanhas.* Crem os Brazilienses que no meio das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, ha

há valles profundissimos, aonde são punidos os impios. Idéa expressa do Inferno, em que concordão com todas as gentes, e dão claro sinal nesta persuasão de saberem-no por Tradição original dos primeiros, que povoárão a America. Não póde haver argumento mais convincente para encher de confusão os Deistas, Libertinos, e Materialistas. Huma Tradição tão antiga, tão firme nestes barbaros, he ella huma invenção por ventura de alguns homens supersticiosos, e impostores das nações d'Asia, ou da nossa Europa?

(13) *Além da grã montanha.* Os Barbaros crem que haja lugar destinado para premio dos bons, e collocão-no além das montanhas do Perú.

(14) *Huma ave.* Persuadem-se os Brazilienses haver huma ave, que chamão Colibri, a qual leva, e traz noticia do outro Mundo. Argumento innegavel da sua crença sobre a Immortalidade da alma.

(15) *Memoria.* Não tem os Indigenas do Brazil idéa da Creação; mas só de Noé, e do Diluvio, e mui confusa dos homens antediluvianos. Tudo argumento para convencer os Incredulos da Historia Sagrada, e do Diluvio universal nella referido. Veja-se Sebastião da Rocha Pitta, e Francisco de Brito Freire na Historia Brazilica.

(16) *Ararat.* Entende o Poeta os montes Ararat, onde ficou a Arca.

(17) *O claro Sol.* Entende os Africanos, que ficão ao Oriente da America.

(18) *Que se em vós houves.* A maior parte destes sinaes se achão nos Tartaros da Coréa, e em outros Salvagens fronteiros a California. Nem duvida-

mos

mos que estes, gelando-se alli os mares, passassem ao continente da America pela parte mais Septentrional.

(19) *Nunca se ouve.* O juramento, blasfemia, e imprecação são vicios ignorados entre os nossos selvagens; e rarissimos entre os Tartaros.

(20) *Do humano.* Não ha indicio de Sacrificio nos Indigenas Brazilienses; mas sendo as victimas humanas praticadas no Mexico, Perú, e em outras Nações da America, persuadimo-nos que a solemnidade dos homicidios nos habitantes do Sertão he hum vestigio dos Sacrificios costumados entre os mais Americanos.

(21) *Sacrifica.* O Sacrificio he com effeito huma destruição da victima, e, como expiatorio, satisfazia á justiça com o sangue.

(22) *Ha Senado.* Todos os que escrevem os costumes dos Brazilianos, confessão que presidem ao seu governo os Anciãos, e os Principes das Tabas, ou Aldêas: e que outra cousa he o Senado?

(23) *Tabas.* Assim chamão os Brazilienses ás suas Aldêas. Veja-se o Diccionario da Grammatica, e lingua Brazilica na voz *Taba.*

(24) *Ministros são.* Especie de Sacerdocio nos Brazilianos; e consta que os Póvos concorrem para o seu sustento com offertas.

(25) *A sentença elle a dá.* Os Authores da Historia Brazilica descobrem nos Barbaros do Sertão a Lei célebre de Talião. Da mesma sorte lhes attribuem Leis para punir o adulterio, e o incesto em primeiro, e segundo gráo.

(26) *A fé do matrimonio.* Martiniere affirma que

os

os Brazilienses Celibes não guardão alguma honestidade. Será dissolução da gente bárbara; mas a constante Tradição de conjugarem-se em matrimonio he argumento, de que repugna aos seus costumes a Venus vaga, e sem freio.

(27) *Nos officios dos Pais.* He a razão sufficiente por onde se faz illicito o incesto. Repugna á Patria Potestade servir á Esposa; e entregar-lhe o poder sobre o seu corpo, sendo ella sua Filha; isto he, inteiramente sujeita ao seu dominio.

(28) *Dos mortaes a variedade.* Razão sufficiente, por onde repugna aos Direitos da Sociedade o incesto em segundo grão. Impediria o commercio, e confederação do Genero Humano o restringirem-se os matrimonios aos irmãos; e naturalmente se restringirião pela occasião, se fossem licitos.

(29) *Sumé.* O Padre Nobrega, primeiro, e insigne Missionario do Brazil, refere quanto aqui dizemos do Apostolo S. Thomé. Veja-se o Padre Antonio Franco na *Imagem da Virtude*, escrevendo a vida do mesmo Nobrega.

CAN-

CANTO IV.

I.

ERa o Invaſor nocturno hum Chefe errante,
Terror do Sertão vaſto, e da marinha,
Principe dos Caetés, Nação poſſante,
Que do Grão Jararáca o nome tinha;
Eſte de Paraguaçú perdido amante,
Com ciumes da donzella, ardendo vinha:
Impeto, que á razão, batendo as azas,
Apaga o claro lume, e accende as brazas.

II.

Dormindo eſtava Praguaçú formoſa,
Onde hum claro ribeiro á ſombra corre;
Languida eſtá, como ella, a branca roſa,
E nas plantas com calma o vigor morre:
Mas buſcando a freſcura deleitoſa
De hum grão maracujá, que alli diſcorre,
Recoſtava-ſe a bella ſobre hum poſto,
Que encobrindo-lhe o mais, deſcobre o roſto.

III.

Respira tão tranquilla, tão serena,
E em languor tão suave adormecida,
Como quem livre de temor, ou pena,
Ropousa, dando pausa á doce vida:
Alli passar a ardente sésta ordena,
O bravo Jararáca a quem convida,
A frescura do sitio, e sombra amada,
E dentro d'agua a imagem da latada.

IV.

No diafano reflexo da onda pura
Avistou dentro d'agua buliçosa,
Tremulando a bellissima figura,
Pasma, nem crê que imagem tão formosa
Seja cópia de humana Creatura;
E remirando a face prodigiosa,
Olha de hum lado, e d'outro, e busca attento,
Quem seja Original deste portento.

V.

Em quanto tudo explora com cuidado,
Vai dar co's olhos na gentil donzella;
Fica sem uso d'alma arrebatado,
Que toda quanta tem se occupa em vella:
Ambos fóra de si, desacordado
Elle mais, de observar cousa tão bella,
Ella absorta no somno, em que pegára,
Elle encantado a contemplar-lhe a cara.

VI.

VI.

Quizera bem fallar, mas não acerta,
Por mais que dentro em si fazia estudo:
Ella de hum seu suspiro olhou, desperta;
Elle daquelle olhar ficou mais mudo:
Levanta-se a donzella mal coberta,
Tomando a rama por modesto escudo;
Poz-lhe os olhos então, porém tão fera,
Como nunca a belleza ser pudéra.

VII.

Voa, não corre pelo denso mato
A buscar na cabana o seu retiro;
E indo elle a suspirar, vê que n'hum acto,
Em meio ella fugio do seu suspiro:
Nem torna o triste a si por longo trato,
Até que dando á magoa algum respiro,
Por saber donde habite, ou quem seja ella,
Seguio voando os passos da donzella.

VIII.

De Taparica hum Principe possante,
Que domina, e dá nome á fertil Ilha,
Veio em breve a saber o cégo amante
Ter nascido a formosa maravilha:
Pedio-lha Jaraçaba, vendo diante,
Ao lado de seus Pais, a bella filha:
Convem todos; mas ella não consente,
Porque a mais aguardava o Ceo potente.

IX.

Ardendo, parte o bravo Jararáca
D'anfia, de dor, de raiva, de defpeito;
E quanto encontra, embravecido ataca
Com fombras na razão, fúrias no peito:
E vendo a chamma, o Pai, que não fe aplaca,
Por dar-lhe Efpofo de maior conceito,
Por Conforte Gupeva lhe deftina,
Com quem no fangue, e eftado mais confina.

X.

Logo que por cem bocas vaga a fama
Do Efpofo eleito a condição divulga,
Irado o Caeté, raivando brama;
Arma todo o Sertão, guerra promulga,
Tudo accendendo em bellicofa chamma,
Investir por forpreza afluto julga,
Com que a caufa da guerra fe conclua,
Ficando Praguaçú, ou morta, ou fua.

XI.

Mas fendo de improvifo em terror pofto,
E ouvindo do arcabuz a fama, e effeito,
Não permitte que o fufto affome ao rofto,
Mas reprime o temor dentro em feu peito:
Convoca hum campo das Nações compofto,
Com quem tinha alliança em guerra feito;
E excitando na plebe a voraz fanha,
Cobre de Legiões toda a campanha.

XII.

XII.

Em ſeis brigadas da vanguarda armados,
  Trinta mil Caetés vinháo raivoſos; (1)
  Com mil talhos horrendos deformados,
  No nariz, face, e boca monſtruoſos:
Cuidava a bruta gente, que eſpantados
  Todos de vellos, fugiráo medroſos;
  Feios como Demonios nos acenos,
  Que certo, ſe o náo ſáo, ſáo pouco menos.

XIII.

Da gente fera, e do brutal commando
  Capitáo Jararáca eleito veio;
  Porque na catadura, e geſto infando
  Entre outros mil horrendos he o mais feio:
Que huma horrivel figura pelejando,
  He nos ſeus bravos militar aſſeio;
  E traz entre elles gala de valente,
  Quem ſó co' a cara faz fugir a gente.

XIV.

Dez mil a negra côr trazem no aſpecto,
  Tinta de eſcura noite a fronte impura;
  Negreja-lhe na teſta hum cinto preto,
  Negras as armas ſáo, negra a figura:
Sáo os feros Margarás, em que Alecto
  O Averno pinta ſobre a ſombra eſcura;
  Por timbre nacional cada peſſoa
  Rapa no meio do cabello a coroa.

XV.

Cupaíba, que empunha a feral maça,
Guia o bruto Eſquadrão da crua gente;
Cupaíba, que os miſeros que abraça
Devora vivos na batalha ardente.
A' roda do peſcoço hum fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia hum dente;
Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
Que he já mais que cordão, longo veſtido.

XVI.

Urubú monſtruoſo, e cabelludo,
Vinte mil Ovecates fero doma; (2)
Por toda a parte lhe encubria tudo
Com terrivel figura a hirſuta coma:
Monſtro disforme, horrendo, alto, e membrudo,
Que a imagem do leão rugindo toma,
Tão feio, tão horrivel por extremo,
Que he formoſo a par delle hum Polyfemo.

XVII.

Fogem todo o commercio da mais gente;
Ou ſe ſe viſſem a eſtreitar forçados,
Que lhe poſsão chegar nenhum conſente,
Senão trinta, ou mais paſſos apartados:
Se alguns ſe chegão mais, por imprudentes,
Como Leões, ou Tigres eſfaimados,
Mordendo inveſtem os que incautos forão,
E a carne crua, e viva lhe devorão.

XVIII.

Sambambaia outra turma conduzia,
Que as aves no fréchar tão certa vexa,
Que nem voando pela etherea via
Lhe erravão tiro da volante frécha:
Era de pluma o manto, que o cubria;
De pluma hum cinto, que ao redor se fecha;
E até grudando as plumas pela cara,
Nova especie de monstro excogitára.

XIX.

Seguem-no dez mil Maques, gente dura,
Que em cultivar mandioca exercitada,
Não menos util he na agricultura,
Que valente em batalhas com a espada:
Tomárão estes, como proprio cura,
De viveres prover a gente armada;
Quaes torravão o Aipí; quem mandiocas; (3)
Outros na cinza as candidas pipocas.

XX.

O bom *Sergipe* aos mais confederado
Comsigo conduzia os Petiguarés;
Que havendo pouco d'antes triunfado,
Tem do dente inimigo amplos collares:
Seguem seu nome em guerras decantado
De gentes valerosas dez milhares,
Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavão com balas o bodoque.

XXI.

Nem tu faltaste alli, Grão Pecicava,
Guiando o Carijo das aureas terras;
Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
Nas margens do teu rio desenterras:
Torrão, que do seu ouro se nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito em fim baixo, e mal prezado,
O nome teve de ouro inficionado. (4)

XXII.

Muitos destes he fama que trazião
Desde alto cerro, que habitavão d'antes,
Com pedras, que nos beiços embotião
Formosos, e bellissimos diamantes:
Outros aureos topasios lhe ingerião;
Alguns safiras, e rubins flammantes;
Pedras, que elles desprezão, nós amamos:
Nem direi quaes de nós nos enganamos.

XXIII.

O feroz Sabarà move animoso
Dos de Agirapiranga seis mil arcos;
Homens de peito em armas valeroso,
Que de sangue em batalhas nada parcos,
Deixárão seu terreno deleitoso,
Por matos densos, pantanosos charcos;
E ouvindo dos canhões o horrendo estouro,
Passárão desde o mar ás minas do ouro.

XXIV.

XXIV.

Seguia-se nas forças tão robusto,
Quanto no aspecto feio, e em traje horrendo,
Hum, que com fogo sobre o torpe busto
Dous Tigres esculpíra combatendo:
Este he o bravo Tatú, que enche de susto (5)
Tudo, c'o Grão Tacape accommettendo:
E que mil cutiladas dando espessas,
Derriba troncos, braços, e cabeças.

XXV.

Debaixo do seu mando em dez fileiras
Doze mil Itatís formados hião;
Surdos, porque habitando as cachoeiras,
Com o grão rumor d'agua ensurdecião:
Pendem os seus marraques por bandeiras (6)
De longas astes, que pelo ar batião,
Supprindo nos inconditos rumores
O ruido dos bellicos tambores.

XXVI.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas huma massa ingente,
Tendo de duro lenho hum forte escudo:
Frechas, e arco no braço armipotente;
Nas mãos hum dardo de páo santo agudo;
Sobre os hombros a rede, á cinta as cujas,
Tal era a imagem dos crueis Tapuias.

XXVII.

XXVII.

Quarenta mil de côr todos vermelha,
Conduz ao campo o forte Sapucaia:
Dez mil que tem furada a longa orelha,
São Amazonas de feminea laia:
He o amor conjugal que lhe aconselha
A descer dos Sertões á vasta praia,
Por achar-se nos lances mais temidos,
Ao lado sem temor dos seus maridos.

XXVIII.

Brava matrona de coragem chela,
A quem o marcio jogo não perturba,
Ná fórma bella, mas por arte feia,
Vai commandando na feminea turba:
Derão-lhe o nome os seus da Grã Baleia;
Nome, que ouvido os barbaros disturba;
De namorados huns, que a tem por bella;
Mas outros com mais causa por semelha.

XXIX.

Ouve-se rouco som, que o ouvido atroa;
Retumbando com éco a voz horrenda
De hum grosseiro instrumento, q̃ a arma soa,
Com que se inflamma entre estes a contenda:
E quando o horrivel som mais desentoa,
Faz que no peito mais furor se accenda;
De retorcidos páos são as cornetas;
De ossos humanos frautas, e trombetas.

XXX.

XXX.

Com batalhões a espaços separados
Triplicado cordão se vê composto;
E em silencio admiravel ordenados,
Ao redor vão do outeiro em meio posto:
Costuma hum Orador fallar-lhe a brados,
E ardendo-lhe mil furias sobre o rosto,
O ar co'a espada furibundo corta,
E a combater valente a turba exhorta.

XXXI.

Jacaráca no mando então primeiro,
Ao Sacro, e Civil rito presidia,
E no mais alto do sublime outeiro
Entre hum Senado anciáo se distinguia:
Aos outros na estatura sobranceiro
A's costas de hum Tapuia, que o trazia,
De hum lado a outro magestoso corre;
E com geral silencio assim discorre.

XXXII.

Paiaias generosos, hoje he o dia,
Que aos vindouros devemos mais honrado;
Em que mostreis que a vossa valentia
Não receia o trovão, subjuga o fado:
Sabeis que de Gupeva a cobardia
Por Filho do trovão tem acclamado,
Hum Imboaba, que do mar viera, (7)
Por hum pouco de fogo que accendêra.

XXXIII.

XXXIII.

Poſtrado o vil aos pés deſſe Eſtrangeiro,
Rende as armas com fuga vergonhoſa;
E corre voz que o adora liſongeiro;
E até lhe cede com o ſcéptro a Eſpoſa.
E que póde naſcer do erro groſſeiro,
Senão que em companhia numeroſa
As noſſas gentes o Eſtrangeiro aterre,
E que a huns nos devore, outros deſterre?

XXXIV.

Se o Sacro ardor, que ferve no meu peito,
Não me deixa enganar, vereis que hum dia
(Vivendo eſſe impoſtor) por ſeu reſpeito
Se enchêrá de Imboabas a Bahia:
Pagárão os Tupis o infame feito;
E vereis entre a bellica porfia
Tomar-lhe eſſes eſtranhos já vizinhos,
Eſcravas as mulheres c'os filhinhos.

XXXV.

Vereis as noſſas gentes deſterradas
Entre os Tigres viver no Sertão fundo,
Cativa a plebe, as Tabas arrombadas;
Levando para além do mar profundo
Noſſos filhos, e filhas deſgraçadas;
Ou quando as deixem cá no noſſo Mundo,
Poderemos ſoffrer Paiajas bravos,
Ver filhos, mãis, e pais feitos eſcravos?

XXXVI.

XXXVI.

Mas teme o seu trovão, e tanto opprime
 O medo áquelle vil, que não pondera;
 Que por esse trovão, que não reprime,
 Ha de ver cheia de trovões a esfera?
Que grande mal será, se o raio imprime?
 Se o Mundo por hum raio se perdêra,
 Susto pudera ter, cobrar espanto;
 Porém morre de medo, que he outro tanto.

XXXVII.

Eu só, eu proprio no geral desmaio
 Ao relampago irei sem mais soccorro;
 E quando elle dispare o falso raio,
 Ou descubro a impostura, ou forte morro:
Será de nigromancia hum torpe ensaio,
 Com que o astuto pertende, ao que discorro,
 Fazer que a nossa tropa desfalleça,
 Antes que a causa do terror conheça.

XXXVIII.

Que se for (que o não creio) o estrondo infando
 Do sublime Tupá triste ameaça,
 Fará como costuma, trovejando,
 Que matando hũ, ou outro a mais não passa:
Se eu vir que o raio horrivel vai vibrando,
 A hum homem como eu, nada embaraça:
 Se for mortal quem causa tanto aballo,
 Por meio ao proprio raio irei matallo.

XXXIX.

Sú, valentes; sú, bravos companheiros,
Tomai coragem: que será no extremo?
Embora seja hum raio verdadeiro:
Senão he Deos que o lança, eu nada temo.
Seja quem quer que for o author primeiro,
Como não seja o Creador Supremo,
Não ha forças creadas que nos domem;
Que sobre tudo o mais domina o Homem.

XL.

Disse o Grão Chefe assim, e entre os furores,
Com a mão, que já tinha levantada,
Bate na espadoa aos Principes maiores,
E dá-lhes *Orsú* dizendo, huma palmada: (8)
Huns nos outros as derão não menores,
Que assim se incita a multidão armada:
Vinguemo-nos, (gritando) companheiros,
Bem que forão seus raios verdadeiros.

XLI.

Jararáca depois (que he Sacro Rito)
Lança furioso as mãos a quanto abrange;
E abrindo a enorme boca em fero grito,
E escuma, e freme, e ruge, e os dentes range;
Como do mal Herculeo o enfermo afflicto
A convulsão a retrocer constrange:
Depois fallando aos Principes, bafeja,
E o espirito de força lhe deseja.

XLII.

XLII.

Ceremonia eſta foi do patrio uſo,
Veſtigio nacional da antiga idade;
Que acaſo corrompeo magico abuſo,
Tendo talvez principio na piedade:
Retumba do marraque o ſom confuſo,
E pondo em alto o ſeu, com gravidade,
A' inſignia, no chão tudo ſe inclina,
Como a ſinal de couſa mais Divina. (6)

XLIII.

Correſponde o belligero inſtrumento
Da fatal frauta ao barbaro marraque;
E promulgando a marcha áquelle accento,
Tudo com ordem ſe póz ao fero ataque:
Marchão contra Gupeva com intento
De metter nas cabanas tudo a ſaque;
E porque tudo aſſombrem com terrores,
Rompem o ar com bellicos clamores.

XLIV.

Em tanto no arraial do bom Gupeva,
Sendo a invaſão nocturna rechaçada,
Convocão-ſe reclutas, fazem leva
De tropa nacional, e da alliada:
Em quanto Diogo, a quem a acção releva,
Torna na gruta á polvora guardada;
E em varios fogos, que arrojou volantes,
Imita o raio em bombas fulminantes.

XLV.

XLV.

Era a Bahia então, donde imperava
O bom Gupeva, povoada em roda
Pelos Tupinambás, de quem contava
Trinta mil arcos, brava gente toda:
Taparica seis mil valentes armava;
E por cumprir-se a promettida boda,
Mil Amazonas mais á guerra manda:
Paraguaçú gentil todas commanda.

XLVI.

Paraguaçú, que de Diogo Esposa
(Porque mais Jararáca se confunda)
Hia a seu lado a combater briosa,
Nem teme a multidão, que o campo inunda:
Usa com ella a Tropa bellicosa
Da vulgar setta, do bodoque, e funda;
Leva a Amazona hum rigido colete,
E co'a espada de ferro o capacete.

XLVII.

Com estas forças fiel (que mais recusa)
Sahe Diogo á campanha guarnecido;
Nem soffre a fórma do marchar confusa;
Mas tudo tem com ordem repartido:
Outro corpo maior de que não usa
Deixa em guarda das Tabas prevenido;
Tupinaquis, Viatapos, Potiguaras (10)
Tumimivís, Tamuyás, Canucajaras.

XLVIII.

XLVIII.

Não mais de duas leguas adiantando,
O arraial se alojava de Diogo;
Quando o ardente Planeta vai queimando
A torrida região com vivo fogo;
E em quanto espira no ar Zefyro brando,
Buscando a humida sombra o desafogo,
Medita a grande acção, mede o perigo,
Nem despreza por barbaro o inimigo.

XLIX.

Vê bem que espanto causa à invenção nova;
Mas que o tempo consome a novidade;
Tem sim hum peito d'aço feito á prova;
Mas vendo do inimigo a immensidade,
Por mais que balas o mosquete chova,
Reconhece em vencer difficuldade;
Tendo notado já na bruta gente,
Que era tão contumaz, como valente.

L.

Pensava assim com reflexão madura;
Quando á roda do outeiro divisava
Densa nuvem de pó, que em sombra escura
A multidão confusa levantava:
Não cessa hum ponto mais, tudo assegura,
E sem temer a turba que observava,
Marcha a ganhar o alto, e posto á fronte,
Deo á Tropa em cordão por entre o monte.

LI.

LI.

Já ſe aviſtava o barbaro tumulto
  Das inimigas Tropas em redondo;
E antes que emprendão o primeiro inſulto,
  Levanta-ſe o infernal medonho eſtrondo:
Os maracás, uapis, e o brado inculto (11)
  Todos hum ſó rumor, juntos compondo,
Fazem tamanha bulha na eſplanada,
  Como faz na tormenta huma trovoada.

LII.

Tayço rápido Pagé, foſte o primeiro,
  De quem o negro ſangue o campo inunda;
Que com ſetes no ſalto o mais ligeiro,
  Mais ligeira te colhe a cruel funda:
Paraguaçú lha atira deſde o outeiro;
  Chovem as pedras, de que o monte abunda;
E do lado, e de cima do cabeço,
  Todos abatem com tiros de arremeço.

LIII.

Não ficou no combate em tanto ocioſa
  A frécha do inimigo, que o ar encobre;
Começa Iararáca a acção furioſa,
  Dando eſtimulo ouſado ao valor nobre:
E a turba de Diogo receoſa
  Foge do Grão Tacápe, onde o deſcobre:
Que tanto eſtrago faz, que qualquer féra
  Maior entre cordeiros não fizera.

LIV.

Mas quando tudo com terror fugia,
O bravo Jacaré ſe lhe põe diante:
Jacaré, que ſe os Tigres combatia,
Tigre não ha, que lhe eſtiveſſe avante.
Treme de Jararaca a companhia,
Vendo a fórma do barbaro arrogante,
Que com pelle coberto de panthera,
Ruge com mais furor, que a propria fera.

LV.

Aviſta-ſe hum co'outro; e a maça ardente
Deixão cahir com barbaro alarido;
Correſponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido.
Aparou Jacaré no eſcudo ingente
Hum duro golpe, que o deixou partido;
E em quanto Jararaca ſe deſvia,
Quebra a maça no chão, com que o batia.

LVI.

Nem mais eſpera o Caeté furioſo,
E qual Onça no ar, quando ſe deſtaca,
Arroja-ſe ao contrario impetuoſo,
E hum ſobre outro co'as mãos peleja, e ataca:
Não póde diſcernir-ſe o mais forçoſo,
E ſem mover-ſe em torno a gente fraca,
Olhão luctando os dous no fero abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

LVII.

Porém em quanto a lucta persistia,
No sangue em terra lubrico escorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega:
Sobre o chão hum com outro ás voltas hia,
E qual o dente, qual o punho emprega,
Até que Jararáca hum golpe atira,
Com que rota a cabeça o triste espira.

LVIII.

Nem mais espera de Gupeva a gente;
Porque voltando em rapida fugida,
Deixão nas mãos do barbaro potente
Toda a batalha n'huma acção vencida:
Não tarda mais Diogo já presente;
E tendo ao lado a Esposa protegida,
Do outeiro desce, donde tudo observa,
E invade armado a barbara caterva.

LIX.

Quem poderá dizer da turba imbelle
Quantos a forte mão talha em pedaços?
Paraguaçú valente ao lado delle
Muitos mandava aos lugubres espaços:
Semeando por donde o golpe impelle
Troncos, bustos, cabeças, pernas, braços;
Nemhum momento a fraca gente aguarda,
Vendo-a brandir a lucida alabarda.

LX.

O membrudo Pai com tres potentes
Robustos filhos degollou co'a espada;
E a dous nobres Caetés dos mais valentes,
Tendo a mão para o golpe levantada,
Com dous revézes, que lhe atira ardentes,
Deixou pendentes no ar co'a mão cortada;
Babú de hum talho que a assaltalla veio,
Co'a cabeça ficou partida ao meio.

LXI.

Muitos sem nome despojou da vida,
E a quanto encontra o ferro não perdoa:
Qual se os cachorros perde embravecida,
No caçador se arroja a fera Leoa;
E entre mil dardos, de que a tem cingida,
Dando-lhe azas a dor, saltando voa,
E ruge, e morde, e no q̃ encontra embarra;
E onde não póde o dente, imprime a garra.

LXII.

Tal a forte donzella move a espada,
Ou talvez lança mão do dardo agudo,
E de mil, e mil golpes fulminada,
Rebate todos no colete, e escudo:
As Amazonas, de que vem rodeada,
Vendo sobre a Heroina correr tudo,
Onde quer que os contrarios se apresentão,
Accommettem, degollão, e affugentão.

LXIII.

Por outro lado o valeroso Diogo
A multidão dos barbaros subjuga,
E huns precipita no tartareo fogo,
Outros obriga com terror á fuga:
Mas huns detem co'a espada, outros com fogo
Urubú, que do sangue a fronte enxuga;
E oppondo-se entre os mais a Diogo ardente,
Restitue a batalha, e anima a gente.

LXIV.

Urubú que na brenha exercitado
Hum Tigre, que na caça á mãi roubára,
Tendo-o junto de si domesticado,
A combater comsigo acostumára:
Lança-o a Diogo: o monstro arrebatado
Entre as prezas crueis, que arreganhára,
Hia a pezar dos ferreos embaraços,
Com garra, e dente a pollo em mil pedaços.

LXV.

Mas o Heróe bem que de outros investido,
Em quanto a fera no ar saltando tarda;
Tendo-se ao fero assalto prevenido,
Dispara-lhe na fronte huma espingarda:
E qual raio da nuvem despedido,
Quando a fera que o impeto retarda,
Tremula ao golpe a vacillar começa;
Salta-lhe em sima, e corta-lhe a cabeça.

LXVI.

LXVI.

Ao estrepito, ao fogo, ao golpe horrendo,
A' fumaça do tiro occasionada;
Ao ver o busto sobre o chão tremendo,
E a terrivel cabeça sobre a espada;
A immensa multidão que o estava vendo,
Cahe por terra sem animo assombrada;
E alguns, que em pé tremendo se suspendem,
Ao Grão Caramurú todos se rendem.

LXVII.

Jararáca entre tanto que seguíra
Os que fugírão no primeiro insulto,
Por encontrar Gupeva tudo gyra;
Que nas cabanas se emboscára occulto:
Hia-o buscando o barbaro, que ouvíra
D'aquella parte o bellico tumulto,
Com tenção de expugnar a Taba ingente,
Matar Gupeva, e cativar-lhe a gente.

LXVIII.

Na toca algum das arvores immensas,
Algum em meio as ramas se escondia;
Muitos se emboscão pelas selvas densas,
Outro em covas profundas que sabia:
Porque andando em continuas desavenças,
Qualquer ao noto asylo recorria;
Onde entrando o inimigo, sem prevello,
Sahem de toda a parte a accommettello.

LXIX.

LXIX.

Em quanto a selva passeava escura
De immortaes arvoredos rodeada;
Foi Jararáca que a cuidou segura,
Ferido sobre o pé de huma frechada:
Ficou-lhe a planta sobre a terra dura,
Em tal maneira com o chão cravada,
Que por mais que arrancalla dalli prove,
Despedaça-se o pé, mas não se move.

LXX.

Corre a turba a salvallo, e em continente
Voão mil settas desde a espessa rama,
E cad'arvore alli do bosque ingente
Hum chuveiro de tiros lhe derrama:
Cada tronco he hum castello: ao lado, e frente
A occulta multidão bramindo clama;
E o resto, que em cavernas se escondia,
Ao rumor da victoria concorria.

LXXI.

Já mal resiste o Caeté cercado;
E o bom Gupeva, que ao rumor concorre,
Hum corpo de reserva trouxe armado,
Que á inclinada batalha invicto corre.
Jararáca, que o pé tinha encravado,
Vendo que outro remedio o não soccorre,
Por ter a vida, e liberdade franca,
Deixa parte do pé, e a setta arranca.

LXXII.

LXXII.

Nos braços vai dos seus mal defendido;
  Mas com a massa, que menea horrenda,
  Reprime forte o barbaro atrevido,
  Porque não haja quem se acoste, e o prenda:
E tendo a sorte o caso decidido,
  Cede raivoso da cruel contenda;
  E ao Sertão retirado não descança,
  Maquinando em furor nova vingança.

LXXIII.

Paraguaçú porém de gloria avara
  Seguia na victoria o genio activo;
  E incauta de Diogo se apartára,
  Cortando a retirada ao fugitivo:
Anima a multidão, que se emboscára,
  Pessicava potente, por motivo,
  Se prevalesce a força do contrario,
  De acudir ao soccorro necessario.

LXXIV.

Este vendo a donzella valerosa
  Turbar com furia a gente amedrentada,
  Desde o alto lança de arvore frondosa
  Grosso ramo, que cahe de huma pancada.
Debaixo delle a Heroina valerosa,
  Co' grande pezo pelo chão prostrada,
  Ficou falta de alento, e semiviva,
  Nas mãos do cruel barbaro cativa.

LXXV.

LXXV.

Corre a turba feroz contra a donzella,
 Que depois que das armas deixa o pezo,
 Descobre a todos a presença bella,
 E fica quem a prende ainda mais prezo:
Da rude multidão, que corre a vella,
 Ha quem de a ver tão linda fica accezo;
 Outro que de a ter visto em guerra armada,
 Ainda a teme, com vella desmaiada.

LXXVI.

Logo que respirou, novo ar tomando,
 Sente no coração mais desaffogo,
 E alento pouco a pouco vai cobrando,
 Até que entrando em si, chama o seu Diogo:
Mas na turba que a cérca reparando,
 Conhece-se cativa, e desde logo
 N'outro fero desmaio fica absorta,
 E cuida quem a vê que ficou morta.

LXXVII.

Salvagem ha que cuida do comella,
 Nem muito se está morta se assegura;
 E com furia voraz contra a donzella,
 A gula accende com a chamma impura:
Nem prezar-se costuma a fórma bella
 No fero coração da gente dura;
 E em morrendo qualquer mulher, ou homem,
 Chorão muito, e depois assão-no, e comem.

LXXVIII.

Paté com eſte intento a degolára,
Se a bella Mangarita que iſto via
Deſde o mato eſcondida o não frechára,
Deixando-lhe ſuſpenſa a mão que erguia:
Hum troço de Amazonas volta a cara,
E a peleja de novo ſe accendia;
Sendo Paraguaçú, que jaz no meio,
O preço da victoria neſte enleio.

LXXIX.

Cotia, que marchára ſempre ao lado
Da deſmaiada Heroina em paz, ou guerra,
Por vingar, ou remir o corpo amado,
Co' fulmineo Tacape o campo aterra:
Piâ, Cipô, Açû deixou proſtrado,
E faz que a Grã Balêa morda a terra;
Balêa, que accommette vingativa,
Por guardar a donzella ſemiviva.

LXXX.

Nem tu, Guarapiranga, á mão formoſa
Pudeſte evadir na horrivel lucta,
Que em quanto a Inubia ſoas horroroſa, (12)
Com que ás armas ſe accende a gente bruta.
Cotia com a eſpada valeroſa
A muſica feral que ſe te eſcuta,
Nos Antros retumbar ſe faz do Averno;
Melodia, que he digna ſó do inferno.

LXXXI.

LXXXI.

Tudo cede a Amazona, e já salvava
Paraguaçú mortal da gente fera,
Quando o Grão Pessicava, que observava
O estrago, que a Amazona alli fizera:
Accommette o esquadrão com furia brava,
E tudo affugentando o tempo espera,
Em que a impulso do braço alcance forte
Degollar a Cotia de hum só corte.

LXXXII.

Espera ella sem medo, apenas vira
Do barbaro feroz o golpe incerto;
E veloz a huma toca se retira,
Que tinha em duro tronco o tempo aberto:
Porém repete allí com maior ira
Pessicava outro golpe, e por acerto
Na valerosa Paca imprime o tiro,
Que tomou com Cotia este retiro.

LXXXIII.

Em quanto entrava o barbaro, e na lucta
Hum, e outro se abraça; o forte Diogo
Que o caso da sua bella infausto escuta,
Toma a espingarda, e parte em furia logo:
Qual polvora encerrada dentro á gruta,
Quando na occulta mina se deo fogo,
Arroja penha, e monte, e o que tem diante;
Tal se envia em furor o afflicto amante.

LXXXIV.

LXXXIV.

Tinha affogado Pessicava em tanto
A Amazona infeliz, e à máo lançava
Já de Paraguaçú, que no quebranto
Apenas levemente respirava:
E eis-que inventando Diogo hum novo espanto,
Traz hum tambor, que horrisono soava;
E logo que o arcabuz com bala atira,
Cahe Pessicava, e morde o cháo com ira.

LXXXV.

Mais náo espera a tímida manada,
Ouvindo o estrondo, e os horridos effeitos;
Quem parte logo em furia declarada;
E quem lhe rende humilde os seus respeitos;
Paraguaçú porém desassombrada,
Sendo os contrarios com terror desfeitos,
Atordoù n'hum suspiro, e solta vio-se;
E conhecendo Diogo, olhou-o, e rio-se.

(1) *Caetés*. Gentio ferociſſimo, que infeſtava o Sertão da Bahia.

(2) *Ovècàtes*. Nação feriſſima.

(3) *Aipí*. Raiz de que ſe faz huma eſpecie de farinha: *Mandioca*, outra ſimilhante. *Pipocas* chamão o milho, que lançado na cinza quente, rebenta como em flores brancas.

(4) *Inficionado*. Povo importante das Minas do Mato dentro; chamado aſſim, porque o ouro, que tinha mui ſubido, perdeo os quilates mais altos, e ficou chamando-ſe ouro inficionado. Aſſim o ſoube o Poeta dos antigos daquella Paroquia, de que elle he natural.

(5) *Tacápe*. Eſpada de páo ferro, ou ſimilhante, de que usão os Barbaros.

(6) *Marraquè*. He huma haſte, de que pende hum cabaço, ou coco cheio de pedras miúdas, que sacudindo-o, fazem rumor. He inſignia Sacerdotal, e Militar entre eſtes Barbaros.

(7) *Imboaba*. Nome, que dão aquelles Barbaros aos noſſos Europeos.

(8) *Palmada*. Rito Militar, com que ſe exhortão á guerra.

(9) *Divina*. Usão nas ſuas ſolemnidades os Barbaros de hum marraque, ou haſte (já em outra parte deſcripta) que pelas circumſtancias parece inſignia religioſa.

(10) *Tupinaquis*, &c. Nomes das Nações do Sertão.

(11) *Uapis*. Inſtrumento, que tocão nas batalhas.

(12) *Inubia*. Eſpecie de corneta uſada dos Brazilienſes.

CAN-

CANTO V.

I.

DEbil em tanto a luz sobre o Horizonte,
Os seus tremulos raios apagava;
E desde o Occidental immenso monte,
A noite pelas terras se espalhava:
Morfeo deixando os antros de Aqueronte,
No seio dos mortaes se derramava;
Mas da barbara gente que fugia,
Só s' entregava ao somno a que morria.

II.

Fatigado Diogo ao lado estava
Da bella Esposa n'huma grã floresta;
Nem ao preciso somno lugar dava
Na attenção de a guardar da gente infesta:
Hum do outro os successos escutava,
Nutrindo em novo fogo a chamma honesta;
Que depois que hum triunfa do inimigo,
Faz-se doce a memoria do perigo.

III.

Ao resplendor da Lua que sahia,
Misturava-se o horror com a piedade,
Porque em lagos de sangue só se via
Sanguinolenta horrivel mortandade:
O valle igual ao monte parecia,
E do estrago na vasta immensidade,
O outeiro estava, donde foi o assalto,
Com montes de cadaveres mais alto.

IV.

Não póde vello a bella Americana,
Sem que a tocasse hum triste sentimento;
E ou fosse condição da gente Humana,
Ou do seu sexo hum proprio movimento:
Chorou piedosa a sorte deshumana,
Dos que apartados do terreno assento
Jazião, como ouvíra de Diogo,
Nas lavaredas de hum eterno fogo.

V.

E como (compassiva disse) he crivel? (diz)
Que hũ Deos, como me pintas, bom, e ama-
Sabendo o que ha de ser, e o que he possivel,
Nos crie para fim tão miseravel?
Antevendo hum successo tão terrivel,
Não parece crueldade inexcusavel
Dar-lhe o ser, dar-lhe a vida, dar-lhe a men-
Para vellos arder eternamente? (te

VI.

Quantos crear pudéra que o serviſſem,
Deixando de crear quem o aggravaſſe;
Onde todos a vello ao Ceo ſubiſſem,
E as obras que produz todas ſalvaſſe?
Noſſos pais ſe dos filhos tal previſſem,
Quanto fora cruel quem os geraſſe?
E o extremo da excelſa Sua Bondade.
Que ceda a noſſos Pais na humanidade?

VII.

Segredos ſão (diz Diogo) da inſcrutavel
Mageſtade de Deos; que ſaberemos
Do ſeu modo de obrar ſempre ineffavel,
Se o que ſomos, e obramos não ſabemos?
Faltando-nos razão clara, e provavel
Nos conſelhos de Deos, que occultos vemos,
He bem que toda a duvida ſe acabe,
Porque elle póde mais, do q̃ o Homem ſabe.

VIII.

Mas ſe ha lugar á humana conjectura
Dos poſſiveis na longa immenſidade,
Não ſe podia achar huma creatura
Que goze d'impeccavel liberdade:
Huma firme innocencia he graça pura;
He mercê liberal da Divindade;
E quem do muito a perguntar ſe atreve,
Porque lha não quiz dar, quem lha não deve?

VIII.

IX.

Desde a Origem da immensa Eternidade
Que tudo sem principio ordena, e rege,
Devemos presumir da Divindade,
Que onde o Optimo encontra, em tudo o elege:
E sendo em nós tão grande a iniquidade,
Não temos cousa, que a qualquer se inveje;
Onde se os mais possiveis vendo fores,
Nós somos os eleitos por melhores.

X.

Embora seja assim (disse a donzella)
Mas que culpa tem estes, que o ignoravão?
Não cuida nosso Deos, ou pouco zela
As almas, que entre nós se condemnavão?
E senão, porque causa aos mais revela
As doutrinas, que aos nossos se occultavão?
Distava mais do Ceo a nossa gente,
Porque medea o mar d'Este a Poente?

XI.

Tornai a culpa a vós, e a vós somente
(O Herói responde assim) Se com estudo
Procurais sobre a Terra o bem presente,
Porque não procurais o Author de tudo?
Para o mais tendes lume, instincto, e mente;
Sómente contra Deos buscais o escudo
Em a vossa ignorancia a bruta culpa!
Essa ignorancia he crime, e não desculpa.

XII.

XII.

Porém já da fadiga desvelada
  Cerrava Praguaçú seus olhos claros,
  Tendo-a Diogo na fé mais confirmada,
  Com responder prudente aos seus reparos:
Em quanto a bruta gente aprizionada,
  Mostrando-se da vida nada avaros,
  Dançáo, e bebem com tripudio forte,
  E esperáo, como boda, a cruel morte.

XIII.

Gupeva triunfante na Grã Taba
  O infausto prizioneiro á morte guia,
  E antevendo que a vida se lhe acaba,
  A mulher cada hum lhe offerecia:
Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba,
  Brindando-lhe o licor, que a taça enchia,
  Até que quando menos se recorda,
  Dous Salvagens o prendem n'huma corda.

XIV.

Soltas as máos lhe ficáo, que manêa,
  Nem o tem mais que em meio da cintura
  A soga de algodão, como cadêa,
  Que de huma parte, e de outra os assegura:
Qual Leoa feroz na Maura arêa,
  Quando o laço no ventre a tem segura,
  Toda da fronte a cauda se retorce,
  E ruge, e vibra a garra, e o corpo torce.

XV.

Muitos então da furibunda gente
  Dizem-lhe injúrias mil, com mil insultos,
  Que elle se esforça a rebater valente,
  Sem que recee os barbaros tumultos:
Algum alli chegando ao paciente
  (Que tem por cousa vil morrer inultos)
  Dá-lhe hum cesto de pedras recalcado,
  Com que atirando aos mais, morra vingado.

XVI.

Embiára, e Mexira, dous possantes
  Mancebos Caetes de hum parto vindos,
  Que Ainubá dera á luz tão similhantes,
  Como tenros na idade, e em gésto lindos:
Muitas donzellas, que os amárão d'antes,
  Os bellos dias seus choravão findos;
  Mitigando o desgosto de perdellos
  Com a intenção, que tinhão de comellos.

XVII.

Estes na corda sem os da Bahia,
  Dispostos a morrer no torpe abuso,
  De celebrar com sangue o fausto dia
  Das victimas triunfaes ao Patrio uso:
Embiára, que com arte a pedra envia,
  Muitas no Povo disparou confuso,
  E a pezar dos escudos, que póe diante,
  Alguns ferio da turba circumstante.

XVIII.

Huma grã pedra ao ar nas mãos levanta;
E erguendo os braços sobre a fronte a atira:
Lança por terra alguns, outros quebranta,
E esmaga com o pezo o grão Tapira:
Outras tres arrojou com furia tanta,
Que se d'atorno a gente não fugíra,
Com os tiros, que o bravo lhe dispara,
Em vingança cruel no chão ficára.

XIX.

Mexira n'outro lado era detido
Com o duro cordão; porém sem medo,
Ao barbaro Pyri, que o tem cingido,
Esmigalha a cabeça c'hum penedo:
Foge o Povo com pedras rebatido;
Mas Mexira na corda atado, e quedo,
Com tres pedaços de huma ingente roca,
Huns derriba no chão, e outros provoca.

XX.

Sahe então Tojucáne em campo ardente,
E ao som dos seus marraques applaudido,
Hum cinto tem de plumas sobre a frente,
Manto ao hombro de pluma entretecido:
Tinto de negro todo, a côr sómente
Traz natural no vulto enfurecido;
E por metter no horror maior respeito,
Com o beiço inferior varria o peito.

XXI.

A cara, peito, braços (viſta horrenda!)
Traz com golpes crueis acutilados:
Golpes, com que o valor ſe recommenda,
Feitos da propria mão com talhos dados:
Onde ſe a chaga apodreceo tremenda,
Em meio do aſco, e horror desfigurados,
Vendo a gente brutal que hum não ſe doe,
Eſte então (que ignorancia!) he o ſeu Heróe.

XXII.

Deſta arte Tojucáne armado vinha,
Poſto ao vello em ſilencio, em paſmo tudo;
Atira-lhe Embiára (que ainda o tinha)
Hum penedo, que rompe o forte eſcudo:
O Tacápe elle então deſembainha,
Que de plumas ornou com bello eſtudo,
E encoſtando-ſe ouſado á longa corda,
Aos dous fortes irmãos fallando aborda.

XXIII.

Não ſois vós (diſſe o barbaro) traidores,
Os que a matar-nos com furor vieſtes,
E ſem reſpeito aos miſeros clamores,
Os noſſos tenros filhos já comeſtes?
Somos (diſſerão) nós: os teus furores
Sem o laço, em que agora nos prendeſtes,
Souberamos domar: e aſſim cativo,
A ver-me ſolto, te comêra vivo.

XXIV.

XXIV.

Vivo, nem morto a mim me não tocáras,
  Porque se braço a braço te medíras,
  Ou immovel de espanto em pé ficáras,
  Ou de hum só golpe (diz) no chão cahíras:
Verias bem, se agora nos soltáras,
  Como logo (responde) me fugíras:
  Não queira de valente ser louvado,
  Quem pertende triunfar de hum desarmado.

XXV.

Esse vão pensamento melhor fora
  Que o tiveras, como eu, no campo, bravo;
  Mas tu (diz Tojucáne) na mesma hora
  Te viste combatido, e foste escravo:
Como te atreves a gloriar-te agora
  Com vil jactancia, com soberbo gavo?
  A quem de resistir falta a constancia,
  Não fica mais lugar para a jactancia.

XXVI.

Dizendo assim na fronte a espada ingente,
  Deixa o fero cahir com golpe horrendo;
  Cahe por terra Embiára, ainda vivente;
  Mexira morto já, porém tremendo:
Mordeo aquelle o chão com furia ardente,
  E em sima o matador co-pé batendo:
  Morre, soberbo, diz, e serás vasto
  Para nosso troféo vingança, e pasto.

XXVII.

XXVII.

Qual se diz que a Tifeo subjuga hum monte,
Tal a planta cruel Embiára opprime;
E como a cobra faz, se junto á fonte
Toda em nós quebrançada se comprime;
Retorcendo em mil voltas cauda, e fronte,
Que ergue, vibrando a lingua, no ar sublime,
Tal o infeliz morrendo em voltas anda,
E o espirito exhalado ás sombras manda.

XXVIII.

Chega ás cruentas victimas chorosa
Feminea tropa, que com dor lamenta;
E urlando todas com a voz maviosa,
Tudo vai repetindo a plebe attenta:
Depois d'aquella lastima enganosa,
Qualquer junto aos cadáveres se assenta,
E vão talhando pés, cabeças, braços,
E as victimas fazendo em mil pedaços.

XXIX.

Chamão *moquim* ás carnes, que se cobrem,
E a fogo lento sepultadas assão;
Tudo em sima com terra, e rama encobrem,
Onde o fogo depois com lenha fação:
Em tanto as voltão, cobrem, e descobrem,
Até que do calor se lhe repassão:
Detestavel empreza, que escondião
Da indignação de Diogo, a quem temião.

XXX.

XXX.

Foi avisado o Herói do acto execrando,
Horrivel pasto da nação perversa,
E a maneira opportuna meditando
Da barbara função deixar dispersa:
Mil fogos de artificio hia espalhando,
De horrivel fórma, e de invenção diversa:
Treme a vil turba, e sem que a mais se arroje,
Deixa o pasto cruel, e ao mato foge.

XXXI.

Confusa a infana gente do successo,
Do Grão Caramurú temia a vista,
Foge Gupeva de terror oppresso,
Nem sabe, em que maneira ao mal resista:
Mas o novo pavor na gente impresso
Mitiga Praguaçú, que o damno avista,
Se, como teme, o Povo desparrado,
O terreno deixasse abandonado.

XXXII.

Jararáca entre tanto conduzido
Dos bravos Caetés á Taba nota,
Diligente curava o pé ferido,
E em reparar cuidava a grã derrota:
E havendo no conselho á liga unido,
As forças representa, os meios nota,
E Nigromante crê por perda tanta
O Grão Caramurú, que o fogo encanta.

XXXIII.

XXXIII.

Já na grã Taba os barbaros se ajuntão,
Onde contra Diogo arte se estude,
E por Magos famosos, que perguntão,
Recorrião de encantos á virtude:
Os Nigromantes vem que os corpos untão,
E nos susurros do seu canto rude
Esperão que tambem ao forte Diogo,
Matando privem do temido fogo.

XXXIV.

Hum delles, que por sabio se acredita,
Não ha (disse) quem possa a ardente fragoa
Apagar no trovão, que o raio excita,
Lastimosa occasião da nossa mágoa:
Que se o antidoto ao fogo se medita,
Mais natural não ha que lançar-lhe agoa:
Dentro n'agua se apaga o fogo ardente;
E este he o meio, que occorre de presente.

XXXV.

Contra as vossas canoas não se atreve
O Filho do Trovão, se desce ao porto;
Vós o vereis sem força em tempo breve
Sahir, qual já sahio das aguas morto:
Ninguem ha, que não saiba como esteve,
Quando o encontrámos naufrago no porto:
Nem usou do trovão, que espanta em terra,
Nem fez com fogo n'agua a horrivel guerra.

XXXVI.

XXXVI.

São n'agua, terra, e mar mui differentes
Os Anhangás, que reinão divididos:
Huns, que só no ar, e fogo são potentes,
Causão ventos, trovões, raios temidos;
O terremoto, e pestes sobre as gentes.
Movem outros na terra conhecidos;
Este porém, que ao estrangeiro acode,
N'agua não poderá, se em fogo póde.

XXXVII.

Parece á rude gente este discurso,
Segundo os seus principios concludente;
E ouvido com applauso no concurso,
Votão na execução concordemente.
Toma a guerra por tanto hum novo curso,
E ao mar se envia a bellicosa gente;
Nem Capitão ha mais, nem ha pessoa,
Que não se embarque em rapida canoa.

XXXVIII.

Chamão canoa os nossos nesses mares
Batel de hum vasto lenho construido,
Que excavado no meio, por dez pares
De remos, ou de mais voa impellido:
Com tropas, e petrechos militares,
Vai de impulso tão rápido movido,
Que ou fuja da batalha, ou a accommetta,
Parece mais ligeiro que huma setta.

XXXIX.

XLV.

Confusas entre si vão fluctuando
  As canoas, que a gente não regia;
E huma vai sobr'outras embarrando
  Na desordem, que todas confundia:
As tres incendiarias arrojando,
  Hum diluvio de fogo n'agua ardia,
  Com tal fumaça nas ardentes fragoas,
  Que cubrindo-se o ar, fervem as aguas.

XLVI.

Qual, se na Selva densa o fogo atêa,
  Em columnas de fumo voa a chamma,
  E a lavareda, que pelo ar ondêa,
  Traspassando se vai de rama em rama:
Tal na Bahia de canoas chea
  Hum diluvio de fogo se derrama;
  E o Bárbaro de horror, de espanto, e mágoa
  Foge á morte do fogo, e escolhe a d'agua.

XLVII.

Jararáca entretanto em terra estava;
  Donde prendêra o incauto Taparica,
  E raivoso das praias observava
  Toda a frota naval, que em cinzas fica:
Foge dispersa a tropa, que levava;
  E logo que a victoria se publíca,
  Toda a Ilha, que as armas arrebata,
  O timido Caeté subjuga, ou mata.

XLVIII.

XLVIII.

Nem já dos inimigos se descobre
  Huma canoa só no lago ingente;
  E o mar de mil cadaveres se cobre;
  Sem que saiba aonde fuja a infeliz gente.
Que Gupeva entre tanto a praia encobre,
  Embaraçando a fuga ao Continente;
  Grande parte desde a agua o braço estende,
  E a liberdade com a vida rende.

XLIX.

Não assim Jararáca, que na praia
  Põe por escudo o infausto Taparica;
  E ameaça matallo, quando saia
  Em terra Diogo, que suspenso fica.
Vê o transe a filha, e sobre as mãos desmaia
  Do caro Esposo, e pelo Pai supplíca:
  E vê-se Diogo em lance embaraçado,
  Sem saber como salve o desgraçado.

L.

Atirar-lhe quizera; mas duvída,
  Na intenção de matallo vacillante;
  Vendo do sogro ameaçada a vida,
  E quasi sem alento a Esposa amante:
Tres vezes poz a mira dirigida;
  Tres vezes se deteve a mão constante;
  E em terra, e mar a hũ tempo a acção retarda,
  Jararáca ao bastão; elle á espingarda.

LI.

LI.

Que mais espero (diz) ferillo he incerto;
Mas he claro na mão desse inimigo,
Que em qualquer caso em fim o damno he
E cresce na tardança o seu perigo: (certo,
Disse, e toma por alvo descuberto,
A fronte do contrario, e neste artigo
Dispara o tiro, e a bala lhe atravessa
De huma parte á outra parte da cabeça.

LII.

Cahe Jararáca em terra ao mesmo instante,
Qual penhasco, que do alto se derroca,
Quando o raio, que o arroja fulminante,
Desde sima o arrancou da excelsa roca:
N'hum rio a terra se banhou fumante
Do negro sangue, donde pondo a boca,
Morde raivoso a arêa, em que cahira,
E o torpe alento com a vida espira.

LIII.

Já neste tempo se encontrava amigo
Taparica, e Diogo em terno abraço,
Vendo por terra o perfido inimigo,
Que tremendo occupava hum vasto espaço:
Paraguaçú, que afflicta do perigo
Sem sentido ficou no horrivel passo,
Torna a si do desmaio, e vê piedoso
O Pai, que a ternos braços, com o esposo.

LIV.

LIV.

Alegre vem do opposto Continente
Em canoas Gupeva a Taparica,
Congratular-se com o Heróe valente,
Que morto Jararáca, em calma fica:
Pasma de ver o estrago a insana gente,
Que os arcos abatendo a paz supplíca;
E respeitando a suprior Potencia,
Compensavão a paz com a obediencia.

LV.

Chegárão do Sertão dez mensageiros
Em nome das Nações, que em guerra andavão,
Confirmando com pactos verdadeiros
A inteira sujeição, que ao Luso davão:
Vem entr'elles os Principes primeiros,
E com os ritos, que na Patria usavão,
Principe acclamão com festivo modo
O Filho do trovão, do Sertão todo.

LVI.

Nem duvidou Diogo imaginando,
Quanto domar importa a gente bruta,
Acceitar das Nações o excelso mando,
E comsigo prudente os fins reputa:
Ouve-se em nome seu público bando,
Que a barbara caterva humilde escuta;
Em que todo o homicidio se prohibe,
E com pena de morte a culpa inhibe.

LVII.

LVII.

Julga porém ao ver inveterada
  A barbara paixão na gente céga,
  Que a grave pena ao crime decretada,
  Convem dissimular, se ao caso chega:
A tudo a gente barbara humilhada,
  Só na gula cruel a emenda nega,
  Por barbara vingança carniceira,
  Que tanto póde a educação primeira.

LVIII.

Não tardou logo a occasião de vello,
  Porque apenas deixára a companhia;
  O proprio Taparica sem temello
  Ao convite cruel se prevenia:
Bambú, que fora ao ponto de prendello,
  Quem lhe lançára as mãos com ousadia,
  Prezo em canoa o Regulo conserva,
  Por pasto infando á barbara caterva.

LIX.

Estava o desditoso encadeado,
  E exposto a mil insectos que o mordião,
  Nem se lhe via o corpo ensanguentado,
  Que todo os *marimbondos* lhe cubrião: (1)
Corria o negro sangue derramado
  Das crueis picaduras, que lhe abrião;
  E elle immovel em tanto em tosco assento,
  Parecia insensivel no tormento.

LX.

1. Stadius pa. 2 C. 25 ... exact ...
... C. 14 —

LX.

Vendo Diogo o infeliz, quanto padece
No modo de penar mais deshumano;
Maior a tolerancia lhe parece,
Do que possa caber n'hum peito humano:
E como author do crime reconhece,
Do cruel Sogro o coração tyranno,
Offerece a Bambú, que a morte ameaça,
Soccorro amigo na cruel desgraça.

LXI.

Perdes comigo o tempo (disse o Fero) (2),
Ao que vês, e ainda a mais vivo disposto:
A liberdade, que me dás, não quero;
E da dor, que tolero, faço gosto:
Assim vingar-me do inimigo espero,
Disse; e sem se mudar do antigo posto,
As picadas crueis tão firme atura,
Como se penha fora, ou rocha dura.

LXII.

Se o motivo, diz Diogo, porque temes,
He porque escravo padecer receias;
E tens por menos mal este, em que gemes,
Do que huma vida em miseras cadeias:
Depõe o susto, que sem causa tremes:
Penhor te posso dar, por onde creias,
Depondo a obstinação do torpe medo,
Que a vida, e liberdade te concedo.

LXIII.

Aqui da fronte o barbaro desvia
 Dos insectos co-a mão a espessa banda;
 E a Diogo, que assim se condoia,
 Hum sorriso em resposta alegre manda.
De que te admiras tu? Que serviria
 Dar ao vil corpo condição mais branda?
 Corpo meu não he já, se anda comigo;
 Elle he corpo em verdade do inimigo.

LXIV.

O espirito, a razão, o pensamento
 Sou eu, e nada mais: a carne immunda
 Formasse cada dia do alimento,
 E faz a nutrição, que se confunda:
Vês tu a carne aqui, que mal sustento?
 Não a reputes minha: só se funda
 Na que tenho comido aos adversarios;
 Donde minha não he, mas dos contrarios.

LXV.

Da carne me passei continuamente
 De seus filhos, e Pai delia he composto
 Esse corpo, que animo de presente,
 Por isso dos tormentos faço gosto.
E quando maior pena a carne sente,
 Então mais me consolo, no supposto
 De me ver do inimigo bem vingado,
 Neste corpo, que he seu, tão mal tratado.

LXVI.

LXVI.

Impossivel parece ao Sabio Heróe
O que vê, e o que escuta, e que assim possa,
Quando a carne mortal tanto se doe,
Vencer-se a dor da fantasia nossa:
Magoado interiormente se condoe
De ver, que ao infeliz nada faz mossa;
Mostrando-o na brutal rara constancia,
Com tal valor tão barbara ignorancia.

LXVII.

Tinhão disposto em tanto no terreiro
As Nações do Sertão pompa festiva,
Creando a Diogo Principal primeiro
Com applauso geral da comitiva.
Vê-se ornado de plumas o guerreiro,
E como em triunfo da multidão cativa,
E sobre os mais n'hum throno levantado
Cingem de pluma o vencedor creado.

LXVIII.

A roda, como em circulo, postados
Sessenta Principaes das Nações feras
Em nome de seus póvos humilhados,
Submissões rendem com temor sinceras:
Tujúcupápo, estando os mais calados,
Grão filho do trovão (disse) que imperas
Em terra, e mar com gloria combatendo,
Tudo domaste com o raio horrendo.

LXIX.

Não te cedêra não dos nossos peitos
A varonil constancia em guerra humana;
Nem da morte tememos os effeitos,
Se a contenda não fora sobrehumana:
Rendemos-te fieis nossos respeitos,
Depois que o teu valôr nos desengana,
Que em teus combates todo o Ceo te assiste;
E a quem soccorre o Ceo, quem lhe resiste?

LXX.

As Nações do Sertão já convencidas,
Põe a teus pés os arcos, e as espadas;
Suspende o raio teu; protege as vidas
Desde hoje ao teu imperio sujeitadas:
E se tens, como creio, submettidas
As procellas, as chuvas, e as trovoadas,
Não espantes com fogo a humilde gente;
Mas faze-nos gozar da paz clemente.

LXXI.

A teu commando estão sem replicar-te
Os póvos deste vasto Continente;
E farás com teu nome em qualquer parte,
Que te obedeça a valerosa gente.
Faze com o favor que haja de amar-te,
Como a tens com terror feito obediente;
Que se troveja o Ceo na esfera escura,
A Luz manda tambem formosa, e pura.

LXXII.

LXXII.

Não foi acaso (disse o Heróe prudente,
Respondendo ao discurso) foi destino
Querer o Grão Tupá, que à vossa gente
A mão conheça do Poder Divino:
Do Ceo, que sobre vós brilha ausente,
Se receberdes o sagrado ensino;
Livres com gloria do tyranno Averno
Sobre elle reinareis n'hum solio eterno.

LXXIII.

Porém por serdes na ignorancia rude,
Incapazes de ouvir o mais em tanto,
Buscai com a razão maior virtude,
Implorando o favor do Throno Santo:
E quando a vossa fé pedillo estude,
Vereis da antiga serpe no quebranto
Florecer nesta Patria d'improviso
Huma imagem do ameno Paraiso.

LXXIV.

Disse o Heróe generoso; a turba immensa
Em final de prazer com grata dança,
Vão em fileiras com a mão extensa,
Fazendo com os pés vária mudança:
Huma perna bailhando tem suspensa,
E turma sobre turma em modo avança,
Que idéa dão dos bellicos ataques,
Retumbando entre tanto os seus marraques.

LXXV.

LXXV.

Os Nigromantes, que o Brazil respeita,
Hum marracá descobrem venerado;
Insignia da Nação, que ao povo acceita,
Considerão por Symbolo Sagrado:
O Sacerdocio; como turma eleita
No ministerio ao culto dedicado,
Poz o barbaro termo á função toda,
Bafejando nos Principes á roda.

(1) *Marimbondos*, Especie de vespa mordacissima no Brazil.

(2) *Disse o fero.* Hum gravissimo Aulico da nossa Corte me asseverou ter succedido caso similhante no Pará, em Reinado do Fidelissimo Rei o Senhor D. José I., onde elle era contemporaneamente occupado em cargo distinctissimo do Real Serviço.

CAN-

CANTO VI.

I.

DEscançava no seio então Diogo,
Extincta a guerra de huma paz dourada,
E o pavor do sulfureo horrivel fogo
Trazia a gente barbara assombrada:
As remotas Nações concorrem logo,
Desde a interna região mais apartada;
E tendo-o do trovão por viva imagem,
Vinha todo o Sertão dar-lhe homenagem.

II.

Muitos delles, dos póvos subjugados,
Que o effeito virão da terrivel chamma;
Outros vinhão sómente convocados
Das heroicas acções, que conta a Fama:
Trazem plumas, e balsamos prezados,
E outra rude opulencia, que o povo ama,
E com os dons da Americana Ceres,
Offerecem-lhe as filhas por mulheres.

III.

Era antigo dos barbaros costume,
Quando algum Capitão foi bravo em guerra,
Ou se julgavão que o regía hum Nume,
Emparentallo aos Principaes da terra:
Qualquer que de nobreza então presume,
Do Grão Caramurú, que tudo aterra,
Procura, como nobre preminencia,
Ter na sua prosapia a descendencia.

IV.

Tuibaé, dos Tapuiás Chefe antigo,
Tiapira lhe offrece celebrada;
E com a mão da filha deixa amigo
Huma illustre alliança confirmada:
Xerenimbó trazia-lhe comsigo
A formosa Moema já negada
A muitos Principaes, por dar-lhe esposo
Digno do tronco de seus Pais famoso.

V.

Muitas outras donzellas Brazilianas
A mão do claro Diogo pertendião,
Ou por prendas, que notão soberanas,
Ou por grandes acções, que delle ouvião:
A todos elle deo mostras humanas
Sem a fé lhe obrigar, que pertendião;
Mas por não offender as brutas gentes,
Trata os Pais, e os Irmãos como parentes.

VI.

VI.

Paraguaçú porém com fé de Esposo
Parecia estimar distinctamente,
Mostrando-lhe no affecto carinhoso
A sincera affeição que n'alma sente:
Amava nella o peito valeroso,
E o genio docil, com que á fé consente;
Amor que occasionou, como he costume,
Em algumas inveja, e n'outras ciume.

VII.

Todas á bella Dama aborrecendo,
Conspirão féras em tirar-lhe a vida;
Mas ella que o projecto alcança horrendo,
Deixar pertende a Patria aborrecida:
E na viagem de Europa discorrendo,
Deseja renascer á melhor vida;
Impulso santo, que com justa idéa
Move Diogo a deixar aquella arêa.

VIII.

Agitado do vario pensamento,
Na margem se entranhou do vasto rio,
Que invocando o Serafico portento,
Chama de S. Francisco o Luso pio:
E estando o Sol no seu maior augmento,
Quando sitio no ardor busca sombrio,
N'huma lapa, que esconde alto mysterio, (1)
Foi achar para a calma o refrigerio.

IX.

IX.

Por mil paſſos a penha milagroſa
Eſtende em roda o gyro dilatado;
Obra da Natureza prodigioſa,
Quando o Globo terraqueo foi creado:
Concavidade ha alli vaſta, eſpaçoſa,
Onde tinha o Creador delineado,
Com capella maior, nave, e cruzeiro,
Hum Templo, como os noſſos, verdadeiro.

X.

Largo trinta e tres paſſos ſe eſtendia
O grão cruzeiro: a longitud da mole
Por mais de outros oitenta diſcorria;
Lugar, que não pizára humana prole:
O proſpecto extrior de pedraria,
O interior pavimento he terra molle:
De jaſpe ſe levanta a grã portada,
Entre torres marmoreas fabricada.

XI.

Dentro vem-ſe magnificas Capellas,
Suſtentadas de eſplendidas columnas;
Pelo tecto entre nuvens gyrão eſtrellas,
E ſobre o rio a hum lado tem tribunas,
Que ſervindo-lhe a hum tempo de janellas,
Dão luz a todo o Templo; e quando lhe unas
Quantos prodigios o lugar encerra,
Maravilha maior não cobre a Terra.

XII.

XII.

Capella alli se vê de entalho nobre,
Obrado com desenho estranho, e vario,
Onde effigiado em marmore, se cobre
Hum natural bellissimo Calvario:
Vê-se a base da Cruz, mas nada sobre;
De jaspe ainda melhor q̃ Egyzio, ou Pario:
E ao lado hum posto em proporção distincta,
Onde a Mãi, e Discipulo se pinta.

XIII.

Chegado Diogo a ver prodigio tanto,
Pelo estranho espectaculo suspenso,
Penetra-se no peito de horror Santo,
Por não sei que Sagrado occulto senso:
Depois rompendo n'hum devoto pranto,
Prostrado em terra, adora o Deos immenso,
Que quando ser ao mar, e á terra dava,
O alicerse á grã fabrica lançava.

XIV.

Eis-aqui preparado (disse) o Templo,
Falta a fé, falta o culto necessario;
E quanto era de Deos, feito contemplo
Tudo o que he de salvar meio ordinario:
Desta intenção parece ser exemplo
Este insigne prodigio extraordinario;
Onde parece que no Templo occulto,
Tem disposto o lugar, e espera o culto.

XV.

Quiz moſtrar neſta Imagem por ventura
  Que eſta gente brutal não deſampara;
  E que a qualquer humana creatura
  O remedio da Cruz juſto prepara;
Que a eſtes do ſeu ſangue dera a cura,
  Se aos inſtinctos, que tem, não repugnára;
  Que Advogada nos deo de empreza tanta,
  Preparando o lugar á Virgem Santa.

XVI.

Oh queira, Grã Senhor, voſſa bondade
  Supprir nelles, e em mim tanta miſeria;
  Pois de todos ſalvar tendes vontade,
  Que por eſte ſinal moſtrais tão ſéria:
Que ſe olhais para a noſſa iniquidade,
  Achareis de punir tanta materia,
  Que a antiga culpa pelos ſeus abrolhos
  A ninguem deixa juſto aos voſſos olhos.

XVII.

Dalli ſurcando o rio caudalóſo,
  Vai o noto Reconcavo buſcando,
  Por ver ſe inchada véla o pégo undoſo
  A rumo Oriental vai navegando:
Nem temeria o pélago eſpaçoſo
  Ir na leve canoa atraveſſando;
  Se o perigo, que immenſo conſidera,
  Pelo damno da Eſpoſa não temêra.

XVIII.

XVIII.

Ergue-ſe ſobre o mar alto penedo,
Que huma angra á raiz tem, das náos amparo,
Onde das ramas no intrechado enredo,
Cauſa o verde proſpecto hum goſto raro:
Alli morro cuberto de arvoredo,
A quem paſſea o mar, ſerve de faro;
Dão-lhe nome da Coſta os exprientes,
Do glorioſo Apoſtolo das Gentes.

XIX.

Aqui vê Diogo hum caſco, que encalhára,
Onde n'agua ſe occulta hórrida penha,
Porque ignorando a coſta ſe arrojára,
Sem que eſperança de ſoccorro tenha:
Vê, como a chuſma em terra ſe ſalvára,
Que a brutal gente a cativar ſe empenha;
E preſumindo o que era, na canoa
A defender os ſeus remando vôa.

XX.

E temendo que cedão enganados
Ao barbaro cruel os naufragantes;
Ou que fiquem ſem armas cativados
Nas mãos deſtes penhaſcos ambulantes;
Faz-lhes ſinaes, e deixa-os aviſados,
Fazendo ver as armas rutilantes,
Da arêa infida, e do cruel perigo,
E o ſeu ſoccorro lhe offrece amigo.

XXI.

E quando o tiro de canhão se via,
Fez que se ouvisse a formidavel tromba,
E ao éco do tambor, que lhe batia,
Dispára ao tempo mesmo a horrivel bomba:
Treme de espanto o barbaro, que ouvia;
E este pasma, outro foge, aquelle tomba;
E o Grã Caramurú já divisando,
Correm todos humildes ao seu mando.

XXII.

Unidos do bom Diogo á comitiva
Soccorrem com presteza a véla rota;
Onde a gente das aguas semiviva,
Vão leves conduzindo a praia nota:
Salvou-se-lhe a equipagem toda viva;
E para os preparar a grã derrota,
Faz que a barbara gente, dando ajuda,
A' afflicta multidão piedosa acuda.

XXIII.

Paraguaçú porém com pio aviso
Cuida em prover de roupas, e sustento;
E quanto lhe he possivel, de improviso
Restabelece-lhe as forças co' alimento;
Depois que se saciárão do preciso,
Diogo que o caso seu recorda attento,
Logo que a turba vê contente, e junta,
Donde vem? aonde vão? quem são? pergunta.

XXIV.

Hum entre outros, que o Chefe parecia,
E ſobre os mais da chuſma dominava,
Depois de agradecer-lhe a cortezia
Na Caſtelhana lingua, em que fallava:
Somos (diſſe) da nobre Andaluzia,
Onde o chão Hiſpalenſe o Betis lava,
Socios ſe ouviſte o nome de Arelhano,
E deſde o Reino viemos Peruano.

XXV.

Se a Fama a vós chegou do valeroſo
Domador das Provincias Peruanas;
E ſe Piſarro no Orbe tão famoſo
Não ſe ignora das Gentes Luſitanas:
Fomos delle mandados pelo undoſo
Grão rio, que em correntes deſce inſanas,
Deſde a grã cordilheira, que imminente
Aqui ſepara o Occaſo do Oriente.

XXVI.

Novas Ilhas buſcando, e novos mares
Depois de longos dias navegámos;
Já com procellas, já com brandos ares
Ao conhecido Oceano chegámos:
Os perigos, os caſos ſingulares,
Que por mais de mil leguas tolerámos,
Não contára, depois que no mar erro,
A ter o peito de aço, e a voz de ferro.

XXVII.

XXVII.

De sessenta, e mais linguas differentes,
Vimos, descendo o rio, em curso immenso,
Incognitas Nações, barbaras gentes,
E hum Povo innumeravel, vasto, e denso:
Montanhas vimos, campos mil patentes,
E hum terreno nas margens tão extenso,
Que poderá elle só neste hemisferio
Formar com tanto Povo hum vasto Imperio.

XXVIII.

Mil vezes com canoas bellicosas
Combatemos no rio, e mil em terra;
Perseguidos de tropas numerosas,
Que occupavão talvez o valle, e a serra:
Nem cessava nas margens perigosas
De mil bravas Nações a dura guerra,
Até que entrando nas ardentes Zonas,
Chegámos á Região das Amazonas.

XXIX.

Discorre com furor pela ribeira,
Vasto esquadrão de tropa feminina,
Que em postura, e contenho de guerreira,
Assaltar nossa frota determina:
Sobre o sexo viril turba grosseira,
O feminino sexo alli domina,
Onde no rio, porque a fama o conte,
Recordamos o antigo Thermodonte.

XXX.

XXX.

E já o Hispano Leão domado houvera
Das Amazonas o terreno infausto,
Se no clima infeliz nos não morrèra
De mil fadigas Arelhano exhausto.
A gente pois, que o Capitão perdêra,
Não podendo esperar successo fausto,
Sobre este bergantim, que alli se adorna,
Ao Solar Patrio, navegando torna.

XXXI.

Não duvideis, responde, o Heróe clemente
De achar em mim soccorro poderoso;
Que achais quem como vós do mar fremente
Aprendeo na desgraça a ser piedoso:
Tendes amiga mão, madeira, e gente,
Com que o casco, que vedes ruinoso,
Reformando-se torne do Ceo nosso
A' desejada Hespanha, e Betis vosso.

XXXII.

Disse; e ordenando a turba Americana,
Assiste ao fabro na naval fadiga;
E quanto lhe permitte a força humana,
Faz que em breve o baixel seu rumo siga:
Nem se demora mais a gente Hispana,
Que a convida a monção, e o vento obriga:
Soltão a branca véla ao fresco vento,
E vão rasgando o liquido elemento.

M XXXIII.

XXXIII.

Felices vós, diz Diogo, affortunados,
A quem da cara Patria he concedido
Tornar hoje aos abraços desejados,
Depois de tanto tempo a ter perdido!
Em quanto eu nestes climas apartados
Me vejo de seguir-vos impedido;
Que fiar temo de tão debil lenho
Outra vida, q em mais que a propria tenho.

XXXIV.

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa náo de Gallica bandeira,
Que a terra ao parecer vinha buscando,
E a prôa mette sobre a propria esteira:
Vem seguindo a canoa, e sinaes dando,
Até que aborda a embarcação veleira;
E de paz dando a mostra conhecida,
As praias de Bahia a náo convida.

XXXV.

A Gupeva entretanto, e Taparica
Dava o ultimo abraço, e á forte Esposa
A intenção de levalla significa,
A ver de Europa a Região famosa:
Suspensa entre alvoroço, e pena fica
Paraguaçú contente, mas saudosa;
E quando o pranto na sentida fuga
Começava a saudade, amor lho enxuga.

XXXVI.

XXXVI.

He fama então que a multidão formosa
Das Damas, que Diogo pertendião,
Vendo avançar-se a não na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdião:
Entre as ondas com ansia furiosa
Nadando o Esposo pelo mar seguião,
E nem tanta agoa que fluctûa vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII.

Copiosa multidão da não Franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Huma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella, do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à não se apéga ao leme.

XXXVIII.

Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem...
Porém o tigre por cruel que brame,
Acha forças amor, que em fim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio, e asco...
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

XXXIX.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que he favor, dado a tempo, hum desengano:
Porém deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor táo crua morte.

XL.

Táo dura ingratidáo menos sentira,
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meu despeito triunfar náo vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguira,
Se náo temêra de chamar Senhora
A vil Paraguaçú, que sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, he nescia, e feia.

XLI.

Em fim, tens coraçáo de ver-me afflita,
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A hum ai sómente, com q̃ aos meus respon-
Barbaro, se esta fé teu peito irrita, (das:
(Disse, vendo-o fugir) ah náo te escondas;
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E indo a dizer mais, cahe n'hum desmaio.

XLII.

XLII.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
Pállida a côr, o aspecto moribundo;
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo;
Ah Diogo cruel! disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveo-se n'agoa.

XLIII.

Chorárão da Bahia as Nynfas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavão;
E vendo que sem dor navegão dellas,
A' branca praia com furor tornavão:
Nem pode o claro Herói sem pena vellas,
Com tantas provas, que de amor lhe davão;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

XLIV.

Voava em tanto a náo na azul corrente,
Impellida de hum Zefyro sereno;
E do brilhante mar o espaço ingente
Hum campo parecia igual, e ameno:
Encrespava-se a onda docemente,
Qual aura leve, quando move o feno;
E como o prado ameno rir costuma,
Imitava as boninas com a escuma.

XXXIX.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo;
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que he favor, dado a tempo, hum desengano:
Porém deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

XL.

Tão dura ingratidão menos sentira;
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meu despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguíra,
Se não temêra de chamar Senhora
A vil Paraguaçú, que sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, he nescia, e feia.

XLI.

Em fim, tens coração de ver-me afflita,
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A hum ai somente, com q̃ aos meus respon-
Barbaro, se esta fé teu peito irrita, (das:
(Disse, vendo-o fugir) ah não te escondas;
Dispara sobre mim teu cruel raio ...
E indo a dizer ao mais, cahe n'hum desmaio.

XLII.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
Pállida a côr, o aspecto moribundo;
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo;
Ah Diogo cruel! disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveo-se n'agoa.

XLIII.

Chorárão da Bahia as Nynfas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavão;
E vendo que sem dor navegão dellas,
A' branca praia com furor tornavão:
Nem pode o claro Herói sem pena vellas,
Com tantas provas, que de amor lhe davão;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

XLIV.

Voava em tanto a náo na azul corrente,
Impellida de hum Zefyro sereno;
E do brilhante mar o espaço ingente
Hum campo parecia igual, e ameno:
Encrespava-se a onda docemente,
Qual aura leve, quando move o feno;
E como o prado ameno rir costuma,
Imitava as boninas com a escuma.

XLV.

LI.

Era o tempo, em que alegre resuscita
A verde planta, que murchou no Inverno;
E quando a solar meta o tempo excita,
Em que o Rei triunfou da morte eterno:
Táo sagrada memoria a frota incita
A celebrar ao Vencedor do Inferno
O sacrificio, donde a fé venera
A Paixáo, que em tal tempo succedêra.

LII.

Em frondosa ramada o Lusitano
Hum Altar fabricou no prado extenso,
Donde assista ao Mysterio soberano
Da Lusitana esquadra o povo immenso:
Ao Rei triunfante do infernal tyranno
Odorifero fuma o sacro incenso,
E a victima do Ceo, que a paz indica,
A' gente, e nova terra sanctifica.

LIII.

Notar o Americano alli contende
Do sacrosanto Altar o acto sublime;
E tanto a simples gente o aceno entende,
Que parece que a acçáo por santa estime:
Algum que olhava ao celebrante, emprende
O gésto arremedar, que ousando exprime,
E as máos une, e levanta, e talvez solta;
E quando o vê voltar, tambem se volta.

LIV.

Como as nossas acções talvez espia
O pelloso animal, que o mato hospeda,
E quanto vê fazer, como á porfia,
Tudo posto a observar, logo arremeda:
Tal o Gentio simples parecia,
Que nem hum pé, nem passo dalli arreda,
E ao santo sacrificio attento, e mudo,
O que aos mais vio fazer, fazia-o tudo.

LV.

Aqui depois que ás turbas eloquente
Dicta o sacro Orador pio conceito,
E a fé dispensa no animo valente
Do nobre Povo a propagalla eleito:
Participa da cea a Christã gente,
E o dom recebem com fiel respeito;
E he fama que Cabral, que os convocára,
Montando sobre hum alto, assim fallára.

LVI.

Gloriosa Nação, que a terra vasta
Vais a livrar do Paganismo immundo,
A quem esse Orbe antigo já não basta,
Nem a immensa extensão do mar profundo:
Neste occulto Paiz, que o mar affasta,
Tem teu zelo por campo hum novo Mundo;
E quando tanta fé seus termos sonde,
Outro Mundo acharás, se outro se esconde.

LVII.

LVII.

Oh profundo conselho ! Abysmo immenso
Do podér, e saber do Omnipotente !
Que estivesse escondida no Orbe extenso
Tanta parte do Mundo á sabia gente !
Sincoenta e sinco seculos sem senso
Das Naçóes deste vasto continente,
E, em tanta indagaçáo dos sabios feita,
Náo cahir-nos na mente nem suspeita !

LVIII.

Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
Em que a alta Providencia aqui nos guia;
Quando á ignorancia Christo o perdáo ora;
Quando morre na Cruz, no próprio dia:
Na bandeira do mar triunfadora
Tremolamos as Chagas com fé pia,
E nellas quiz á grei, que em sombras langue,
Vir neste dia a offerecer seu sangue.

LIX.

Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarda te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja:
Terra de *Santa Cruz* tu sejas dita,
Maduro fruto da Paixáo na Igreja;
Da fé renovo pelo fruto nobre,
Que o dia nos mostrou, que te descobre.

LX.

LX.

Dizendo assim ajoelha, e Cruz em tanto
Sublime n'hum oiteiro se colloca;
O Exercito formado ao sinal santo
Se prostra humilde, pondo em terra a boca:
Pasma o Gentio, e admira com espanto
A melodia, com que o Ceo se invoca,
Hymno entoando á Cruz pios Cantores,
E respondendo as trompas, e os tambores.

LXI.

Terra porém depois chamou a gente
Do Brazil, não da Cruz; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excellente,
Se lembra menos do que o foi da vida:
Assim ama o mortal o bem presente;
Assim o nome esquece, que o convida
Aos interesses da futura gloria,
Aos bens attento só da transitoria.

LXII.

Observa o bom Cabral todo o prospéro
Dá immensa costa, e pelo clima puro:
Pelo abordo tranquillo, e mar quieto,
Chama o seio, em que entrou Porto Seguro:
E olhando com saudade o doce objecto
Do seu destino, se lamenta escuro,
Que pela empreza a que mandado fora,
Não permitte na Armada outra demora.

LXIII.

LXIII.

Manda depois ao Luso Dominante
Hum aviso do clima descuberto;
Nem tarda Manoel então Reinante
A enviar hum Cosmografo, que experto
Da escola fora, que o famoso Infante (3)
Para a Nautica sciencia tinha aberto,
E Americo dispõe, que ao Brazil parta;
De quem deo nome ao continente a Carta.

LXIV.

E por ter quem aos nossos interpréte
Do ignorado idioma a escura sorte,
Alguns em terra condemnados mette,
Devidos por delicto á crua morte:
A vida como premio lhe promette,
Quando com peito se atrevessem forte
A esperar no Sertão nova viagem,
Aprendendo os rodeios da linguagem.

LXV.

Com acenos depois á gente bruta
Os seus que lhe deixava, recommenda;
E no claro perigo, em que os reputa,
Arma lhe deixa, que na guerra offenda:
Dá-lhe a especie, que alli bem se commuta,
Em que possão tratar por compra, e venda;
Espelhos, cascaveis, anzoes, cutélos;
Campainhas, fuzís, serras, martélos.

LXVI.

LXVI.

Nem se demora mais a forte Armada;
E convidando o vento, estende a véla,
Corre a barbara gente amontoada
Ao embarque nas náos da Tropa bella:
E, ao que póde entender-se, magoada
Por saudade, que tem de mais não vella,
Com acenos, e voz enternecida
Fazião a seu modo a despedida.

LXVII.

Mais saudosos os tristes desterrados,
Correndo immenso risco a lingua aprendem,
Recebendo alimentos commutados
Pelas especies, que ao Gentio vendem:
Talvez os tem co'a cithara encantados;
Talvez com cascaveis todos suspendem;
Mas o objecto que a vista mais lhe assombra
He ver dentro do espelho a propria sombra:

LXVIII.

Extatico qualquer notando admira
Dentro ao terso crystal a horrivel cara:
Pergunta-lhe quem he, e como se ouvíra;
E crendo estar no inverso o que enxergára,
De huma parte a outra parte o espelho vira;
E não topando o vulto na luz clara,
Tal ha que o vidro quebra, por ver dentro
Se a imagem acha, que observou no centro.

LXIX.

Mas em quanto eſtes errão vagabundos,
Americo Veſpucci, e o forte Coelho,
A longa coſta, e os ſeios mais profundos
Demarcavão no Nautico conſelho:
Deſcubridor tambem dos novos Mundos
Foi Jaques na Marinha experto, e velho,
De quem já demarcado em carta ouvimos
Eſſe ameno reçoncavo, que vimos.

LXX.

Eu depois deſtes na occaſião preſente,
Quanto o vaſto Sertão nos encubria,
Deſcubri, pondo em fuga a bruta gente,
O reconcavo interno da Bahia:
Notei na vaſta terra a turba ingente,
Que mais Európa toda não teria,
Se da grã cordilheira ao mar baixando,
Deſde a Prata ao Pará ſe for contando.

LXXI.

Dá principio na America opulenta
As Provincias do Imperio Luſitano,
O Grã Pará, que hum mar nos repreſenta,
Emulo em meio á terra do Oceano:
Foi deſcuberto já (como ſe intenta)
Por ordem de Piſſarro, de Arelhano;
Paiz, que a linha Equinocial tem dentro,
Onde a Torrida Zona eſtende o centro.

LXXII.

LXXII.

Em nove leguas só de comprimento,
 Vinte seis de circuito se espraia
 No vasto Maranhão d'agoa opulento,
 Huma Ilha bella, que se estende á praia:
Regão-lhe quinze rios o aureo assento,
 E hum breve estreito, que lhe fórma a raia,
 Póde passar por Isthmo, que a encadea
 A' terra firme por mui breve arêa.

LXXIII.

O Ceará depois, Provincia vasta,
 Sem portos, e commercio jaz inculta;
 Gentio immenso, que em seus campos pasta,
 Mais fero que outros o Estrangeiro insulta:
Com violento curso ao mar se arrasta
 De hum lago do Sertão, de que resulta,
 Rio, onde pescão nas profundas minas
 As brazilicas perolas mais finas.

LXXIV.

Da fertil Paraiba não occorre
 Que informe a gente vossa, sendo empreza
 Do commercio Francez, que alli concorre
 A lenhos carregar, que a Europa preza:
Não mui longe da costa, que alli corre
 Huma Ilha vedes de menor grandeza,
 Que amena, fertil, rica, e povoada
 He d'Itamaracá de nós chamada.

LXXV.

LXXV.

A oito gráos do Equinocio ſe dilata
Pernambuco, Provincia delicioſa,
A pingue caça, a peſca, a fruta grata,
A madeira entre as outras mais precioſa:
O proſpecto, que os olhos arrebata
Nas verduras das arvores frondoſa,
Faz, que o erro ſe eſcuſe a meu aviſo,
De crer que fora hum dia o Paraiſo.

LXXVI.

Serzipe então d'ElRei: logo o terreno
De que viſte a belleza, e perſpectiva;
Nem cuido que outro viſſes mais ameno,
Nem donde com mais goſto a gente viva:
Clima ſaudavel, Ceo ſempre ſereno,
Mitigada na nevoa a calma activa;
Palmas, mangues, mil plantas na eſpeſſura,
Não ha depois do Céo mais formoſura.

LXXII.

A quinze gráos do Sul na foz extenſa
De hum vaſto rio, por ilheos cortado,
Outra Provincia de cultura immenſa
Tem dos proprios ilheos nome tomado:
Depois Porto Seguro, a quem compenſa
O eſpaço da Provincia limitado,
Outra de ambito vaſto, que ſe aſſoma,
E do Eſpirito Santo o nome toma.

LXXVIII.

Nhiteroi dos Tamoyos habitada,
 Por largas terras ſeu dominio eſtende,
 Famoſa região pela enſeada,
 Que huma grã barra dentro em ſi comprende:
Eſta praia dos voſſos frequentada,
 Que pomo de diſcordia entre nós pende,
 Cuſtará, ſe preſago não me engano,
 Muito ſangue ao Francez, e ao Luſitano.

LXXIX.

S. Vicente, e S. Paulo os nomes derão
 A's extremas Provincias, que occupamos;
 Bem que ao Rio da Prata ſe eſtendêrão
 As que com proprio marco aſſinalamos:
E por memoria de que noſſas erão,
 De *Marco* o nome no lugar deixamos,
 Povoação, que aos vindouros ſignifica,
 Onde o termo Heſpanhol, e o Luſo fica.

(1) *Lapa*. Esta he a célebre Igreja da Lapa, em que parece que a Natureza preparou á Graça hum admiravel edificio. Veja-se Sebastião da Rócha Pitta.

(2) *Sevilha*. Então Corte de Hespanha.

(3) *Do famoso Infante*. A escola Nautica, e Mathematica, fundada em Sagres pelo Senhor Infante D. Henrique, deo os ultimos lumes a Colon, Americo Vespucci, e outros Cosmografos estranhos, que em nenhuma outra Região da terra podião achar estudos áquelle tempo tão célebres, como os de Portugal.

CANTO VII.

I.

ERa o tempo, em que o Sol na vasta Esfera
O claro dia com a noite iguala,
E o velho Outono, que o calor modera,
De seus pampanos tece a verde gala:
E quando todo o monte Baccho altera,
E os capazes toneis na adega abala,
Tocava a Franca náo do claro Sena
Na deliciosa fóz a praia amena.

II.

Na grá Lutecia, Capital do Estado,
A ligeira falúa dava fundo,
E esse Orbe na Cidade abbreviado,
Enchia Diogo de hum prazer jucundo:
Templos, torres, palacios, casas, prado,
O famoso Atheneo mestre do Mundo,
A Corte mais augusta, que se avista,
Enche-lhe o coração, e assombra a vista.

III.

Paraguaçú porém, que já mais víra
Espectaculo igual, suspensa pára;
Nem falla, nem se volta, nem respira,
Immovel a pestana, e fixa a cara:
E cheia a fantasia do que admira,
Causa-lhe tanto pasmo a visão rara,
Que estupida parece ter perdido
O discurso, a memoria, a voz, e o ouvido.

IV.

Qual pende o tenro Infante ao collo da ama,
Se hum novo, e bello objecto tem presente,
Que nem a doce mái, que ao peito o chama,
Nem os mimos do pai pasmado sente:
Tod' a alma no que vê fixo derrama,
E só parece pelo olhar vivente:
Não foi da Americana o ar diverso,
Vendo em Paris a summa do Universo.

V.

Por fama que se ouvio da novidade
A admirar o espectaculo se ajunta,
Curiosa do successo a grã Cidade,
E hũ se admira, outro o conta, algũ pergunta:
Cresce o vago rumor sobre a verdade;
E a plebe, que a Diogo acode junta,
Delle, e da Esposa divulgada tinha,
Que era o Rei do Brazil, e ella a Rainha.

VI.

VI.

E já aviſtavão do Palacio Auguſto
Em bella perſpectiva o Regio eſpaço,
E o atrio vendo de troféos onuſto,
Entrão do Franço Rei no excelſo Paço:
Cinge as portas exercito robuſto,
Brilhante guarda, de que o invicto braço
Ao lado ſempre da Real Peſſoa,
Suſtenta as Liſes, e defende a Croa.

VII.

Era alli Chriſtianiſſimo Reinante
Entre os Francezes o ſegundo Henrique,
Méta então do Germano fulminante,
Que oppôz de Carlos ás victorias dique:
Orthodoxo Monarca, da Fé amante,
Que faz que em toda a França immovel fique
O antigo culto, e Religião paterna,
Que invadio de Calvino a Furia Averna.

VIII.

Senta-ſe ao Regio lado a grã Princeza,
Formoſa Lis, que do Arno Florentino
Trouxe a França hum theſouro de belleza,
E outro maior no engenho peregrino:
Formoſo par, que a ſabia Natureza
Não ſem inſtincto conjugou Divino;
Porque roubando Henrique a dura morte,
Suſtente França Catharina a Forte.

IX.

IX.

Ao Throno Chriſtianiſſimo proſtrado
A Regia Mão dos dous Monarcas beija
O bom Diogo, tendo a Eſpoſa ao lado,
E faz que attenta toda a Corte eſteja:
E havendo por tres vezes humilhado
A fronte aos Reis, que reſpeitar deſeja,
He fama, que com geſto reverente
Fallára deſte modo ao Rei potente.

X.

Tendes a voſſos pés, Sire, invocando
No throno da grandeza a Mageſtade,
Eſtes dous peregrinos, que ſurcando
Do proceloſo mar a immenſidade,
No Imperio, que regeis com ſabio mando,
Buſcão aſylo na Real piedade;
E a vós, e ao voſſo Reino ſe dirigem,
Donde tem Portugal o nome, e a origem.

XI.

O Brazil, Sire, infunde-me a confiança,
Que alli renaſça o Portuguez Imperio,
Que eſtendendo-ſe ao Cabo da Eſperança,
Tem deſcuberto ao Mundo outro hemisferio:
Tempo virá, ſe o vaticinio o alcança,
Que o cadente eſplendor do nome Heſperio
O ſeculo, em que eſtá, recobre de ouro,
E lhe cinja o Brazil mais nobre louro.

XII.

XII.

E Tu, que ao Luſo Reino hum germe Auguſto
No grão Burgundo a propagar mandaſte,
Contẽpla, ó França Heróica, o Imperio juſto,
Como ramo do teu, que alli plantaſte:
E ſe o inculto Brazil, ſe o Cafre aduſto
Por teus famoſos Netos ſubjugaſte,
Admitte ao throno do Solar primeiro
Eſte teu não indigno aventureiro.

XIII.

E eſta, que ao lado meu teu Sceptro beija,
Princeza do Brazil, que hum tempo fora,
No ſeio da Chriſtã piedoſa Igreja,
Como Mãi pia regenera agora.
He bem que a Mãi primeira o Brazil veja,
Donde a gente naſceo, que lhe he Senhora;
E quando a Luſitania lhe he Rainha,
Tome o Brazil a França por Madrinha.

XIV.

Diſſe o Heróe generoſo, e o Rei potente,
Recordando os annaes de antiga Hiſtoria;
Com viſta mageſtoſa, mas clemente,
Deo ſinal de agradar-lhe eſta memoria:
Com ſuſurro entre tanto a aulica gente
Celebra, como propria, a Luſa gloria;
E impondo-lhe ſilencio alto reſpeito,
Reſpondem com os olhos, e co' peito.

XV.

XV.

Mongomerí, que ferve na affembléa
De interprete do Rei, fallou benigno;
Conforme na refpofta á jufta idéa,
De que o bom Diogo fe moftrou tão digno:
Nem vendo a Lyfia de conquiftas cheia
Lhe infpira o impulfo da ambição maligno,
A invejar-lhe já mais troféos tamanhos,
Que em prole fua não reputa eftranhos.

XVI.

Ide, diffe a Rainha, o par ditofo,
Que o banho fanto, donde a culpa amára,
Se apague neffe peito generofo,
Comigo a França apadrinhar prepara.
E quando o Sol feu curfo luminofo
Tres vezes repetir na Esféra clara,
Será das nodoas do Tartareo abyfmo
Lavada a bella Dama no Baptifmo.

XVII.

Era o dia, em que he fama, que o homem feito
De terra, foi na Eftatua preciofa,
Em que Deos lhe infundíra no feu peito
Do Soberano fer cópia formofa.
Dia do noffo rito ao culto eleito
De Simão, e Thaddeo, quando formofa
Entrou Praguaçú com feliz forte
No banho Santo, rodeando-a a Corte.

XVIII.

XVIII.

A' roda o Real Clero, e grão Jerarca
Fórma em meio á Capella a Augusta linha;
Entre os Pares seguia o bom Monarca,
E ao lado da Neofyta a Rainha.
Vê-se cópia de lumes nada parca,
E a turba immensa, que das guardas vinha;
E dando o nome a Augusta á nobre Dama,
Põe-lhe o seu proprio, e Catharina a chama.

XIX.

Banhada a formosissima Donzella
No Santo Crisma, que os Christãos confirma,
Os Desposorios na Real Capella
Com o valente Diogo amante firma:
Catharina Alvres se nomea a bella, (1)
De quem a gloria no troféo se affirma,
Com que a Bahia, que lhe foi Senhora,
N'outro tempo, a confessa, e fundadora.

XX.

Prepara-se hum banquete com grandeza,
Em que a cópia compita co'-a elegancia;
E aos dous Consortes se dispõe a meza
No magnífico Paço em Regia estancia:
Nem se dedigna a Soberana Alteza,
Depois de os regalar com abundancia,
De dar Rainha e Rei, de ouvir curiosos,
Huma audiencia privada aos dous Esposos.

XXI.

XXI.

Depois (disse o Monarca) que informado
De meus Ministros tenho a Historia ouvido,
Como foste das ondas agitado,
Como da gente barbara temido:
Sabendo que os Sertões tens visitado,
E o centro do Brazil reconhecido,
Quero das terras, dos viventes plantas,
Que a Historia contes de Provincias tantas.

XXII.

Mandas-me, Rei Augusto, que te exponha,
(Diz cheio de respeito o Heróe prudente)
E aos olhos teus em hum compendio ponha
A Historia natural da occulta gente:
Se esperas de mim, Sire, que componha
Exacta narração da cópia ingente,
Empreza tanta he, quando obedeça,
Que faz que o tempo falte, e a voz falleça.

XXIII.

Mil e sincoenta e seis legoas de Costa,
De valles, e arvoredos revestida,
Tem a terra Brazílica composta
De montes de grandeza desmedida:
Os Guararapes, Borborema posta
Sobre as nuvens na cima recrescida,
A serra de Aimorés, que ao pólo he raia,
As de Ibo-ti-catú, e Itatiaia.

XXIV.

XXIV.

Nos vaſtos rios, e altas alagoas
Mares dentro das terras repreſenta;
Cuberto o Gráo Pará de mil canoas
Tem na eſpantoſa fóz legoas oitenta.
Por dezeſete ſe deſagoa boas
O vaſto Maranhão; legoas quarenta
O Jaguaribe diſta; outro ſe engroſſa
De S. Franciſco, com que o mar ſe adoça.

XXV.

O Serzipe, o Real de licor puro,
Que com vinte o Sertão regando correm,
Santa Cruz, que no Porto entra ſeguro,
Depois de trinta, que no mar concorrem:
Logo o das Contas, o Taigipe impuro,
Que abrindo a vaſta fóz no Oceano morrem,
O Rio Doce, a Cananea, a Prata,
E outros ſincoenta mais, com que arremata.

XXVI.

O mais rico, e importante vegetavel
He a doce cana, donde o aſſucar brota,
Em pouco as noſſas canas comparavel;
Mas nas do milho proporção ſe nota:
Com manobra expedita, e praticavel,
Eſpremido em moenda o ſucco bota,
Que acaſo a antiguidade imaginava,
Quando o nectar, e ambroſia celebrava.

XXVII.

XXVII.

Outra planta de muitos deſejada,
 Por fragrancia que o olfacto activa ſente,
 Herva ſanta dos noſſos foi chamada,
 Mas tabaco depois da Hiſpana gente.
Pelo Franco Nicot manipulada
 Expelle a bile, e o cerebro cadente
 Soccorre em modo tal, que em quem o tome,
 Parece o impulſo de o tomar que he fome.

XXVIII.

He ſuſtento commum, raiz prezada,
 Donde ſe extrahe, com arte util farinha,
 Que ſaudavel ao corpo, ao goſto agrada,
 E por delicia dos Brazis ſe tinha.
Depois que em *bolandeiras* foi ralada, (2)
 No *Tapití* ſe eſpreme, e ſe convinha,
 Fazem a *puba* então, e a *tapioca*,
 Que he todo o mimo, e flor da mandioca.

XXIX.

Chama o Agricultor raiz goſtoſa
 Aipi por nome; e em goſto ſe parece
 Com a molle caſtanha ſaboroſa,
 De que tira o Paiz vario intereſſe.
Optimo arroz em cópia prodigioſa,
 Sem cultura nos campos apparece,
 No Pará, Cuiabá, por modo feito,
 Que iguala na bondade o mais perfeito.

XXX.

XXX.

Ervilhas, feijão, favas, milho, e trigo,
Tudo a Terra produz, se se transplanta;
Fruta tambem, o pomo, a pera, o figo
Com bifera colheita, e em cópia tanta:
Que mais que no Paiz que o dera antigo,
No Brazil fructifica qualquer planta;
Assim nos deo a Persia, e Libya ardente,
Os que a nós transplantamos de outra gente.

XXXI.

Nas comestîveis hervas he louvada
O Quiabo, o Giló, os Maxixeres,
A Maniçoba peitoral prezada,
A Taióba agradavel nos comeres:
O palmito de folha delicada,
E outras mil hervas, que se usar quizeres,
Acharás na opulenta natureza
Sempre com mimo preparada a meza.

XXXII.

Sensivel chama-se herva pudibunda,
Que quando a mão chegando alguẽ lhe ponha,
Parece que do tacto se confunda,
E que fuja o que o toca por vergonha.
Nem torna a si da confusão profunda,
Quando ausente o aggressor se lhe não ponha,
Documento á alma casta, que lhe indica,
Que quem cauta não foi, nunca he pudica.

XXXIII.

XXXIII.

D'hervas medicinaes cópia táo rara
Tem no mato o Brazil, e na campina,
Que quem toda a virtude lhe exploráras,
Por demais recorrêra á Medicina.
Nasce a Gelapa alli, a sene amara,
O Filopodio, a malva, o páo da China,
A Caroba, a Capeba, e mil que agora
Conhece a bruta gente, e a nossa ignora.

XXXIV.

Tem mimosos legumes, que náo cedem
Aos que usamos na Europa mais prezados,
Gingibre, Gergelim, que os mais excedem
Mendubim, Mangaló, que usáo guizados:
Alguns medicinaes, com que despedem
Do peito estilicidios radicados;
Tem o Cará, o Inhame, e em cópia grata
Mangarás, mangaritos, e batata.

XXXV.

Das flores naturaes pelo ar brilhante
He com causa entre as mais rainha a Rosa,
Branca sahindo a Aurora rutilante,
E ao meio dia tinta em côr lustrosa:
Porém crescendo a chamma rutilante,
He purpurea de tarde a côr formosa;
Maravilha que a Clicie competira,
Vendo que muda a côr, quando o Sol gyra.

XXXVI.

Outra engraçada flor, que em ramos pende
(Chamão de S. João) por bella passa
Mais que quantas o prado alli comprênde,
Seja na bella côr, seja na graça:
Entre a copada rama, que se estende
Em vistosa apparencia a flor se enlaça,
Dando a ver por diante, e nas espaldas,
Cachos de ouro com verdes esmeraldas.

XXXVII.

Nem tu me esquecerás, flor admirada,
Em quem não sei, se a graça, se a natura
Fez da Paixão do Redemptor Sagrada
Huma formosa, e natural pintura:
Pende com pomos mil sobre a latada,
Aureos na côr, redondos na figura,
O âmago fresco, doce, e rubicundo,
Que o sangue indica, que salvára o Mundo.

XXXVIII.

Com densa cópia a folha se derrama,
Que muito á vulgar Era lhe parecida,
Entresachando pela verde rama
Mil quadros da Paixão do Author da vida:
Milagre natural, que a mente chama
Com impulsos da graça, que a convida,
A pintar sobre a flor aos nossos olhos
A Cruz de Christo, as Chagas, e os abrolhos.

XXXIX.

XXXIX.

He na fórma redonda, qual diadema
De pontas, como espinhos, rodeada;
A columna no meio, e hum claro emblema
Das Chagas santas, e da Cruz sagrada:
Vem-se os tres cravos, e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada,
A côr he branca, mas de hum roxo exsangue,
Salpicada recorda o pio sangue.

XL.

Prodigio raro, estranha maravilha,
Com que tanto mysterio se retrata!
Onde em meio das trévas a fé brilha,
Que tanto desconhece a gente ingrata:
Assim do lado seu nascendo filha
A humana especie, Deos piedoso trata,
E faz que quando a Graça em si despreza,
Lhe pregue co' esta flor a natureza.

XLI.

Outras flores suaves, e admiraveis
Bordão com variá côr campinas bellas,
E em varia multidão por agradaveis,
A vista encantão, transportada em vellas:
Jasmins vermelhos ha, que innumeraveis
Cobrem paredes, tectos, e janellas;
E sendo por miudos mal distintos,
Entretecem purpureos labyrinthos.

XLII.

XLII.

As assucenas são talvez fragantes,
Como as nossas na folha organizadas;
Algumas no candor lustrão brilhantes,
Outras na côr reluzem nacaradas:
Os bredos namorados rutilantes,
As flores de Courana celebradas;
E outras sem conto pelo prado immenso,
Que deixão quem as vê, como suspenso.

XLIII.

Das frutas do Paiz a mais louvada
He o Regio Ananás, fruta tão boa,
Que a mesma Natureza namorada
Quiz como a Rei cingilla da coroa:
Tão grato cheiro dá, que huma talhada
Surprende o olfacto de qualquer pessoa;
Que a não ter do Ananás distincto aviso,
Fragrancia a cuidará do Paraiso.

XLIV.

As fragantes Pitombas delicadas
São, como gemmas d'ovos na figura;
As Pitangas com cores golpeadas
Dão refrigerio na febril secura:
As formosas Guaiabas nacaradas,
As Bananas famosas na doçura,
Fruta, q̃ em cachos pende, e cuida a gente
Que fora o figo da cruel Serpente.

O XLV.

XLV.

Distingue-se entre as mais na fórma, e gosto,
Pendente de alto ramo o côco duro;
Que em grande casca no exterior composto,
Enche o vaso interior de hum licor puro:
Licor, que á competencia sendo posto
Do antigo nectar, fora o nome escuro;
Dentro tem carne branca, como a amendoa,
Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

XLVI.

Não são menos que as outras saborosas
As várias frutas do Brazil campestres;
Com gala de ouro, e purpura vistosas,
Brilha a Mangaba, e os Mocujes silvestres:
Os Mamões, Muricis, e outras famosas,
De que os rudes Caboclos forão Mestres,
Que ensinárão os nomes, que se estilão,
Janipapo, e Cajú, vinhos distillão.

XLVII.

Nas preciosas arvores se conta
O cacáo, droga em Hespanha tão commua,
Pouco na altura mais que arbusto monta,
E rende novo fruto em cada Lua:
A Bainilha nos tipós desponta,
Que tem no chocolate a parte sua,
Nasce em bainhas, como páos de lacre,
De hum succo oleoso, grave o cheiro, e acre.

XLVIII.

Optimo anil da planta pequenina
Entre as hervas humildes se recolhe;
Tece-se a rede do algodão mais fina,
Que da cópia abundantissima se colhe;
Que se a abundancia á industria se combina,
Cessando a inercia, que o [illegible] tolhe,
Houvera no algodão, [illegible]
Roupa, com que vestir-se toda a Europa.

XLIX.

O urucú, [illegible]
Com [illegible]
De que [illegible] a diligencia ardente,
Que [illegible] escarlata produz [illegible]:
De [illegible]
Rende a [illegible]
O páo Brasil, [illegible] o Norte
Costuma [illegible]

L.

Ha de balsamos [illegible]
Que [illegible]
Folhas [illegible],
E cheiro grato [illegible]:
Se nelles [illegible]
E uso vario [illegible]
Lavrão [illegible] mil [illegible],
Contas de cheiro, e caixas preciosas.

LI.

A Copaiba em curas applaudida,
Que a Médica Sciencia estima tanto,
A Bicuiba no oleo conhecida,
A Almecega, que se usa no quebranto,
A preciosa madeira appetecida,
Que o nome nos merece de Páo santo,
O Salsafraz cheiroso, de que as Praças
Se vêm cobertas com formosas taças.

LII.

Quaes ricas vegetaveis amethystas
As agoas do Violete em varia casta,
O aureo Pequiá com claras vistas,
Que n'outros lenhos por matiz se engasta:
O vinhatico páo, que quando avistas
Massa de ouro parece extensa, e vasta;
O duro páo, que ao ferro competíra,
O Angelim, o Tatajipeva, e a Supopira:

LIII.

Troncos varios em côr, e qualidade,
Que inteiriços nos fazem as canoas,
Dando a grossura tal capacidade,
Que andão remos quarenta, e cem pessoas:
E ha por todo o Brasil em quantidade
Madeiras para fabricas tão boas,
Que trazendo-as ao mar por vastos rios,
Póde encher toda a Europa de navios.

LIV.

LIV.

Nutre a vaſta Região raros viventes
  Em número ſem conto, e em natureza
  Dos noſſos animaes tão differentes,
  Que enchem a viſta da maior ſurpreza:
Os que tem mais communs as noſſas gentes,
  Ignora eſta porção da redondeza;
  O boi, cavallo, a ovelha, a cabra, e o cão;
  Mas levados alli ſem conto ſão.

LV.

Todo o animal he fero alli; levado
  Donde tinha o ſeu paſto competente;
  Nem era lugar proprio ao noſſo gado,
  Que fera o bruto manſo, e fera a gente;
Como entre nós he o Tigre arrebatado,
  Cruel a Onça, o Javali fremente,
  Feras as Antas ſão Americanas,
  E proprias do Brazil as Suraranas.

LVI.

Vem-ſe Cobras terriveis, e monſtruoſas,
  Que affugentão co'a viſta a gente fraca;
  As Giboias, que cingem volumoſas
  Na cauda hum touro, quando o dente o ataca:
Voa entre outras com forças horroroſas,
  Batendo a aguda cauda a Jararaca,
  Com veneno, a quem fere tão preſente,
  Que logo em convulsão morrer ſe ſente.

LXIII.

Negou ás aves do ar a Natureza,
Na maior parte a Musica harmonía;
Mas compensa-se a vista na belleza
Do que póde faltar na melodia:
A penna do Tocano mais se preza,
Que feita de ouro fino se diria,
Os Guarazes pelo ostro táo luzidos,
Que parecem de purpura vestidos.

LXIV.

Váo pelo ar loquázes papagaios,
Como nuvens voando em cópia ingente,
Iguaes na formosura aos verdes Maios,
Proferindo palavras, como a gente:
Os Periquitos com iguaes ensaios,
O Canindé, qual Iris reluzente;
Mas fallão menos da pronúncia avaras,
Gritando as formosissimas Araras.

LXV.

Como melros são negros os bicudos,
Mais déstros, e agradaveis no seu canto,
Na terra os Sabiás sempre são mudos;
Mas junto d'agoa tem a voz, que he encanto:
Os Coleirinhos no entoar agudos;
As Pararibas, que o saudoso pranto
Imitáo, requebrando com sons varios,
Os Colibres, e harmonicos Canarios.

LXVI.

Das especies maritimas de preço
  Temos perolas neeas preciosas,
  Nem melhores aljofares conheço,
  Que os das ostras Brazilicas famosas:
Ambar Griz do melhor, mais denso, e espesso,
  Nas costas do Ceará se vê espaçosas,
  Madres-perolas, conchas delicadas,
  Humas parecem de ouro, outras prateadas.

LXVII.

Piscoso o mar de peixes mais mimosos,
  Entre nós conhecidos rico abunda,
  Linguados, Saveis, Meros preciosos,
  A Agulha, de que o mar todo se inunda:
Robalos, Salmonetes deliciosos,
  O Xerne, o Voador, que n'agoa affunda,
  Pescadas, Gallo, Arraias, e Tainhas,
  Carapáos, Encharrocos, e Sardinhas.

LXVIII.

Outros peixes, que proprios são do clima,
  Berupirás, Vermelhos, e o Garopa,
  Pampanos, Corimás, que o vulgo estima,
  Os Dourados, que préza a nossa Europa:
Carepebas, Parus, nem desestima
  A grande cópia, que nos mares topa,
  A multidão vulgar do Chareo vasto,
  Que ás pobres gentes subministra o pasto.

LXIX.

LXIX.

De Junho a Outubro para o mar se alarga,
Qual gigante maritimo a Baléa,
Que palmos vinte seis conta de larga,
Setenta de comprido, horrenda, e feia:
Opprime as agoas com a horrivel carga,
E de oleosa gordura em toda cheia,
Convida o pescador, que ao mar se deite,
Por fazer, derretendo-a, util azeite.

LXX.

Tem por espinhas ossos desmareados,
O ferro as duras pélles representão,
Donde pendem mil busios apegados,
Que de quanto lhe chupão se sustentão:
Não parecem da fronte separados
Os vastos córpos, que na arêa assentão,
Entre os olhos medonhos se ergue a tromba,
Que ondas vomita, como aquatil bomba.

LXXI.

Na bóca horrivel, como vasta gruta,
Doze palmos comprida a lingua pende;
Sem dentes; mas da boca immensa, e bruta
Barbatanas quarenta ao longo estende:
Com ellas para o estomago transmuta,
Quanto por alimento n'agoa prende;
O peixe, ou talvez cardume, e do elemento
A fez immunda, que lhe dá sustento.

LXXII.

LXXII.

Duas azas nos hombros tem por braços,
  Que aos lados vinte palmos ſe diffundem,
  Com aza, e cauda os liquidos eſpaços
  Batendo remão, quando o mar confundem:
E excitando no pélago fracaços,
  Chorros d'agoa nas náos de longe infundem;
  E andando o monſtro ſobre o mar boiante,
  Crê que he Ilha o inexperto navegante.

LXXIII.

Brilha o materno amor no monſtro horrendo,
  Que, vendo prevenida a gente armada,
  Matar ſe deixa n'agoa combatendo,
  Por dar fuga, morrendo, á prole amada:
Onde no filho o arpáo caçáo mettendo,
  Com que attrahindo a mãi dentro á Enleada,
  Deſde a longa canoa ſe alancêa,
  Ao lado de ſeus filhos a balêa.

LXXIV.

Sobre a coſta o mariſco appetecido
  No arrecife ſe colhe, e nas ribeiras
  As Lagoſtas, e o Polvo retorcido,
  Os Lagoſtins, Santólas, Sapateiras:
Oſtras famoſas, Camaráo creſcido,
  Caranguejos tambem de mil maneiras,
  Por entre os Mangues, donde o tino perde
  A humana viſta em labyrintho verde.

Tro-

(1) *Trofêo.* Allude-se á Imagem de Catharina Alvres, pintada sobre a casa da polvora na Bahia.

(2) *Bolandeiras*, e *Tapitis*, Instrumentos, com que se fabrica a farinha de Mandioca, Puba (ou fubá) he a flor da mesma farinha.

CAN-

CANTO VIII.

I.

Tres vezes tinha o Sol no gyro obliquo
A carreira dos Tropicos voltado,
E tres de Europa pelo clima aprico
Tinha as plantas o Abril ressuscitado:
Depois que do Brazil se tinha rico,
A' França o nobre Diogo transportado,
Buscando nas viagens meio, e lume,
Com que reforme o barbaro costume.

II.

Mas da misera gente na lembrança,
Que lhe excita da Esposa a cara imagem,
Meditava deixar a amiga França,
Repetindo a Brazilica viagem:
Na generosa empreza não descança
De instruir a rudeza do salvagem,
E cuida com razão que he humanidade,
Amansar-lhe a cruel barbaridade.

III.

III.

Em quanto náo, e embarque negocea,
 Do amigo Du-Plessis solicitado,
 Foi-lhe do Rei Francez proposta a idéa,
 De erguer as Lizes no paiz buscado:
Terás (lhe disse, e he facil que se crea,
 Que lho dizia de seu Rei mandado,)
 Terás da França auxilio, e Tropa immensa,
 E maior que o serviço a recompensa.

IV.

Que se o empenho lhe occupa generoso
 De amansar do Gentio a mente impia,
 Trazendo a França hum povo numeroso,
 Melhor se amansaria na companhia:
Que engano fora á Europa pernicioso,
 Quando Colonias derramando envia,
 Extinguir sem remedio a infeliz gente,
 E despovoar-se com a Tropa ausente.

VI

Desta arte Roma no Imperio seu fazia,
 Que as Colonias pelo Orbe derramando,
 Do paiz conquistado outras trazia,
 Com que hia a falta propria reparando:
N'hum seculo, que o barbaro vivia,
 Na grã Roma Romano hia ficando;
 E neste arbitrio de pensar profundo,
 Foi Mundo Roma, e foi Romano o Mundo.

VI.

VI.

Este meio por tanto eu te suggiro, (1)
Que se a tua prudencia hoje executa,
Verás em pouco tempo, como aspiro,
Franceza pelo trato a gente bruta:
Vive sempre brutal no seu retiro;
Quem ninguém communica, e nada escuta,
Nem o Salvagem tirarás da toca,
Se outro paiz não trata, e o seu não troca.

VII.

E em tanto que o terreno nosso habita,
Transmigrada a infeliz Gentilidade,
A gente, que perdemos infinita,
Supprirá com commua utilidade:
Assim a Agricultura mais se excita,
Cresce a plebe no campo, e na Cidade,
E a turba inutil, que corrompe a terra,
Ou se deixa emendada, ou se desterra.

VIII.

Disse o Francez prudente, e o nobre Diogo
Leal á amada Patria respondendo,
Sabio projecto he (replicou logo)
Sobre a população; nada o contendo:
Mas não posso convir no exposto rógo,
Sendo fiel ao Rei, Portuguez sendo,
Quando o luso Monarca julgo certo
Senhor de quanto deixa descuberto.

IX.

IX.

Vivendo ex lege hum povo na Anarquia,
Tem direito o vizinho a sujeitallo,
Que a Natureza mesma inspiraria,
Ao que fosse mais proximo a amansallo:
Deixo que o Ceo parece que o queria, (1)
Dando a Cabral o instinto de buscallo,
E o ser em caso tal commum conceito,
Que quem primeiro o occupa, tem direito.

X.

E sem que offenda a França a minha escusa,
He bem que esta conquista a Lisia faça;
Mas em quanto a Bahia o não recusa,
Ser-vos-ha no commercio a melhor praça:
Cópia de drogas achareis profusa,
E o lenho precioso alli de graça;
E durando eu na Patria obediencia,
Serei Francez na obrigação, e agencia.

XI.

Admirou Du-Plessis no peito nobre
O generoso ardor, e o patrio zelo,
Que a illustre condição no obrar descobre,
Novo motivo para mais querello:
Sem mais receio que o contrario elle obre,
Na nova expedição quer socio tello;
Mas antes de embarcar-se o heróe prudente,
Avisa o Luso Rei da empreza ingente.

XII.

XII.

Já pelo salso Oceano navega
A França não, e o Cabo se divisa,
Donde a Europa no Occaso ao termo chega,
Tido do antigo nauta por balisa:
A terra alli se vê, que o Minho rega,
Correndo a costa da feliz Galisa;
E o rumo então seguindo do Occidente,
Ao meio dia se navega ardente.

XIII.

Não longe do Equador o mar corsava,
Quando Paraguaçú, já Catharina,
Como era seu costume, attenta orava,
Implorando o favor da Mão Divina:
E eis-que á vista da turba, que a observava,
Em quanto adora a Magestade Trina,
Em sonno fica suspendida, e absorta,
E algum cuida que dorme, outro q̃ he morta.

XIV.

Brilha no aspecto hum ar do affecto interno;
Mas em funda abstracção com doce calma,
Bem se lhe vê pelo semblante externo,
Que occupa em grande objecto a feliz alma.
Vê-se nella arraiar do lume eterno,
Que no Céo goza, quem já logra a palma,
Admiravel vislumbre, que suspende,
E infunde hũ pio affecto em quem o attende.

XV.

Assim por longas horas abstrahida
Deixava o caro esposo na anxiedade,
Se era somno, em que estava suspendida,
Se era effeito de cruel enfermidade:
Ora suspeita que perigue a vida,
Ora na Celestial tranquillidade
Crê que do claro Empyreo habitadora,
Immortal sobre o Ceo reinando mora.

XVI.

Até que a si tornada docemente,
Corre a turba co'a vista em grato gyro;
E como quem esta aura ingrata sente,
Rompe os longos silencios n'hum suspiro:
Oh doce, (disse) oh Patria permanente!
Que escuro este ar parece, que respiro!
Feliz quem contemplando o Ceo formoso;
Vive no seio do celeste esposo!

XVII.

Pasmado Diogo, e a multidão, que a ouvia,
Calão todos no assombro de admirados,
Nem já duvidão que visão seria,
Em que ouvira os mysterios revelados:
Quando occultos segredos Deos confia,
Não devem ser (diz Diogo) propalados;
Mas se em parte, como este, he manifesto,
Temerario não sou, se inquiro o resto.

XVIII.

XVIII.

Narra-nos, feliz alma, a viſão bella;
Quem ſabe ſe por ti nos manda aviſo
A Providencia, que ao governo vela
Do mortal nos ſeus fins ſempre indeciſo:
Não nos cales em tanto o que revela
Por noſſo lume, o excelſo Paraiſo,
E a noſſos rogos com memoria prompta,
Dizendo quanto viſte, tudo conta.

XIX.

Calárão todos com ouvido attento,
Pendendo da expreſsão de Catharina;
E tomando na poppa em roda aſſento,
Dão-lho ſobre hũ canhão, q ao bordo inclina:
Mandais-me (a Dama diſſe) que o portento
Haja de expor-vos da impreſsão divina:
Quem poderá contar couſa tão alta,
Quando o lume ceſſou, a ſciencia falta?

XX.

Nem inculco em meu ſonho hum facto inſtinto,
Que ſonho fingir póde a fantaſia;
Porque a imagem talvez que n'alma pinto,
Por força natural ſe fingiria:
Póde ſer, ſe preſága a Idea ſinto,
Que ſem extraordinaria profecia,
Antevêja o ſucceſſo, o tempo, e o prazo,
E depois não ſucceda; ou ſeja acaſo.

XXI.

Vi, não sei se era impulso imaginario,
Hum globo de diamante claro, e immenso;
E nos seus fundos figurar-se vario
Hum Paiz opulento, rico, e extenso:
E applicando o cuidado necessario,
Em nada do meu proprio o differenço;
Era o aureo Brazil tão vasto, e fundo,
Que parecia no diamante hum Mundo.

XXII.

Fixo os olhos attenta no estupendo
Milagroso espectaculo, que via,
E em tres legoas de boca vi correndo
Por doze de diametro a Bahia.
Seis rios pelo golfo discorrendo,
Engenhos, povoações, que descubria,
Erão como ornamentos da Cidade,
De que se ergue no plano a Magestade.

XXIII.

Parecia em seis bairros dividida,
Com duas Praças de extensão formosa;
Fortaleza alli vi na barra erguida,
Outra a parte de terra magestosa:
A enseada por oito defendida,
E outra em Taparica poderosa;
Duas casas de polvora, e na entrada
Vi-me a mim de huma dellas retratada.

XXIV.

XXIV.

Dentro a hum Templo magnifico se via
De seus Prelados turma numerosa;
De que hum as mãos dos barbaros morria,
Outro a espada cingia valerosa:
Muitos de alta virtude os matos via,
Com caridade discorrer zelosa,
Sem poupar tẽpo, estudo, ou vida, ou gasto,
Por propagar a Fé no Sertão vasto.

XXV.

No grão palacio em tintas retratados
Os que o governo do Brazil tiverão,
Os Sousas na Bahia decantados,
Os nobres Costas, que depois vierão:
Mas entre outros na guerra celebrados,
Por troféos, que vencendo merecêrão,
Mendo de Sá de gloriosa fama,
Que Pai da Patria no Brazil se acclama.

XXVI.

Deste era prole o intrepido Fernando,
Que alli vi fulminando a forte espada;
E contra a feroz gente peleijando,
Deixou a morte com valor vingada:
Mas da Bahia os olhos levantando,
Vi discorrer no mar potente Armada,
Que as Ilhas occupando, e a vasta terra,
Movia no Brazil funesta guerra.

XXVII.

XXVII.

Parecia-me a frota bellicosa
  Franceza gente, que o Brazil tentava,
  Pedro Lopes de Sousa em furiosa
  Naval baralha o mar lhe contestava:
N'outra acção com Esquadra numerosa
  Luiz de Mello e Silva peleijava;
  Christovão Jaques, que este mar corria,
  Dous navios lhe affunda na Bahia.

XXVIII.

Era de França sim á adversa gente;
  Mas por culto inimigo ao Rei contraria;
  E ao rito Calvinistico adherente,
  Enviava ao Brazil Tropa adversaria:
E protegida da facção potente
  Com as forças, e Armada necessaria,
  Querião para a infanda ceremonia
  Fabricar a Calvino huma Colonia.

XXIX.

Cavalheiro de Malta, e Franco nobre
  Era Villagalhon, de forte peito,
  Soldado antigo, que o valor descobre,
  E entre os Hugnotes do maior respeito:
De mil promessas o Partido cobre,
  Havendo-o a empreza do Brazil eleito;
  E abonada de hum Chefe de esperança,
  Dá-lhe a mão a Heresia em toda a França.

XXX.

XXX.

Eſte vi navegando a Cabo-Frio,
Seguido de outras náos na forte empreza;
E que tratando affavel co' Gentio,
Explorava do ſitio a natureza:
Moſtrava aos naturaes animo pio;
E arguindo-lho a gente Portuguêza,
Induz a Nação bruta a que lhe aſſiſta
Na empreza do commercio, e da conquiſta.

XXXI.

Voltou a França o Cabo diligente,
Tendo de ricas drogas carregado;
E convocando ás náos armada gente,
Torna de turba ingente acompanhado:
Nem tarda do Sertão cópia potente
De hum povo, que nas armas alliado,
Por amigo eſtimava mais ſincero,
Menos inculto ſim, porém mais fero.

XXXII.

Alli Villagalhon, que o troço aloja,
A's gentes do Sertão ſe confedera;
E toda a coſta a dominar ſe arroja,
De donde os noſſos expulſar já eſpera:
Do ſeu commercio o Portuguez deſpoja,
Na fertil Paraíba, em que antes era;
Nem ha na coſta do Brazil enſeada,
Que o Hugonote não tenha bloqueada.

XXXIII.

XXXIII.

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
Tres náos, que em guerra cuidadoso armára,
Com oito de commercio tem comsigo,
Além das que em soccorro convocára:
E por ter força igual ás do inimigo,
Sobre longas canoas, que ajuntára,
Guia contra os Tamoios prepotentes
Do bravo Carijó turmas valentes.

XXXIV.

Nbigbe-teroi se chama a vasta enseada,
Que estreita boca, como barra encerra,
Fechando em vasto porto á grande Armada
Hum lago, que em redondo cinge a terra:
Vê-se Ilha penhascosa sobre a entrada,
Com fortaleza, que disposta em guerra,
Por boca dos canhões rumor fazendo,
Fechava a barra ao valeroso Mendo.

XXXV.

Era a Ilha de róchas guarnecida,
Que em torno tem por natural muralha,
Donde a força das balas rebatida,
Faz inutil dos Lusos a batalha:
Tres dias foi dos nossos combatida,
Sem que o fogo incessante aos nossos valha,
Até que fatigado o invicto Mendo,
Invade á escala vista o forte horrendo.

XXXVI.

XXXVI.

Entre frechas, e balas destemido
Na penha o Portuguez trepando salta;
E deixando o Francez esmorecido,
Degolla, mata, fere, invade, e assalta:
Nem do antigo valor cede esquecido
O Francez animoso, até que falta
De sangue a brava gente na contenda,
Faz a perda, e cansaço que a Ilha renda.

XXXVII.

Nem mais demora teve o invicto Mendo
Ao ver a gente adversa dissipada,
E a excelsa fortaleza desfazendo,
A costa visitou na forte Armada:
E tudo ao nome seu sujeito havendo,
A' Bahia tornou, que illuminada
Entre o som do clarim, e alegre trompa,
Em triunfo a Mendo recebeo com pompa.

XXXVIII.

Mas a facção do Hugnote enfurecida
Villagalhon potente ao Brazil manda,
Que a Ilha recobrando já perdida,
Guerra intenta fazer por toda a banda:
Vê-se a nossa Marinha combatida,
E a forte Esquadra, q̃ o Francez commanda,
Dominante no Oceano por modo,
Que impedia o commercio ao Brazil todo.

XXXIX.

XXXIX.

Mais não tolera a Lusa Monarquia,
 Que ao Rei Christianissimo adherente,
 Contra a rebelde heretica porfia,
 Armada põe na America potente:
Chefe Estacio de Sà prudente envia,
 De válidos galeões com forte gente,
 Que o Herege expulsando da enseada,
 Deixe nova Cidade alli fundada.

XL.

Obsequioso abraçava o claro Mendo
 O valeroso Chefe seu conjunto,
 As forças da Bahia unido tendo
 As que trouxera sobre o mesmo assumpto:
Contra os esforços do Tamoio horrendo
 Accommette o rebelde em liga junto,
 Incorporando á Armada Lusitana
 Vasto esquadrão da turba Americana.

XLI.

Chama-se Pão de assucar o penedo,
 Em pyramide ás nuvens levantado,
 Onde de hum salto tinha já sem medo
 A turba militar desembarcado:
Nadava pelo mar vasto arvoredo
 Do Gentio em canoas habitado;
 E do ardente Francez luzida Tropa,
 Que habil n'arte de guerra fez a Europa.

XLII.

XLII.

Destes o Luso campo accòmmettido
De dardos, fréchas, balas se embaraça,
Em sombra o seio todo escurecido,
As nàos occultão nuvens de fumaça:
E ao echo dos canhões entre o ruido,
Tudo está cego, e surdo em campo, e praça;
E no horrivel relampago das peças
Cahem por terra os bustos sem cabeças.

XLIII.

Voão as nàos de chammas occupadas,
Enchendo a enseada do infernal estrondo;
As canoas dos nóssos abordadas,
E os galeões, que em linha se vão pondo:
Os golpes, que retinem das espadas,
O golfo, que arde em chammas em redondo,
Erão na terra, e mar em sangue tinto
Hum abysmo, hũ inferno, hum labyrintho.

XLIV.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
Dura a batalha com commum perigo,
Cessando o impulso do contrario fogo,
Todo o estrago apparece do inimigo:
Tinha cedido da contenda logo
Recejoso o Tamoio do castigo;
E os Francézes, que as nàos mal sustentavão,
Entre as penhas o asylo procuravão.

XLV.

XLV.

Não cessa o bravo Sá contra o Gentio,
E a forte tropa pelo mato avança;
Porque abatendo o orgulho, e insano brio,
Se apartasse o Sertão da infame alliança:
Nem receia o Tamoio o desafio,
Tendo no seu valor tanta confiança,
Que fugindo da aldea ao mato, e gruta,
A liberdade ao Portuguez disputa.

XLVI.

Era aspero o combate, e lenta a guerra,
E sem effeito o assedio ao Francez posto;
E o barbaro, embrenhado dentro a terra,
Tinha emboscada ao Portuguez disposto:
Mendo, que n'alma o grão cuidado encerra,
Tendo de Estacio soccorrer proposto,
Faz levas, busca náos, e a gente incita,
E em auxilio dos seus partir medita.

XLVII.

Já dobra o frio Cabo a esquadra ingente,
E á vista do penhasco lança a amarra,
Pasma o rebelde, vendo a Armada á frente
Occupar numerosa a estreita barra:
Une-se a frota alli da Lusa gente,
E os mutuos casos vanglorioso narra,
Irmão a irmão, e o filho ao Pai, festivo
Por ter chegado são, e achallo vivo.

XLVIII.

XLVIII.

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo;
E por festiva salva estrepitosa,
Faz que vomite o bronze o fogo horrendo,
Contra a Ilha, que avistão penhascosa:
E largamente consultado havendo
Os dous Chefes da empreza gloriosa,
Contra o penedo tentão no mais alto,
A peito descuberto, hum fero assalto.

XLIX.

Vem-se entre as penhas formidaveis bocas
De canhões, e mosquetes trovejando;
E nas quebradas espantosas rocas
Do barbaro Tamoio o immenso bando:
Muitos alli das asperas barrocas
Vão os nossos fuzís precipitando,
Outros da rota penha em meio ás gretas
Cubrião contra nós todo o ar de settas.

L.

Não cessava o rebelde bellicoso
Com vivo fogo o assalto rebatendo,
Em quanto sobe o Luso valeroso,
Trepando em furia no penedo horrendo:
Quem no meio do impulso impetuoso
Cahe na ruina o proximo involvendo,
Quem ferido da frécha, ou veloz bala,
Do mais alto da penha ao mar resvala.

LI.

Todo o penhasco em fogo se fundia,
Em quanto o mar em roda em chammas ferve,
Entre o fracasso, e fumo que sahia,
De nada o ouvido vale, e a vista serve:
A terra toda em roda estremecia;
E sem que a agua do incendio se preserve,
Parecia fervendo o fogo insano,
Escondendo a cabeça o Padre-Oceano.

LII.

Qual do Vesuvio a boca pavorosa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuosa
Parte do vasto monte involta em chamma:
A cinza cobre o Ceo caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal espantado, e tremebundo,
Crê q̃ o Ceo caia, e que se funda o Mundo.

LIII.

Tal de Villagalhão da penha dura,
Do horrifico trovão freme a tormenta;
E a chamma entre a fumaça horrenda, e escura
Do infernal lago as furnas representa:
Porém do proprio fumo na espessura
A pontaria, que o rebelde intenta,
Evita o Portuguez, que ataca incerto
A escura vista, e a peito descuberto.

LIV.

LIV.

E já no grão penedo tremolavão
As Lusas Quinas pelo forte Estacio,
E as Lises do penhasco se arrancavão,
Donde a Villagalhon se ergue hum palacio:
Pela roca os Tamoios se arrojavão,
E o valor Luso dando inveja ao Lacio,
A guarnição Franceza investe á espada,
E obriga em duro choque á retirada.

LV.

O valente Francez, que a bellica arte
Já com valor na Europa professára,
O peito á fuga oppõe por toda a parte,
E faz que volte o fugitivo a cara:
E vendo Estacio só junto ao Estandarte,
Que por Chefe dos Lusos se declara,
Cuida de hum golpe terminar a empreza
No General da gente Portugueza.

LVI.

Não desfalece o Capitão valente;
E de hum, e de outro lado accommettido,
Rebate as balas sobre o escudo ingente,
E arroja-se ao rebelde enfurecido:
Lebrun despoja do mosquete ardente,
Com que muitos de hum golpe tem ferido,
Outros do ingreme posto ao mar despenha,
E alguns expulsa da soberba penha.

LVII.

LVII.

E já fugia a tímida caterva,
Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
Donde a viseira descuberta observa,
Lhe aponta desde longe ardente bala.
Cahindo o heróe na espada, que conserva,
Adora humilde a Cruz, e perde a falla:
Banha-se em sangue o chão; e em tanta gloria
Regada a terra produzio victoria.

LVIII.

Porque em quanto em seguillo divertido,
Abandona o Francez a fortaleza,
Tinha parte do Exercito subido,
A dar fim com victoria á forte empreza:
Admira Mendo o braço esclarecido;
E bem que do sobrinho o valor preza,
No juvenil ardor notou magoado
O tomar Chefe as partes de soldado.

LIX.

A Patria (o nobre Sá diz lagrimando)
Victima irás da fé, da liberdade,
Vigor no sangue heróico á terra dando,
Donde se erga immortal nova Cidade:
O caso acerbo aos posteros contando
Tenhão seus Cidadãos da heroicidade
Clara lição no Fundador primeiro,
Gloria eterna do Rio de Janeiro.

LX.

LX.

Tal nome deo à enseada no recordo
  Do mez, que illustre foi por caso tanto,
  E à Cidade deixou com justo acordo
  A clara invocação de hum Martyr Santo:
E havendo as Tropas recolhido a bordo,
  Descançadas do bellico quebranto,
  Faz immortaes no tempo transitorio
  Os Correas, e Sás no novo emporio.

LXI.

Em tanto do Tamoio a gente bruta,
  Mais feroz sempre na Marcial contenda,
  Contra a nova Cidade em fera luta,
  Movia guerra pelo mar tremenda:
Mas Mendo para a barbara disputa
  Faz que hum Chefe Tapuia o mar defenda,
  Ararigboia aos seus nomea a fama,
  Martim Affonso por Christão se chama.

LXII.

Principe foi nas Tabas respeitado,
  Que ao nome Portuguez na guerra addicto,
  Tinha com Mendo os seus capitaneado,
  Sempre contra o Tamoio em campo invicto:
Quatro guerreiras náos tinha avançado
  O rebelde, depois do grão conflicto,
  E em oito lanchas Ararig buscando
  Do Cabo Frio a ponta hião dobrando.

LXIII.

Saltão da noite no silencio escuro
As belliçosas mangas guarnecidas,
De immensas chusmas do Tamoio duro,
Que obrar devião na campanha unidas:
E em quanto tem o campo por seguro,
Jazião pelas praias estendidas,
Para investir co' a luz, que já arraiava,
A aldea de Ararig, que os esperava.

LXIV.

Mas o bravo Tapuia bellicoso
Antevendo o descuido do inimigo,
Busca o manto da noite insidioso,
Para investillos no nocturno abrigo:
Convoca os seus guerreiros animosos;
E sem dizer-lhes mais do seu perigo,
Depois q̃ hum breve espaço os olhou mudo,
Disse cheio de ardor, batendo o escudo.

LXV.

Sú, valerosa, intrepida caterva;
Que esperamos no nosso alojamento?
Acaso até que o campo em chusma ferva,
E nos busque o Francez no proprio assento?
Sei por espia, que o seu campo observa,
Que dorme sobre as praias desattento;
Onde se o surprendermos de improviso,
Sentirão todo o damno antes do aviso.

LXVI.

Basta que em marcha procedais quieta,
E que invadindo a turba descuidada;
Não cuideis de empregar a bala, ou setta,
Mas que tudo leveis á pura espada:
E quando o vasto campo se accommetta,
Deixando-lhe ás canoas livre entrada,
Antes que o ferro vibre os seus revezes,
Desarmai, se puderdes, os Francezes.

LXVII.

Chamão corpo da guarda, onde o soldado
Costuma pôr as armas nas vigias;
Alli correi com impeto apressado,
Seguindo o passo sempre das espias:
Que nada o Francez póde desarmado,
E sem as chammas que derrama impias,
Ficará desde o impeto primeiro
Nas mãos da nossa Tropa prizioneiro.

LXVIII.

Disse o astuto Arawig, e a lento passo
Cada hum pela brenha vai disperso,
Devendo a dado tempo, e a certo espaço
Quatquer unir-se em batalhão diverso.
E achando em somno descuidado, e lasso,
Sem sentinellas ter, o campo adverso;
Hum a hum, pé ante pé, em marcha tarda,
Assaltão juntos a sopitta guarda.

LXIX.

Juntas as armas de improviso apanhão,
Matando as guardas meio adormecidas;
E depois que a armaria toda ganhão,
Quantos as vem buscar perdem as vidas:
O somno com as mortes acompanhão;
E outros vendo sem armas as partidas,
Porque a causa não sabem do tumulto,
Buscão as lanchas, por fugir do insulto.

LXX.

Ararigbola, como hum raio ardente,
Huns dormindo degolla pela arêa,
Outros sem armas, que rendidos sente,
Prizioneiros com cordas encadea:
A fiel Tropa pela praia ingente
Toda deixa a campanha de horror chea,
Cubrindo de cadaveres o plano,
Alagado co'a espada em sangue humano.

LXXI.

E já nos Ceos risonha apparecia
A Estrella d'alva as trevas apartando,
E com tremula luz o incerto dia
No extremo do Horizonte hia arraiando:
Quando o estrago da noite apparecia,
E prezo, ou morto o Franco demostrando,
Nem as lanchas se salvão, que a vasante
Em seco as poz na mão do triunfante.

LXXII.

LXXII.

Não cessava Martim contra a espantada
Multidão de Tamoios, que se embrenha;
E deixando-lhe a aldea derribada,
Não se lhe esconde algũ no mato, ou brenha:
Muitos no Averno lança com a espada,
Fugindo outros ao mar n'agoa despenha,
Nem fulminando a massa a algum perdoa,
Occulto na cabana, ou na canoa.

LXXIII.

Fez este marte do Brazil constante
A' Nação dos Tamoios tanta guerra,
Que elle só com a espada fulminante
Lhe extingue o nome, e despovoa a terra:
Mais não ousa o rebelde marfante,
Em quanto Araribola no campo erra,
Desembarcar na costa, sem que o bravo
O deixe cõbatendo, ou morto, ou escravo.

LXXIV.

Vi que do excelso throno vinha em tanto
Huma Augusta donzella adormecida,
De quem brilhava sobre o aspecto santo
A piedade, a abundancia, a sciencia, a vida:
Do seio derramava do aureo manto
A opulencia no mundo appetecida;
E logo que foi vista sobre a terra,
Submergio-se no Averno a infausta guerra.

LXXV.

Era a Divina paz, que o Ceo nos manda,
Premio de hum sceptro, que da fé zelante
Propaga o santo culto, onde commanda,
E as Leis defende da Justiça amante:
Sem os estragos de huma guerra infanda
Gozará o Brazil de paz constante,
Por setenta annos de hum governo justo,
Tendo tranquilla a terra, e o mar sem susto.

LXXVI.

Nem mais a espada, e bomba pavorosa
Se ouvirá na Marinha, e Sertão vasto,
A voz só do Evangelho poderosa,
Simples, sem artificio, industria, ou fasto:
A semifera gente viciosa
No jugo conterá de hum temor casto;
E ás mãos dos seus Apostolos se avista,
Com as armas da Cruz feita a conquista.

LXXVII.

Mas vi em tanto o Lusitano Imperio
Na Libya ardente em sangue submergido,
E o seu dominio no Indico hemisferio
Do Batavo nas agoas invadido:
E ou por descuido do governo Hesperio,
Ou de mil contra-tempos combatido,
Cedeo no vasto mar por toda a banda
O Imperio do Brazil á fria Hollanda.

LXXVIII.

LXXVIII.

Dezeſeis longos ſeculos contando,
Com annos vinte quatro a vulgar Era,
Vi a Batava eſquadra o mar ſulcando,
Onde Wilhekens General modera;
Petre Petrid os mares aſſombrando,
Por Almirante aos nauticos ſe dera,
Poder que á India navegar fingia,
E contra a expectação veio á Bahia.

LXXIX.

A fronte deſcubri da excelſa Praça,
As armas governando o bom Furtado,
Que antevendo os effeitos da deſgraça,
Tudo diſpunha com valor esforçado:
Convoca quanto encontra, e tudo abraça
Por oppôr-ſe ao perigo ameaçado;
Mas diſſipa-ſe a gente ſem batalha,
Por faltar não valor, mas vitualha.

LXXX.

Diſpunha aſſim o Batavo experiente,
Antevendo que a turba mal unida,
Sem cauta providencia que a ſuſtente,
Esfriando no ardor toma a fugida;
E vendo a multidão menos frequente,
E a plebe na tardança eſmorecida,
Quando menos o eſpera a chuſma fraca,
Occupando hum caſtello, o povo ataca.

LXXXI.

LXXXI.

Ruiter, e Dachs com legião potente
A porta invadem de S. Bento em furia;
Mas rebatidos de impreſsão valente
Ceſsáo, fugindo da intentada injúria:
Mas táo funeſto horror concebe à gente,
Que a guerra ignora com profunda incuria,
Que quando faz que Ruiter náo ſe arroje,
Deixa o terreno, e do vencido foge.

LXXXII.

Furtado de Mendoça, que náo vira
Já mais do medo vil a fronte eſcura,
Com ſetenta ſómente a face vira,
E ſem mais que o ſeu peito a praça mura:
O amor da Patria, que o furor lhe inſpira,
Faz que da vida, deſprezando a cura,
Se arroje o Luſo ao Batavo, que o inunda,
E hum fira, hũ deſpedace, outro confunda.

LXXXIII.

Mas vendo na manhã, que o Ceo deſcobre
A Cidade do povo abandonada,
Nem mais que o peito de Furtado nobre
Com poucos dos ſetenta na eſplanada:
Teme que n'hum ſó peito o valor ſobre,
E que deixando a empreza retardada,
Soccorro venha, donde bom partido
Ao bravo Chefe ſe offereceo rendido.

LXXXIV.

LXXXIV.

Não tarda a fama a divulgar voando
Da Capital Brazilica o ſucceſſo,
Em quanto o Belga, q̃ lhe occupa o mando,
Recolhe da victoria o immenſo preço:
Treme em Madrid o throno, receando
Que o Belgico Leão, com tanto exceſſo,
Proſtre o de Heſpanha, e como o vulgo narra,
No Mexico, e o Perú lhe imprima a garra.

LXXXV.

Cobre-ſe o mar de Eſquadras numeroſas,
Move-ſe a Luſa, e Hiſpana Fidalguia;
Vão-ſe embarcando legiões famoſas,
Todo em nautica chuſma o mar fervia:
Fadrique as náos Hiſpanas poderoſas,
Menezes as de Liſia prevenia;
Vendo-ſe terra, e mar no caſo incerto,
De petrechos, canhões, e armas cuberto.

LXXXVI.

Já pela barra entrava da Bahia,
Com ſeſſenta e ſeis náos ſoberba a Armada,
Doze mil homens de alta valentia
Occupavão ſobre ellas a enſeada:
De tanto nome em militar porfia,
Que a guarnição da Praça de aſſombrada,
Bem que finja valor neſta Conquiſta,
Antes que ao ferro ſe lhe abate á viſta.

LXXXVII.

LXXXVII.

Diſpõe-ſe em meia lua a Armada inteira,
Cerrando a fuga ao Belga esmorecido;
Occupa o forte exercito a ribeira
Em dous quarteis aos lados dividido:
Mas o Batavo quiz na acção primeira,
Tendo o campo a Fadrique accommettido,
Com ſortida deixou no ardor inſana
Suſpenſa a Luſa gente, e rota a Hiſpana.

LXXXVIII.

Cheio o Belga de orgulho na acção brava,
Porque mais prove pela Patria o zelo,
Contra a Eſquadra, que os muros varejava,
Em dous baixeis arroja hum mongibelo:
Crè que he fuga o Menezes, que obſervava,
E move toda a Eſquadra ſem prevello,
E parece que Deos o impulſo inſpira,
Com que do occulto incendio as nãos retira.

LXXXIX.

Hum gyro a Lua fez na azul esfera,
Em quanto os Belgas de valor já faltos,
Ceder diſpunhão na contenda fera
Ao furor inceſſante dos aſſaltos:
E quando mais ſoccorro não ſe eſpera,
Vendo que os mares ſe empolavão altos,
Cede o Batavo humilde ao Luſo Hiſpano
A Capital do Imperio Americano.

XC.

XC.

Fallando proseguia Catharina,
Tendo a assemblea no discurso attenta,
Quando com furia o bordo ao mar inclina
A náo, batida de horrida tormenta:
Tudo á manobra o Capitão destina;
E vendo que onda horrivel se apresenta;
Lança-se o marinheiro á véla em pressa,
Acode Diogo, e Catharina cessa.

(1) *Este meio.* Projecto admiravel de fazer uteis as Conquistas á população das Nações, que as fazem, pois he certo que com esta politica se formou, e cresceo a antiga Republica de Roma.

(2) Note-se que Colon não foi o descubridor do Brazil, mas Pedro Alvres Cabral; que ao mesmo Colon então habitante na Madeira deo os roteiros, com que descubrio á America Francisco Sanches, o qual fazem huns Andaluz, outros Biscainho: mas o Hespanhol Gomara Author coevo, e que militou entre os soldados de Colon, attesta que era Portuguez. Não he por tanto occasião de notar-se a expressão: *dando a Cabral o instincto, &c.*

(3) *Os Correas, e Sás.* Esta he a rama nobilissima dos Condes de Penaguião, que passando ao Brazil, deo os primeiros Conquistadores áquelle Estado: familia, que existe com a antiga gloria na Excellentissima Casa de Asseca, e nos dous dignissimos ramos da mesma os Excellentissimos Senhores Sebastião Correa de Sá, e João Correa de Albuquerque, Fidalgos, que o Brazil deve considerar por seus perpetuos Pais, e Protectores.

CAN-

CANTO IX.

I.

DEpois que o tempo torna bonançoso,
E a noite vem tranquilla em branda calma,
De ouvir o mais do sonho portentoso,
Se accende a todos o desejo n'alma:
E no empenho do Belga bellicoso,
Desejando escutar quem teve a palma,
Supplicão Catharina, que prosiga
Na narração do sonho, e tudo diga.

II.

Vi (prosegue a Matrona) em Marte duro
Confundir-se o Brazil, vagar potente
O Batavo feroz; e o Reino escuro
Encher Plutão da desditosa gente:
Vi descendo as Milicias do Ceo puro,
A' plebe inerme com o zelo ardente,
Infundir valor tal, que conte a historia
Por milagre do Ceo cada victoria.

III.

Petrid e Iolo raios da Marinha,
  Com Eſquadras do pélago Senhoras,
  Qualquer do lado ſeu queimado tinha,
  Com chammas o Brazil deſoladoras:
Petrid a frota que das Indias vinha
  Com procellas de fogo abrazadoras,
  E nas náos lavra de theſouros cheias,
  Ao infauſto Brazil novas cadeas.

IV.

Máquinas move o Belga ambicioſas,
  Supprindo os gaſtos com a immenſa prata;
  E armando em guerra Eſquadras numeroſas,
  Occupar Pernambuco ao Luſo trata:
Nem ás forças da Hollanda poderoſas
  Oppóem o Hiſpano com a nova ingrata,
  Tal ſoccorro, que a Praça na contenda
  Do grão poder dos Batavos defenda.

V.

Rege de Pernambuco a terra extenſa
  O intrepido Albuquerque, a tudo attento:
  Guarnece a Praça, os Eſquadrões condenſa,
  Diſpõe ao fogo o bellico inſtrumento:
Quando á maneira de floreſta denſa
  Se vio coberto o liquido elemento,
  Onde proas ſetenta o mar rompiáo,
  E o Wandemburgo General ſeguiáo.

VI.

VI.

Chamão *Páo amarello* hum ſitio ao lado
Da Cidade, que a frota accommettia,
Commodo ao deſembarque, e mal guardado
De Albuquerque, que as praias defendia:
Alli com quatro legiões formado,
A' bella Olinda o Batavo ſe envia,
Onde com turmas de inexperta gente
Se oppoz o Luſo Chefe ao Belga ardente.

VII.

Nem muito durà ao fogo deſuſado
O tímido eſquadrão da gente Luſa,
Que do inſolito horror preoccupado,
A fuga emprehende em multidão confuſa:
Hum ſobre outro ao fugir precipitado,
Render-ſe ao fero Belga não recuſa;
E a Cidade infeliz deixando aberta,
Qualquer ſe ſalva donde mais o acerta.

VIII.

Entra o Hollandez na Praça abandonada;
E quando de riqueza a cuidou chea,
Em triſte ſolidão deſamparada;
E acha ſem premio a cubiçoſa idéa,
Vingão nos templos a intenção malvada,
E o Altar profanão com infamia fea,
Tratando o pio Rito, e o ſanto culto
Com ſacrilego mento, e horrendo inſulto.

IX.

IX.

Mas não soffre da fuga o torpe medo
  O valente fortissimo Temudo;
  E tendo ao lado o intrepido Azevedo,
  A espada empunha, embaraçando o escudo:
Ao ver do saco no funesto enredo
  A fórma do Hollandez turbar-se em tudo,
  Une alguns, que odiando a vil fugida,
  Dão por preço da gloria a heroica vida.

X.

O', disse, honra immortal do nome Luso,
  Corações valerosos, que em tal sorte
  Fazeis da doce vida o melhor uso,
  Comprando a gloria com a invicta morte:
Vedes sem fórma o Batavo confuso,
  Da valerosa espada exposto ao córte:
  Corra-se ás armas, que se os não vencemos,
  Sem a Patria vingar não morreremos.

XI.

Disse; e empregando a fulminante espada,
  Huma Esquadra invadio que discorria,
  Com calices da Igreja profanada,
  Que com insulto em derisão mettia:
De huns a fronte no chão deixou truncada,
  De outros o peito com o ferro enfia,
  De alguns, que insano accommettendo freme,
  Talhado o braço sobre a terra treme.

XII.

XII.

Azevedo entre os mais, que no chão lança,
Tendo das balas empregado o impulso;
Com fero golpe de alabarda alcança,
De Ruiter, q̃ o accommette, o horrivel pulso:
Despoja-o da arma, e furioso avança,
Deixando-o em terra com tremor convulso,
Cornelisten derriba, e o ferro emprega
Em Blá, que todo o chão com sangue rega.

XIII.

Com furia igual, e impulso defendido
Invade contra o Batavo a caterva,
E bem que a legião em corpo unido
Em roda ao Luso disparando ferva;
Resiste o Portuguez nunca rendido,
Em quanto a vida com vigor conserva;
Até que sobre os Belgas derribados,
Cahírão mortos sim, porém vingados.

XIV.

Tem por nome Arrecife hum forte posto,
Que hum Isthmo separou do Continente,
Donde o Castello de S. Jorge opposto,
Defende o passo ao transito imminente:
Alli fazia aos inimigos rosto
O bravo Lima, que do Belga ardente,
Sem mais que trinta invictos defensores,
Trezentos sacrifica aos seus furores.

XV.

Pasma de assombro Wandemburgo insano,
Nem póde crer, se o não convence a vista,
Que com força tão pouca o Lusitano
De dous mil Belgas ao furor resista:
Sahe com todo o poder, e occupa o plano;
E em fórma regular tenta a conquista,
E nem assim o Lima ao fogo cede,
Em quanto auxilio ao General não pede.

XVI.

Recobrava-se em tanto valerosa
Do primeiro terror a Lusa gente,
Que inexperta da pugna bellicosa,
Cedêra no improviso do accidente:
E acompanhando em Tropa numerosa
Do intrepido Albuquerque o ardor valente,
O Belga usurpador pelas ribeiras
Cercárão com reductos, e trincheiras.

XVII.

Plantão depois hum forte acampamento,
Donde se insulte o Batavo inimigo,
Nem deixavão que hum só pudesse isento
Sahir sem damno ao campo, ou sem perigo:
Cortão-lhe o passo, e impedem-lhe o sustento,
Nem lhe concedem no terreno abrigo;
E occupando-lhe o gyro dilatado,
O Belga cercador deixão cercado.

XVIII.

XVIII.

Dous mil dos seus guerreiros escolhidos
Contra Albuquerque Wandemburg avança;
Mas achavão os Lusos prevenidos
Do seu valor na nobre confiança:
Cahião das trincheiras rebatidos
Do fogo os Belgas, ou da espada, e lança;
E sem que combatendo a mais se arrojem,
Em desordem do campo à praça fogem.

XIX.

Com quatro Companhias n'huma Armada
Soccorro de Lisboa recebendo,
Foi outra vez a Tropa reforçada
Com gente, e munições n'outra de Oqueн(do:
Mil mosqueteiros, Tropa exercitada,
No duro jogo de Mavorte horrendo,
S. Felice conduz Mestre de guerra; (1)
Mas menos apto na que usava a terra.

XX.

Com soccorro maior de Hollanda armado
Contra Itamaracá corre o inimigo;
Duas vezes porém foi rechaçado
Com perda o Belga para o noto abrigo:
A' Paraiba, e Rio Grande enviado
Mudáva de lugar, não de perigo;
E já menos bisonha a Lusa Tropa,
Põe em fuga o Hollandez, se em campo o to(pa.

XXI.

A Wandemburgo no Hollandez Imperio
Succedêra Rimbach em guerras noto,
Que estimando dos Belgas vituperio,
Ser cada dia pelos nossos roto:
Em quanto celebrava attento, e sério
A Pascoa o campo em Procissão devoto,
Com todo o poder Batavo accommette;
E o campo em confusão batendo, mette.

XXII.

Não se interrompe a ceremonia augusta,
Orando o Clero com o sexo pio,
Sahe o Orthodoxo contra a turma injusta,
Tomando por sagrado o desafio:
E fundando no Ceo confiança justa,
Peleijão com tál fé, com tanto brio,
Que matando Rimbách em feio estrago,
Derão aos Belgas da blasfemia o pago.

XXIII.

Más o Ceo, que o flagello destinava,
Poder tão grande aos Batavos concede,
Que nada a Vandescop, que os moderava,
Depois desta campanha o curso impede:
Fica Itamaracá de Hollanda escrava,
Desfaz-se o campo, a Paraiba cede,
Perde-se o Rio Grande, e n'outra empreza,
Rende o Luso o Pontal, e a Fortaleza.

XXIV.

XXIV.

Salva-ſe o reſto da facção perdida,
Nas Alagôas, ſitio defenſavel,
Onde do fero Belga perſeguida,
Aſylo buſca a turba miſeravel:
Mas foi da Heſpanha em breve ſoccorrida
Com brava Tropa em frota reſpeitavel,
Roxas de Borja a Pernambuco enviado;
De Albuquerque o baſtão tomou deixado.

XXV.

Roxas prompto no obrar, poſto em batalha
De Vandeſcop as Tropas inveſtia;
Mas o Belga Arquichofe a marcha atalha
Com ſoccorro que valido trazia:
Com tenebroſa ſombra os lutos talha
A noite, que começa, á morte impia,
Diſpondo Roxas em defenſa armado,
Eſperar o ſoccorro convocado.

XXVI.

Mas logo que a manhã moſtrou formoſa
Da batalha inimiga a fórma unida,
Mais não ſocega a chamma generoſa,
E inveſte ardente a Batava partida:
Cobre os Ceos a fumaça tenebroſa, (vida,
Perde o Hiſpano, e Hollandez na empreza a
E nem eſte, nem o outro alli vencêra,
Se o temerario Roxas não morrêra.

XXVII.

S. Felice na guerra Mestre astuto,
Succede no governo ao bravo Hispano,
E Brazilico Fabio em tanto luto
Salvou na retirada o Lusitano:
Foi das palmas Batavicas produto
Governar o Paiz Pernambucano
O Conde de Nassau, que o Belga envia,
General das Conquistas que emprendia.

XXVIII.

Era Nassau nas armas celebrado,
Com que illustrava o excelso nascimento,
Principe então no Imperio respeitado,
Nutrindo igual ao sangue o pensamento:
Entrou de forte Armada acompanhado,
E no Arrecife situando o assento,
Levantou fortes, e em paizes bellos
Guarneceo as Colonias com Castellos.

XXIX.

Mas aspirando a empreza memoravel,
Todo o exercito, e Armada prevenia,
E achando Pernambuco defensavel,
Invadio no reconcavo a Bahia:
S. Felice com resto miseravel
Alli novo soccorro ao Rei pedia,
Quando ao bravo Nassau dispunha a sorte
Hum Chefe nelle oppor prudente, e forte.

XXX.

XXX.

Tudo dispunha o Conde em fórma, e arte
De rebater do Batavo a interpreza,
Dispõe pela Cidade em toda a parte
Os meios, e instrumentos da defeza:
Faz grossas levas, e esquadrões reparte,
E tudo preparando á forte empreza;
Nada esqueceo de quanto na Milicia
Inventa a militar sábia pericia.

XXXI.

Entrava em tanto pela vasta enseada
Nassau, que as praias enche da Bahía,
Com a terrível magestosa Armada,
Que com quarenta naos linha fazia:
E ao som da trompa Marcial tocada
Em gratos écos de horrida harmonia,
Enche a horrenda procella em taes ensaios
A enseada de trovões, e o Ceo de raios.

XXXII.

Em tanto o claro Silva que occupava
Do supremo governo o excelso mando,
A S. Felice o posto renunciava,
Ficando por soldado ao seu commando:
Heróica acção, que pela Patria obrava,
Maior pericia em outrem confessando,
E merecendo nella em tanta empreza
Da Corte acclamações, do Rei grandeza. (2)

XXXIII.

XXXIII.

Desembarca Nassau com turba ingente
 Junto de Tapagipe, e emprende o oiteiro,
 Que nomear costuma a vulgar gente
 Do antigo habitador, *Padre Ribeiro*:
Mas S. Felice, que o antevio prudente,
 De posto o bate, que occupou primeiro;
 E depois que seiscentos destro mata,
 Em grande parte o Belga disbarata.

XXXIV.

Largos dias Nassau bate a trincheira,
 Que lhe oppoz ao Quartel Banholo á frente;
 Mas o Belga em batalha verdadeira
 Por muitos dias se avançava ardente:
Cobre-se a terra em horrida maneira
 De hum monte de cadaveres ingente,
 Vendo os Belgas cahir, sem que desista
 Nassau com tanto sangue da conquista.

XXXV.

E já desfeito o exercito se via,
 Ferido o Official, e a gente morta,
 Sem que cessasse o ardor nos da Bahia,
 Que o S. Felice rege, e o Silva exhorta:
Pede tregoas Nassau nesta porfia,
 E tudo com a Tropa as náos transporta;
 Fugindo do perigo o infausto effeito,
 Com perda igual de gente, e de conceito.

XXXVI.

XXXVI.

Dous dias na enseada, por vingança
Bate a Esquadra a Cidade sem perigo,
Com balas, e granadas, que em vão lança,
Parecendo mais salva, que castigo:
Sobreveio ao Brazil nova esperança
De expugnar com mais forças o inimigo;
Mas foi o effeito das promessas vario,
Impedindo o soccorro o mar contrario.

XXXVII.

Vi neste tempo em confusão pasmosa
A Monarquia em Lisia dominante,
E a Casa de Bragança gloriosa
Nos quatro Imperios triunfar reinante:
A Bahia com pompa magestosa
Festejar o Monarca triunfante,
E o Pernambuco de desgraças farto,
Invocar Pai da Patria D. João Quarto.

XXXVIII.

Tratava o novo Rei com fé provada
A Batavica paz, que sem justiça,
Deixava ao mesmo tempo quebrantada
O Belga injusto pela vil cubiça:
Occupa o Maranhão Batava armada, (ça à
E outra Esquadra em Sersipe o incendio ati-
Pertendendo occupar com falso engano
Toda Africa, e Brazil ao Lusitano.

XXXIX.

XXXIX.

Cede do ſeu governo de affrontado
O General Naſſau, tornando a Hollanda,
Tendo o conſelho do Arrecife armado
Mil artificios de calumnia infanda:
Nem contra os habitantes moderado
O duro freio no governo abranda,
Onde a plebe aggravada que o experimenta,
O jugo ſacudir com gloria intenta.

XL.

João Fernandes Vieira foi na empreza
O inſtrumento da Patria liberdade,
Heróe, que ſoube uſar da grã riqueza,
Libertando o Brazil deſta impiedade:
De amigos, e parentes na defeza
Tentou furtivamente a ſociedade,
E como a pedra a Eſtatua de Nabuco,
O Belga derribou de Pernambuco.

XLI.

Nomeou Cabos, Tropas, Companhias,
Pedio ſoccorros, e invocou prudente,
Expondo do Hollandez as tyrannias
O Governo Brazilico potente:
Aviſa ſem demora Henrique Dias, (3)
Capitão dos Ethiopes valente,
E o forte Camarão, q̃ em guerra tanta, (4)
Com os ſeus Carijós o Belga eſpanta.

XLII.

XLII.

Ouve o Hollandez com ſuſto o movimento;
E querendo opprimir naſcente a chamma,
Com dous mil homens prevenia attento
A nova guerra, que o Vieira inflamma:
Deixára o Luſo Chefe o alojamento,
E os Belgas, que á cilada occulto chama,
Empenhou de hum lugar nas duras rocas,
A que o monte chamárão das Tabocas.

XLIII.

Entre arbuſtos, e canas de improviſo
Diſpara o Luſo ſobre a incauta gente;
E precedendo o damno antes do aviſo,
Disbarata o Hollandez com furia ardente;
Suſpende a marcha o Batavo indeciſo,
E ſem ver o inimigo, o golpe ſente,
Até que vendo o eſtrago dos ſoldados,
Cedem o campo, e fogem deſtroçados.

XLIV.

Hollanda era potente, e o Luſo afflito,
Onde enchendo Lisboa de ameaças,
Por ter noticia do infeliz conflito,
Meditava ao Brazil novas deſgraças:
Mas por guardar os ſeus o Rei invicto,
Diſpoz piedoſo nas Provincias laſſas,
Providencias, que á paz chamar pudeſſem
O tumulto, em que os noſſos permanecem.

XLV.

Vão com dous Regimentos destacados
O Moreno, e Negreiros da Bahia
A dar paz (se he possivel) destinados
Na guerra, que o Vieira então movia;
Virão veigas, e campos abrazados,
E o colono infeliz, que perecia,
Com lastima da Tropa, que observára,
Todo o estrago, que o Belga alli causára.

XLVI.

Avistado o Negreiros, e o Vieira,
Venho (disse o primeiro) a prizão dar-vos,
Por haver provocado a ira estrangeira
A huma guerra, que acabe de assolar-vos:
He justo que eu tambem prender-vos queira;
Mas será (disse o heróe) com abraçar-vos;
E assim dizendo alegre move o passo,
E os dous recebe com festivo abraço.

XLVII.

Outro tanto fazia a Tropa unida
Ao invicto Esquadrão Pernambucano;
E applaudindo a victoria conseguida,
Detestão do Hollandez o enorme engano:
Nem muito tarda a gente fementida,
Que não abraze a Esquadra ao Lusitano,
Onde embarcado pela paz chegára,
Como o Batavo proprio o convidára.

XLVIII.

Ouvem-se em tanto os miseros clamores
De turba feminina; que invocava
O soccorro dos seus libertadores
Contra o Belga cruel, que as cativava:
Mais não cessa o Vieira, e sem rumores
O Engenho, aonde incauto descançava
O Belga General cercado; bate,
E rendendo-o á prizão, vence o combate.

XLIX.

Henrique Hus do Arrecife Commandante
Era o Cabo dos Belgas prizioneiro,
Blac rendido tambem, Chefe importante,
Subalterno nas armas do primeiro:
Foge do Luso o Batavo arrogante,
Espalhando os fuzis no grão terreiro,
E a chamma teme, q̃ no horrendo empenho,
Lançára o Vieira pelo vasto engenho.

L.

Com fama de victoria tão brilhante
Toma as armas a plébe, e o Belga invade,
Serinhaem tomou, Villa possante,
O partido commum da liberdade:
Segue Tamaracá com fé constante,
Porto Calvo, e os contornos da Cidade,
Deixando ao Arrecife sem remedio,
Encerrado o Hollandez com duro assedio.

LI.

LI.

Mas não cessa na Hollanda a companhia,
E ao numeroso exercito, que ordena,
Sigismundo Van-Scop por Chefe envia,
Munido em guerra de potencia plena:
Do experto General, que desconfia
O premio ao valeroso, ao fraco a pena,
E emprendendo com forças o combate,
O inimigo Vieira ou prenda, ou mate.

LII.

Abordando o Arrecife então cercado,
A inercia dos seus Chefes reprehende;
Nem muito tarda, que no campo armado,
Não saia a Olinda, que expugnar emprende:
Em assalto a accommette duplicado,
E a brava Tropa, que ao presidio attende,
Com tanto alento o Batavo rechaça,
Que ferido Van-Scop se acolhe á Praça.

LIII.

Sem que desista da passada instancia,
Tenta de novo a empreza da Bahia;
Mas notando nos Lusos a constancia,
Que injúria do poder lhe parecia;
Consome do Reconcavo a abundancia
Com frequentes sortidas, que emprendia;
E porque cresça na Cidade o tédio,
Occupa Taparica, e põe-lhe o assedio.

LIV.

LIV.

Telles em tanto, que expulsar pertende,
Sem igual força o Batavo contrario, (de,
Contra o cómum conselho o ataque empren-
E tudo expõe no impulso temerario:
Mas vendo o Luso Rei, que a nada attende,
O Belga nos seus pactos sempre vario,
Manda Armada ao Brazil, que poderosa
A Batava Nação dome orgulhosa.

LV.

Teme o golpe Van-Scop, e desampara,
Por guardar o Arrecife, Taparica,
Antevendo que a Esquadra se prepara
Contra a Praça, que auxilio lhe supplíca:
Barreto de Menezes, que chegára
De novo General patente indica,
E em Pernambuco sublimado ao mando,
Com prudencia, e valor foi governando.

LVI.

Nove mil homens, Tropa valerosa,
E com frequentes palmas veterana,
Manda o Batavo a empreza perigosa,
Que á guerra ponha fim Pernambucana:
Occupa o mar Armada poderosa;
E dominando a praia Americana,
Usurpa em mar, e terra alto dominio,
Ameaçando dos Lusos o exterminio.

LVII.

LVII.

Põe-se em campanha o Batavo terrivel,
Com sete mil de veterana Tropa,
Vão densos bandos do Gentio horrivel,
Com destro gastador vindo da Europa:
E estimando a potencia irresistivel,
Cede ao Belga a Barreta, e quanto topa, (5)
Em quanto em defensiva o Luso fica,
E o campo contra o Belga fortifica.

LVIII.

Sigismundo porém, que os bastimentos
Em Moribeca assegurar procura,
Dispunha alli tomar alojamentos,
Estimando a victoria já segura:
Mas Barreto, e Vieira a tudo attentos,
Na justiça, que a causa lhe assegura,
Confião que na empreza o Ceo lhe valha,
E tudo vão dispondo a huma batalha.

LIX.

Nem com tanto poder Van-Scop recusa,
Decidir n'huma acção toda a contenda,
Antevendo; se a perde a gente Lusa, (da;
Que outra força não tem q̃ a guerra empren-
E já na marcha a multidão confusa,
A acção começa pelo fogo horrenda,
Esturbando dos Belgas toda a fórma,
Combatem com valor, porém sem norma.

LX.

LX.

Nos montes Guararapes se alojava
Formado o Portuguez, que o Belga espera;
E a escaramuça, que emprendêra brava,
Traz a sitio o Hollandez, que adverso lhe era:
Desde alto monte o Luso fogo obrava,
Com ruina dos Batavos tão fera,
Que ou seja ao lado, ou na espaçosa fronte,
Se cubrio de cadaveres o monte.

LXI.

Reune os batalhões Van-Scop irado,
E á fronte com valor da linha posto,
Tenta desalojar do alto occupado
O invicto Camarão, que lhe faz rosto:
Mas com chuva de balas rechaçado,
Perde tres vezes o ganhado posto;
E já ferido com mil mortos cede,
Em vil fuga, que a noite lhe concede.

LXII.

Noventa dos seus perde o Lusitano;
E em quanto o Belga se retira incerto,
Descobre a aurora todo o monte, e plano
De bandeiras, canhões, e armas cuberto:
Muitos alli do Batavo tyranno,
Perdidos pela noite em campo aberto,
Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
Nas mãos da nossa Tropa prizioneiros.

LXIII.

Horroriza-ſe Hollanda, paſma Europa,
Exalta Portugal, canta a Bahia,
Vendo-ſe triunfar tão pouca Tropa
Da terrivel Potencia, que a invadia:
Nada de humano o penſamento topa,
Que em tudo a mão de Deos clara ſe via,
Pois ſempre elege para os ſeus portentos
Os mais fracos, e humildes inſtrumentos.

LXIV.

Tinha exhauſta a ambição, mas não cançada
A cubiçoſa Hollanda em tal conquiſta;
E para novo empenho apparelhada,
Eſcolhe os Capitães, e a gente aliſta:
Mas do Britanno ás armas provocada,
Sobre intereſſe que mais alto aviſta,
Suſpende o influxo na famoſa empreza,
Deixando em Pernambuco a guerra acceza.

LXV.

Brinc a eſte tempo, Coronel valente,
Impetra de Van-Scop tropa luzida,
Com petrechos, e numero potente,
Que em batalha cruel tudo decida:
Sinco mil homens de eſcolhida gente,
De canhões, e petrechos guarnecida,
Põe no campo aſſombrado da Potencia,
Igualando o valor co'a diligencia.

LXVI.

Com dous mil e feiscentos veteranos
Faz-lhe frente Barreto, e o Belga invade;
Correm de toda a parte os Lusitanos
A sustentar á Patria liberdade:
Aloja o Luso sobre os mesmos planos,
Onde fora a passada mortandade;
O Belga na montanha se distingue,
Hum q̃ o estrago renove, outro q̃ o vingue.

LXVII.

Mas Brine a tudo attento desde o cume
Com pericia guerreira occupa o monte,
Onde seguindo o militar costume,
Dá fórma á retaguarda, e ordena a frónte:
Nem tão ousado o Portuguez presume,
Que em vantajoso posto o Belga affronte,
Esperando a occasião dalli opportuna,
De poder atacar com mais fortuna.

LXVIII.

Reconhece Barreto o ficio, e fórma;
E vendo o ardor da Lusitana gente,
Que, habil no passo, da subida o informa,
Faz que o bravo Vieira ataque ardente:
E cubrindo a invasão com sábia norma,
Com o fogo protege o assalto ingente,
Até que por mil casos duvidosos,
Vê sobre o monte os campeões briosos.

LXIX.

Nova batalha alli com fogo vivo
  Move impavido o Belga, e firme insiste;
  E por mais que o Vieira invada activo,
  Onde hum corpo vacilla, outro resiste:
Tal ha que ainda combate semivivo;
  Tal que cadaver já na morte triste,
  A terra morde, e em raiva enfurecida,
  Blasfemando do Ceo, despede a vida.

LXX.

A toda a parte voa o Grão Barreto,
  E hum anima, outro ajuda, outros exhorta;
  E excitando no Luso o Patrio affecto,
  Incita o forte, o invalido conforta:
Bramava o fero Brinc em sangue infeto,
  Entre a Batava turba oppressa, e morta,
  Assalta horrendo hum batalhão potente,
  E outros reprime com ferocia ardente.

LXXI.

Mas o invencivel Camarão, que o nota
  Hum forte troço da reserva abala;
  E suspendendo a misera derrota,
  Lança o Belga por terra de huma bala:
Logo o Almirante da soberba Frota,
  Vendo invalido Brinc cahir sem falla,
  Occupa o mando, que já vago estima,
  E o Batavo á peleija altivo anima.

LXXII.

Não soffre Henrique Dias, que observava
Do novo Chefe a intimação constante;
E de hum tiro, que fero lhe apontava,
Derriba morto o intrepido Almirante:
Sem Commandante o Belga trepidava,
E de hum, e de outro lado vacillante,
Huma vil fuga timido declara,
E o campo com desordem desampara.

LXXIII.

O estandarte soberbo dos Estados;
Tendas, peças, bandeiras numerosas,
Mil e trezentos mortos numerados,
Prizioneiros, bagagens preciosas:
Muitos centos na fuga degollados,
A caixa militar, armas custosas,
Forão nesta occasião de tanta gloria
O merecido prémio da victoria.

LXXIV.

Cinge o Arrecife de hum assedio estreito
Com prompta cura o Chefe Lusitano;
Mas tendo longa guerra o Belga feito,
Era contínuo sim, mas mutuo o damno:
Até que Jaques ao commando eleito
No campo se avistou Pernambucano,
Conduzindo em fortuita derrota
Para o Luso commercio a usada Frota.

LXXV.

Por mar, e terra sitiada a Praça,
Depois do longo assedio de nove annos,
Com mil desastres fatigada e lassa,
Cedeo todo o Brazil aos Lusitanos:
Mercê clara do Ceo, patente graça,
Que a tão poucos, e miséros paizanos
Cedesse huma Nação, que enchia em guerra,
De Armadas todo o mar, de espanto a terra.

LXXVI.

Assim modera o Padre Omnipotente
Do ignorante mortal a incerta sorte,
Por fazer com taes casos evidente
Que não he quem mais póde o q̃ he mais for- (te:
Tudo rege na terra a Mão potente;
Delle a victoria pende, a vida, a morte;
E sem o seu favor, que o distribue,
Todo o humano poder nada conclue.

LXXVII.

Triunfou Portugal; mas castigado,
Teve em tal permissão severo ensino,
Que só se lograrà feliz reinado,
Honrando os Reis da terra ao Rei Divino:
E que o Brazil aos Lusos confiado,
Será, cumprindo os fins do alto destino,
Instrumento talvez neste Hemisferio,
De recobrar no Mundo o antigo Imperio.

LXXVIII.

LXXVIII.

Vi no sonho mil casos differentes,
  Que no curso viráõ de outras idades:
  Vi Provincias notaveis, e potentes;
  Vi nascer no Brazil aureas Cidades:
Famosos Vice-Reis, e illustres gentes,
  Tantos successos, tantas variedades,
  Que sómente pintado, como em sombra,
  Confunde o pensamento, a vista assombra.

LXXIX.

Prelados vi de excelsa Jerarquia,
  E entre outros da maior celebridade
  O claro Lemos, que enriqueça hum dia
  De novas Sciencias a Universidade:
Elle ornará depois a Academia
  Com construcções de excelsa magestade,
  E em doutrina a fará com sabio modo
  O Atheneo mais famoso do Orbe todo.

LXXX.

Deo Catharina fim, e arrebatada
  N'hum extase ficou, vibrando ardores;
  Corriáo pela face em luz banhada
  Lagrimas bellas, como orvalho em flores:
Fica a pia assemblea esperançada
  De outros successos escutar maiores;
  E dando tempo ao somno milagroso,
  No abraço a deixáo do celeste Esposo.

S.

(1) *S. Felice.* He o célebre Conde de Banholo, Official pratico, mandado de Hespanha para exercitar, e disciplinar as nossas Milicias.

(2) *Do Rei grandeza.* Por esta acção generosa, que salvou a Bahia, foi creado por Filippe IV. primeiro Conde de S. Lourenço.

(3) *Henrique Dias.* Negro valerosissimo, e Commandante dos Ethiopes, que tiverão grande parte na restauração do Brazil.

(4) *Camarão.* D. Antonio Filippe Camarão, Americano de origem, e nação, bravissimo Capitão dos Carijos; que se fez terrivel aos Hollandezes em frequentes combates, que lhes deo.

(5) *Barreta.* Fortaleza importante dos nossos junto ao Arrecife.

CAN-

CANTO X.

I.

CHeia de assombro a turba a Dama admira
Tornada a si da suspensão passmosa;
E da nova visão, que alli sentíra,
Prosegue a ouvir-lhe a narração gostosa:
Mais bella que esse Sol, que o Mundo gyra,
E com côr (disse) de purpurea rosa,
Vi formar-se no Ceo nuvem serena,
Qual nasce a Aurora em madrugada amena.

II.

Vi luzeiros de chamma rutilante
Sobre a esfera tecer claro diadema,
De materia mais pura que o diamante;
Que obra parece de invenção Suprema.
Luzia cada estrella tão brilhante,
Que parecia hum Sol, precioso emblema
De admiravel bellissima pessoa,
Que á roda da cabeça cinge a coroa.

III.

III.

Do ouro fino os cabellos parecião,
  Que huma aura branda aos ares eſpalhava,
  E huns dos outros talvez ſe dividião,
  E outra vez hum com outro ſe enredava:
Frechas voando, mais não feririão,
  Do que hum ſó delles a alma penetrava;
  Cabellos tão gentis, que o Eſpoſo amado
  Se queixa, que de hum delles foi chagado.

IV.

A frente bella, candida eſpaçoſa,
  Cheia de celeſtial ſerenidade,
  Vislumbres dava pela luz formoſa
  Da immortal ſoberana claridade:
Vê-ſe alli manſidão reinar piedoſa,
  E involta na modeſtia a ſuavidade,
  Com graça, a quem a olhava tão ſerena,
  Que excitando prazer, deſterra a pena.

V.

Dos dous olhos não ha na terra idea,
  Que aſtros, flores, diamantes eſcurecem;
  Ou na belleza de mil graças chea,
  Ou nos agrados, que brilhando offrecem:
N'hum olhar ſeu toda alma ſe encadea,
  E mil votos á roda lhe apparecem,
  Dos que a ſeu culto glorioſo aliſta,
  Outorgando o remedio n'huma viſta.

VI.

Das faces bellas, ſe na terra houvera
 Imagem competente que a pintára,
 As flores mais gentís da Primavera
 Pelo encarnado, e branco eu comparára:
Mas flor não naſce na terrena esfera;
 Não ha eſtrella no Ceo tão bella, e clara,
 Que não ſeja, ſe a oppôr-ſe-lhe ſe arriſca,
 Menos que á luz do Sol breve faiſca.

VII.

Da boca formoſiſſima pendente
 Paſma em ſilencio todo o Ceo profundo:
 Boca, que hum *Fiat* pronunciou potente,
 Com mais effeito, que ſe creaſſe hum Mundo;
Odorifero cheiro em todo o ambiente
 Do labro ſe eſpalhava rubicundo;
 Fragrancia celeſtial, que amante, e pia
 No Filho com mil oſculos bebia.

VIII.

Todos ſuſpende em paſmo reſpeitoſo
 O amavel formoſiſſimo ſemblante;
 E mais nelle ſe oſtenta poderoſo
 O Soberano Author do Ceo brilhante:
Pois quanto tem o Empyreo de formoſo,
 Quanto a angelica luz de ruſilante,
 Quanto dos Serafins o ardente incendio,
 De tudo aquelle roſto era hum compendio.

IX.

IX.

Nas brancas mãos, que angelicas se estendem,
Hum desmaiado azul nas veias tinto,
Faz parecer aos olhos, quando o attendem,
Alabastros com fundos de jacinto:
Ambas com doce abraço ao seio prendem
Formosura maior, que aqui não pinto;
Porque para pincel me não bastára,
Quanto Deos já creou, quanto creára.

X.

Mas se não se dedigna o Verbo Santo
Por nosso amor, de hum symbolo rasteiro;
Dentro parece do Virgineo Manto,
Pascendo em brancos lirios hum Cordeiro:
Os olhos com suavissimo quebranto
Lhe occupa hum doce somno lisongeiro,
A' roda os Serafins, que o estrondo impedem,
Para o não dispertar silencio pedem.

XI.

Aos pés da Mãi piedosa superada
Vê-se a antiga Serpente insidiosa,
De que a fronte na culpa levantada,
Quebra a planta Virginea gloriosa:
E enroscando os mortaes já quebrantada,
Ao éco só da Virgem poderosa,
No mais fundo do abysmo se submerge;
E o feral antro do veneno asperge.

XII.

XII.

Ao ver belleza tanta o pensamento,
Que a linda Imagem sorprendia absorto,
Ouve no centro d'alma hum doce accento,
Que o peito enchia de vital conforto:
E como infunde ás plantas novo alento
O matutino orvalho em fertil horto,
Tal dos doces influxos na abundancia
Dentro d'alma eu senti nova constancia.

XIII.

Catharina (me diz) verás ditosa
Outra vez do Brazil a terra amada;
Faze que a Imagem minha gloriosa
Se restitua de vil mão roubada:
E assim dizendo, nuvem luminosa,
Como véo, cobre a face desejada;
E faz que na memoria firme exista
Entre amor, e saudade a doce vista.

XIV.

Assim conclue Catharina, enchendo
De duvidoso assombro a companhia:
Que Imagem fosse aquella, hião dizendo,
Ou qual delles acaso a roubaria?
Se a Mái de Deos mysterios involvendo,
D'outra copia intrior o entenderia?
Ou queria talvez que em santo trato
Se restitua n'alma o seu retrato.

XV.

Mas véla em tanto appareceo boiante,
  Que junto da Bahia o mar cortava;
  Onde em bandeira, que lançou flammante,
  O Leão das Hespanhas tremolava:
Vem á falla com salva fulminante;
  E a Franca não, que á terra velejava,
  Posto á capa o Hespanhol, cortez visita,
  E o claro Diogo a visitallo incita.

XVI.

E depois que em festivo amigo abordo
  O bom Gonzales o Hospede festeja,
  Excitou-se nos dous claro recordo,
  De quem o Hispano foi, quem Diogo seja:
Ambos nos braços, de commum acordo,
  Hum a outro mil ditas se deseja;
  Reconhecendo o Luso o nobre Hispano
  Por hum dos companheiros de Arelhano.

XVII.

Carlos o grande, o Imperador famoso
  Grato por mim a saudar-te envia
  (Disse a Diogo o Hispano generoso,
  Soccorrido a outro tempo na Bahia):
Ouvio o invicto Cesar, gracioso
  O teu obsequio á Hispana Monarquia,
  E o serviço, que grande considera,
  Por mim no seu agrado remunera.

XVIII.

XVIII.

E porque possa em caso equivalente
Retribuir-te aquella acção piedosa,
Salva aqui te offereço a' infausta gente,
Perdida nessa praia desditosa:
De cativeiro barbaro, e inclemente
Vivia na oppressão laboriosa,
Até que destas armas protegida,
Remio na liberdade a infausta vida.

XIX.

Garcés então da gente Lusitana
O mais distinto, que o discurso ouvia,
Confessa o beneficio á força Hispana,
E a historia de seus casos principia.
Depois que a gente abandonaste insana,
Com teu aviso, a Lusa Monarquia
Gentes aqui mandou, nãos poderosas,
Que as Nações sujeitassem bellicosas.

XX.

Foi Pereira Coutinho o destinado
A fazer da Bahia a grã conquista;
Heróe no Indico Imperio celebrado,
Em quem nova esperança o Luso avista.
Tudo tinha o bom Chefe preparado,
Formosas nãos ajunta, e gente alista;
E á grã população, que meditava
De hum sexo, e d'outro as gentes convidava.

XXI.

XXI.

E ſem demora as praias occupando,
Foi dos Tupinambas, com teu recordo,
As potentes aldeas viſitando,
Com amiga alliança em firme acordo.
Do Sertão vaſto em numeroſo bando
Deſciáo, feſtejando o noſſo abordo,
Os Carijos, Tapuias, e outras gentes,
Por fama do teu nome obedientes.

XXII.

Gupeva, e Taparica celebrados
Entre os Tupinambas, Naçáo, que habitá
Os campos da Bahia dilatados,
Antes de outros Coutinho ſolicita:
E por vellos comtigo emparentados,
Povoar o Reconcavo medita
Da gente, que o teu nome reconhece,
Onde de dia a dia o povo creſce.

XXIII.

Todo o fertil terreno utilizando,
Donde riqueza ſe offerece tanta,
Engenhos vai de aſſucar fabricando,
Aldeas, caſas, máquinas levanta;
E as drogas precioſas commutando,
A mandioca, arroz, e a cana planta;
Nem duvida que ſeja em tempo breve
A Colonia melhor, que Europa teve.

XXIV.

XXIV.

Eſcolha faz nas Tabas numeroſas
Dos que acha no trabalho mais activos;
Mas guarda para emprezas bellicoſas
Os que em ferocia reconhece altivos:
A todos com maneiras amoroſas
Propõe da Fé Chriſtã claros motivos;
E a condição notando em cada raça,
Huns doma com terror; outros com graça.

XXV.

Sabe que em gente tal nada ſe colhe,
Depois de endurecer na idade adulta,
Onde na puericia os mais eſcolhe
Por dar-lhe em breve a educação mais culta:
Nem dos pais violento algum recolhe;
Mas do proveito, que de alguns reſulta,
Induz a gente barbara que o ſegue,
Que a prole á educação goſtoſa entregue.

XXVI.

Em cuidadoſa eſcola o terno ſanto
Antes das Artes a qualquer ſe enſina;
Dão-lhe lições de ler, contar, do canto,
E o Catheciſmo da Chriſtã Doutrina:
Vendo-os o rude Pai, concebe eſpanto;
E pelo filho a Mãi á Fé ſe inclina;
Nem de meio entre nós mais apto ſe uza,
Que aquella gente barbara reduza.

XXVII.

E eſtes ſeráõ, ſe a idéa não me engana,
Meios à grande empreza neceſſarios,
Que em bréve a gente rude fora humana,
Com Eſcolas, e Regios Seminarios:
Foge, ſem ſe domar a gente inſana,
Se em forças, e poder nos vê contrarios;
Mas educada em tenra mocidade,
Dilataria o Reino, e a Chriſtandade.

XXVIII.

Mas no meio das bellas eſperanças,
Com que a nova Colonia florecia,
Move a Serpe infernal deſconfianças
Entre os Tupinambás, e os da Bahia:
Foi a cauſa infeliz deſtas mudanças
Hum intereſſe vil de gente impia,
Que os póvos offendendo em paz amigos,
Cobrírão toda a terra de inimigos.

XXIX.

Gupeva foi dos ſeus abandonado;
Taparica foi morto; a Luſa gente
Do Gentio nos matos rebellado
Contínua perda nas lavouras ſente:
Queimada a planta foi, perdido o gado,
E cercado o arraial incontinente,
Vio Coutinho por barbara violencia
Perdido o ſeu theſouro, e diligencia.

XXX.

Na geral afflicção do Luso povo
  A lugar se recorre mais tranquillo;
  Buscamos nos Ilheos hum sitio novo
  Contra a turba feroz, seguro asylo:
E já Coutinho se dispõe de novo,
  Vendo manso o Gentio, a reduzillo,
  Fabricando Colonia de mais dura,
  Menos fecunda sim, mas mais segura.

XXXI.

Mas os Tupinambás, melhor cuidando,
  Com promessas os nossos convidavão,
  Com mil amigas provas protestando
  De conservar a paz, que antes guardavão.
Creo o infeliz Coutinho celebrando
  Pactos, que segurança a todos davão;
  E sem temor de mais, voltar queria
  Ao Reconcavo antigo da Bahia.

XXXII.

E já no mar a frota se esquipava;
  E cada hum de nós na empreza absorto,
  Sem temor, ou receio só cuidava
  Em fazer ao Reconcavo transporte:
Navegámos o espaço, que distava;
  E tendo á vista o desejado porto,
  Com furia o mar aos Astros se levanta,
  Em cerração do Ceo, que á vista espanta.

XXXIII.

O ar caliginoso, e em nevoa impuro
Tirou-nos toda a vista, e sem destino.
Batemos cegos n'hum penhasco duro,
Sem termos do lugar noticia, ou tino:
Neste momento horrivel, transe escuro,
Supplicando o favor do Ceo Divino,
Vemos a nào, com horridos fracaços,
Desfazer-se na penha em mil pedaços.

XXXIV.

Ficámos, como o entendes, alagados,
Nadando em meio da procella horrenda;
Huns das ondas se affogáo devorados,
Outros na praia em confusão tremenda:
E eis-que os crueis Tupis encarniçados
Com frechas se empenhárão na contenda,
Por levar-nos da arêa semivivos
A' sorte dos seus miseros cativos.

XXXV.

Muitos vimos dos barbaros comidos,
Alguns dispostos ao funesto caso,
Afflictos todos nós, e esmorecidos,
E esperando qualquer seu triste praso:
Mas de ti sobre tudo condoidos,
Triste Coutinho, que no acerbo caso,
Depois de triunfar d'Asia assombrado,
Perdeste infelizmente a vida amada.

XXXVI.

XXXVI.

Tu, que mil vezes no remoto Oriente
  Levantaste troféos de gloria onustos;
  A quem cedêra o Malabar potente
  Em Armadas, e Exercitos robustos:
Tu, que foste o terror da Indica gente,
  Que da Lisia humilhaste aos Reis Augustos;
  Lá estava em tanto a tua sorte escrita
  De vires a acabar nesta desdita.

XXXVII.

Mais proseguir não póde suffocado
  O bom Garcez em amargoso pranto;
  E condoeo-se Diogo, recordado
  De ver-se em outro tempo em caso tanto:
E havendo os naufragantes consolado:
  Não sou (diz) insensivel, que sei quanto
  Acerbo o caso he, cruel o artigo,
  E a piedade aprendi no meu perigo.

XXXVIII.

Recebei entre tanto valerosos
  Com magnanimo peito a adversidade;
  Conseguireis por transes perigosos
  Fazer-vos dignos da immortalidade.
Deixareis monumentos gloriosos
  A huma longa, e feliz posteridade;
  E ganhando obtereis com tanta gloria
  Hum nome eterno nos padrões da Historia.

XXXIX.

Diſſe o piedóſo Heróe, reconhecendo
Ao Hiſpano Monarca pelo Enviado
O diſtincto favor, e á mercê vendo
Achar memoria no real agrado:
A' não depois os ſocios recolhendo,
No Reconcavo entrava deſejado,
Onde a viſta formoſa da Bahia
Com perſpectiva amena apparecia.

XL.

A ver na eſtranha não, que gente aporte,
Deſde o interior Sertão turba recrece,
E bem que differente em trage, e porte,
Catharina dos ſeus ſe reconhece:
Entre applauſos recebe a Nação forte
O grão Caramurú, como merece,
Moſtrando pelo amor, e reverencia
No antigo affecto a nova obediencia.

XLI.

Carrega em tanto o lenho deſejado
A não de Du-Pleſſis, que Diogo eſtuda,
Que ſeja em toda a terra obſequiado,
Dando-lhe ao talho da madeira ajuda:
Hum Carijó porém niſto empregado,
Em quanto a carga em toda a não ſe muda,
Huma Imagem roubou formoſa, e bella,
Que á não venera na interior Capella.

XLII.

XLII.

Obſervou-a Diogo na cabana
  Tirada dos Tupís com reverencia,
  Eſtimando-a por couſa mais que humana,
  Que excedia dos ſeus a intelligencia;
Sorprendeo-ſe da Imagem ſoberana
  O Luſitano Heróe: e á competencia
  Com elles venerando a Mãi Divina,
  Chama a velha a piedoſa Catharina.

XLIII.

Poz-lhe os olhos a Dama transportada:
  Eſta he (diſſe) *he eſta a Grão Senhora,*
  Que vi no doce ſonho arrebatada
  Mais que o Sol pura, mais gentil que a aurora:
Eis-aqui! eſta he a Imagem venerada:
  Eſte era aquelle ſonho: entendo agora:
  Oh minha grande ſorte! Oh immenſa dita!
  Iſto me quiz dizer a Mãi bemdita.

XLIV.

Dizendo aſſim com anſia fervoroſa,
  Poſtrada abraça a Imagem veneranda:
  Beija, aperta-a, e de goſto lagrimoſa
  Mil ſaudoſos ais ao Ceo lhe manda:
Aqui vos venho achar, Mãi piedoſa,
  No meio (diſſe) deſta gente infanda!
  Infanda, como eu fui, ſe o voſſo lume
  Não me emendára o barbaro coſtume.

XLV.

XLV.

Olha em tanto suspensa a gente bruta,
E os excessos, que vê, cuidando, admira;
Nem concebe nas vozes, que lhe escuta,
Se prazer seja, se de dor suspira:
Mas como a Imagem celestial reputa
Quanto á Dama piedosa obrando vira,
Qualquer imitação fazer deseja,
E este a adora, outro a abraça, e aquelle a bei-ja.

XLVI.

O Lusitano, e o Franco Religioso
Venerárão com fé prodigio tanto,
Lembrando-se do sonho portentoso,
Com claro indicio do presagio santo:
Em quanto o bruto povo numeroso
Tudo nota em hum extasi de espanto;
Até que a hum Templo em pompa veneranda
A pia multidão á Imagem manda.

XLVII.

Por santa invocação foi acclamada
A Senhora da Graça, e com fé pia
Foi desde aquelle dia venerada
Singular Protectora da Bahia:
Igreja primitiva dedicada
Em meio ás trévas dessa gente impia,
Memoravel (se a fama he verdadeira)
Porque em todo o Brazil foi esta a primeira.

XLVIII.

XLVIII.

Neste festejo a plebe se encaminha,
E eis que huma salva se ouve estrepitosa
De grande Armada, que estendendo vinha
Galhardetes, e flammulas lustrosa:
Tudo ao tumor da frota se encaminha,
Vendo a bandeira tremolar famosa,
Que no brazão das Quinas representa
A redempção, que o Ceo na terra intenta.

XLIX.

Era Thomé de Sousa o Commandante,
(Que alli Governador fora mandado)
Com multidão de gentes abundante,
Para dar fórma ao povo começado:
N'hum sitio entre mangues verdejante,
Que do grão Caramurú tinha habitado,
Da Colonia, que às Tabas se assemelha,
O nome pôz, e foi de Villa-Velha.

L.

Alli por Principal constituido
Foi dos Tupinambás o claro Diogo;
Das Tabas do Sertão reconhecido,
Como Dragão do mar, filho do fogo:
Catharina por sangue esclarecido
Herda de seus Avós o Imperio logo,
Convocando á Bahia nessa idéa
Dos seus Tupinambás toda a assembléa.

LI.

LI.

A' Taba de Gupeva já habitada,
Onde hoje he Villa-Velha, a turba corre;
Das outras Tabas toda a gente armada
Com os seus Principaes a ouvir concorre:
Toda a Cidade em corpo congregada
A' grande casa concorreo da Torre,
Paço de Catharina, que na empreza
Presidia aos Tupís, como Princeza.

LII.

A seu lado Diogo, e Sousa armado
A' Camara preside da Bahia (2)
O Clero famoso a Deos tendo invocado,
Ouvio-se dos clarins doce harmonia:
A Tropa Portugueza occupa hum lado
Todo o outro espaço o Barbaro cobria;
E em meio a cada casta alli presente,
Brilha emplumado o Principal potente.

LIII.

De Varões Apostolicos hum bando
Tem de innocentes o esquadrão disposto,
Que hião na Santa Fé disciplinando,
Todos assistem com modesto gosto:
O Catecismo em cantico ensinando,
No idioma Brazilico composto.
Do Exercito, que Ignacio á Igreja alista,
Para emprender a barbara conquista.

LIV.

LIV.

Sentio da Patria o público proveito
O Monarca piissimo, que impera;
E estes Varões famosos tinha eleito
A instruir o Brazil na Fé sincera:
Elles toda a conquista houveráo feito,
E o immenso Gentio á Fé viera,
Se cuidasse fervente o santo zelo, (3)
Sem humano interesse em convertello.

LV.

Sáo desta especie os Operarios santos,
Que com fadiga dura, intençáo reta,
Padecem pela Fé trabalhos tantos,
O Nobrega famoso, o claro Anchieta:
Por meio de perigos, e de espantos,
Sem temer do Gentio a brutal seta,
Todo o vasto Sertáo tem penetrado,
E a Fé com mil trabalhos propagado.

LVI.

Muitos destes alli, velando pios,
Dentro ás rocas das arvores occultos,
Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
Sem recear os barbaros insultos:
Penetráo matos, atravessáo rios,
Buscando nos terrenos mais incultos
Com immensa fadiga, e pio ganho
Esse perdido misero rebanho.

LVII.

LVII.

Mais de hum verás pela campanha vasta
Derramar pela Fé ditoso sangue;
Quem morto ás chammas o Gentio arrasta,
Quem deixa a setta com o tiro exsangue:
Vellos-has discorrer de casta em casta,
Onde o rude Pagão nas trévas langue;
E ao Ceo lucrando as miseraveis almas,
Carregados subir de inclitas palmas.

LVIII.

Com Corte tanta no sublime Paço,
Que a grão Casa da Torre se appellida,
Orando Catharina hum breve espaço,
O throno occupa, e as attenções convida:
Tinha emplumada a fronte, e o forte braço,
Como insignia de Imperio conhecida,
Hum maracá que por sceptro sustentava,
Que toda a turba com respeito olhava.

LIX.

Venturosos Paizanos, que o Ceo ama,
(Disse a Dama Real) povo disperso,
Que elle ao rebanho seu piedoso chama,
Desde o antigo diluvio em sombra immerso:
Hoje vos quer livrar da Averna chamma,
Vendo arrastrar-vos do Dragão perverso,
Esse Christo Deos, que de huma Cruz sublime
A pena satisfaz, e a culpa opprime.

LX.

Da antiga Lusitania o Rei potente,
Acompanhando o Sol no gyro immenso,
Vai rodeando todo o Globo ingente,
Desde o aurifero Tago ao China extenso:
Por elle a Fé recebe todo o Oriente,
O Mouro cede de pavor suspenso,
E Europa admira pelo mar profundo,
Que o seu Reino menor subjugue hũ Mundo.

LXI.

Deste grande Monarca he tanto o Imperio,
Que aonde a propria luz não se encaminha,
Nos limites extremos do hemisferio,
O Lusitano Exercito caminha.
A Africa, e Ilhas, o Arabe Cimerio,
Duas vezes passando a immensa linha,
Possue tantos póvos, que a contallos
São mais que os Portuguezes seus Vassallos.

LXII.

Este Rei glorioso foi o eleito
Por Providencia da eternal Bondade,
A fazer do Brazil hum povo acceito,
E digno de a gozar na Eternidade:
Pudera desta gente o forte peito,
Tendo na Asia opulenta immensidade,
Estes nossos Sertões trocar incultos
Por Nações ricas, e terrenos cultos.

LXIII.

LXIII.

Pudera com as forças, que aqui manda,
Com pouca utilidade, ou mais que fora,
Domar o roxo mar por toda a banda,
E o Reino todo poſſuir da Aurora.
Mas a piedade faz, com que commanda,
Que antepondo o Brazil a tudo agora,
Moſtre aos homens, q̃ o impulſo q̃ o domina,
He propagar no Mundo a Fé Divina.

LXIV.

Generoſo penſar! ſagrada empreza!
Longe da vã Politica de Eſtado,
Que ſe a Milicia, ſe o Commercio preza,
Não tem da Santa Fé menor cuidado.
Mas o que rege a vaſta redondeza,
E a ſorte dos Imperios tem fixado,
Lá virá tempo em fim que o zelo pague,
E em ouro o Tago do Brazil ſe alague.

LXV.

Hum Rei, ſenão me engana oculto inſtinto,
Quando o Quarto remir as Luſas Quinas,
Depois do Sexto Affonſo, e Pedro extinto,
Abrirá no Sertão famoſas Minas:
Fará de ouro Lisboa D. João Quinto;
Altas diſpoſições do Ceo Divinas!
Pois no tremor, e incendio, que a ameaça,
Prepara eſte ſubſidio á ſua deſgraça.

LXVI.

LXVI.

Tempo virá, que Dama mageſtoſa
Por Soberana a Liſia reconheça,
Epoca illuſtre, inſigne, e venturoſa,
Em que tenha huma Santa por Cabeça.
Deſcerá ſobre o Reino a paz formoſa,
E com a paz fará que a gloria deſça;
Atlantes tendo do ſeu Regio Eſtado,
Quatro Sabios, e hum inclito Prelado.

LXVII.

E tu, Monarca Juſto, do Ceo vindo,
Venha-te a palma ſobre o Empyreo tarda,
E Pai da Patria ao Reino preſidindo,
Com zelo a antiga Fé nos noſſos guarda:
Enche o grão nome, as portas reprimindo
Do monſtro Averno: que nos fundos arda;
Que deixe Portugal, que na Fé medra,
E Chriſto firma ſobre a immovel pedra.

LXVIII.

Eſta inſigne Progenie o Ceo promette,
Brazil agora rude, aos teus vindouros,
O côllo humilde em tanto ao Rei ſobmette,
E offerece-lhe contente os teus theſouros:
E entre tantas Nações, que ao jugo mette
A' ſombra Portugal dos verdes louros,
Sem provares da Guerra o furor vario,
Chega ao Throno a humilhar-te voluntario.

LXIX.

LXIX.

E se Princeza me chamáis sublime
Dos vossos Principaes nascida herdeira;
Se, ao Grão Caramurú, que o raio imprime,
Jurastes vassallagem verdadeira:
Elle da sujeição tudo hoje exime,
Cedendo ao Throno Luso a posse inteira;
E eu do Monarca na Real Pessoa
Cedo todo o direito, e entrego a Croa.

LXX.

Dizendo assim a Dama generosa,
Desce do Throno, e o esplendido Diadêma
Entrega ao Sousa; e toma magestosa
Hum baixo assento com modestia extréma:
Pasma o Tupinambá, vendo a formosa
Nobre Paraguaçú de claro Estema,
Que o seu Regio Marraque ao Sousa dando,
Despia a pompa do Real Commando.

LXXI.

Logo o Caramurú na lingua, e estilo
Dos naturaes fallando ao Chefe novo,
Posto tudo em silencio para ouvillo,
O escudo da Bahia mostra ao povo.
A pomba de Noé, que ao noto asylo
Com ramo de oliveira vem de novo,
Dando a entender a paz, que á crúa gente
Com a Fé dispensava o Rei Clemente.

LXXII.

LXXII.

Eſte he o titulo (diſſe) verdadeiro,
Com que occupa o Brazil neſta Anarquia
O muito Alto Senhor D. João Terceiro,
A fim que em paz ſe tenha a turba impía:
Porque ao ſupremo Ser, e Ente primeiro
Reconheça o Sertão, ſirva a Bahia;
E porque propagada a Fé ſe veja
No novo Imperio, que conquiſta á Igreja.

LXXIII.

Diſſe Diogo, e as Quinas tremolando,
Real, *Real*, com voz clama expreſſiva,
Por D. João Monarca venerando,
Principe do Brazil, que fauſto viva.
Reſponde a turba os vivas replicando,
Com tão alto clamor, que o ouvido priva;
E ao rumor dos canhões, e das cornetas
Correſpondem as bellicas Trombetas.

LXXIV.

Então ſentado ſobre o Solio ingente,
Que já deſoccupára a Dama bella,
Como Governador da Luſa gente
Thomé de Souſa cortejado della;
Toma poſſe legitima, e patente
Da Bahia, e Sertão, e ſem querella
Do habitante, que os campos deſoccupa,
Em nome dos ſeus Reis a terra occupa.

LXXV.

Depois ao povo, e illuſtre Magiſtrado
Por Leis do novo Imperio manifeſta,
Que ſeja o Nome ſanto venerado;
Que ceſſe nos Sertões a guerra infeſta;
Que o Homicidio ſe veja caſtigado
No Antropófago atroz, que a Lei deteſta;
Que a Embaixada Evangelica, que envia,
Se ouça com paz, e ſe honre quem a annuncía.

LXXVI.

Que o indigena ſeja alli empregado,
E que á ſombra das Leis tranquillo eſteja;
Que viva em liberdade conſervado,
Sem que opprimido dos Colonos ſeja:
Que ás expenſas do Rei ſeja educado
O Neofito, que abraça a Santa Igreja;
E que na ſanta empreza ao Miſſionario
Subminiſtre ſubſidio o Regio Erario.

LXXVII.

Por fim publíca do Monarca reto,
Em favor de Diogo, e Catharina
Hum Real honorifico Decreto,
Que ao ſeu merecimento honras deſtina;
E em recompenſa do leal affecto,
Com que a coroa a Dama lhe conſigna;
Manda honrar na Colonia Luſitana
Diogo Alvares Correa de Vianna.

 De

(1) *De ſeus Avós.* Vê-ſe ainda hoje a Inſcripção da ſua ſepultura, que a intitula *Princeza do Brazil.*

(2) *A Camara.* Ainda hoje por aſſento feito em Camara ſe faz na Bahia o Anniverſario a Catharina Alvares, com eſta memoria.

(3) *O ſanto zelo.* Não referimos eſta expreſsão aos ſujeitos, de que ſe falla, que fora huma contradicção; mas vagamente a quem houveſſe ſido cauſa de decahirem aquellas Miſsões.

F I M.

Vende-ſe na loja de João Joſé Du Beux, defronte da Igreja de N. Senhora dos Martyres.

Frim Ferrimota —

Et Sor dos pes de Deos

Passando pelo Mondo —

Rocha Pitta

Martinière, Dict. 6 vol. fol. (interlinear: Bruzen)

De Bry

Castriote Lusitane

Clavigero Hist. Mex.

Charlevoix Hist. D. —

B. p. Prof. d'Arbeazi collection, out of Portuguese Fund. 1935

Vet. Port. II A.15

TAYLOR INSTITUTION

DOMI NUS ILLU MINA TIO MEA